COMO DESTRUIR A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

e outras idéias do abismo cultural

PETER KREEFT

VIDE EDITORIAL

COMO DESTRUIR A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Peter Kreeft

Como destruir a civilização ocidental

e outras idéias do abismo cultural

Tradução:
Ana Cecília Pedroso Barbosa

Como destruir a civilização ocidental:
e outras idéias do abismo cultural
Peter J. Kreeft
1ª edição — agosto de 2023 — CEDET
Título original: How to destroy Western Civilization
and other ideas from the cultural abyss.
Copyright © 2021 by Ignatius Press, San Francisco

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,
Condomínio GR2 Campinas — módulo 8
CEP: 13069–096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefone: (19) 3249–0580
e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:
Felipe Denardi

Tradução:
Ana Cecília
Pedroso Barbosa

Revisão e preparação:
Vitório Armelin

Diagramação:
Gabriel Hidalgo

Capa:
Lucas Gabriel
Goes de Macêdo

Revisão de provas:
Natalia Ruggiero
Juliana Gurgel
Paulo Bonafina

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo
de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Kreeft, Peter.
Como destruir a civilização: e outras idéias do abismo
cultural; / Peter Kreeft; tradução de Ana Cecília Pedroso
Barbosa — Campinas, sp: Vide Editorial, 2023.

ISBN: 978-85-9507-195-7

1. Filosofia moderna — Ensaios — 190-2
i. Autor ii. Título

CDD — 190-2

1. Filosofia moderna — Ensaios — 190-2

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Filosofia moderna — Ensaios — 190-2

VIDE Editorial — www.videeditorial.com.br
Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Sumário

1 Como destruir a civilização ocidental

2 O que o galinho Chicken Little pode fazer?

3 O elefante no meio da sala do debate sobre a liberdade religiosa

4 O paradoxo da pobreza

5 A lógica do progressismo

6 Os efeitos social, moral e sexual da lógica simbólica

7 Doze valores fundamentais

8 Tradicionalismo e progressismo

9 C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e as guerras culturais

10 Heróis

11 O que é um "liberal"?

12 Qual é a chave para uma boa sociedade?

13 Dezessete liberdades

14 Quatro confusões a respeito da liberdade

15 O agnosticismo na religião é o posicionamento padrão?

16 Um comentário acerca do Islã, e uma defesa do meu livro controverso a respeito dele

17 Piedade vs. pacifismo

18 Julgamento

Notas de Rodapé

1
Como destruir a civilização ocidental

A única coisa realmente necessária que poderíamos fazer para salvar a nossa civilização — aquilo que *sempre* estará ao alcance de qualquer um que deseje salvá-la, seja qual for o tempo, o lugar ou a cultura, seja ele bom ou mau, religioso ou irreligioso, antigo ou moderno — é ter filhos.

Se você não tiver filhos, sua civilização desaparecerá. Antes de ser bom ou mau, religioso ou irreligioso, você precisa existir.

Ter filhos é, portanto, a coisa mais racional que podemos fazer. Também é a mais supra-racional. Lembro-me certa vez de ouvir alguém dizer: "Ser saudável é mais racional do que ter filhos". Estava certíssimo! Contudo, a conclusão que ele achou que se tiraria disso ("logo, não tenha filhos"), não é necessária. Ser saudável é mais racional do que se apaixonar, também; do que ser santo (que é se apaixonar por Deus), do que ser um mártir, ou até mesmo do que ser um herói.

Ter filhos é a decisão mais heróica que podemos tomar, porque nada muda mais a sua vida do que isso. A morte no martírio é fácil, acaba rapidamente. Filhos nunca acabam. Nunca. Nem mesmo se eles morrerem antes de você.

As crianças são os senhores, e os pais, seus servos. A vida de um pai ou de uma mãe, seu tempo, dinheiro e atenção, *tudo* se transforma e orbita ao redor das necessidades de seus filhos como

um planeta ao redor do Sol. Tê-los é o ato mais generoso, caridoso, amoroso, altruísta e santo que uma sociedade pode fazer por si mesma.

É uma doação de si mesmo, e o que os pais dão por primeiro é a primeira coisa que eles mesmos receberam: a existência. É muito óbvio, porém facilmente esquecido, que nenhuma dádiva subseqüente — amor, educação, apoio, atenção — pode ser oferecida se a primeira (a existência) é negada, ou se ela for tomada tão logo concedida, como quando a criança que já existe é assassinada. (Um terço de todas as crianças concebidas nos Estados Unidos e no Canadá são vítimas de aborto; penso que nossos antepassados seriam literalmente incapazes de acreditar nesse fato.) Ouvimos hoje de muitas pessoas em nossa civilização — que costumava ser chamada "Cristandade", e que agora é simplesmente a "civilização ocidental moderna", cujo nome teologicamente apropriado seria "Cristandade apóstata" — uma explicação surpreendente para justificar não ter filhos ou matar aqueles que já se concebeu. E ela vem principalmente dos homens, que não sentem a criança em seu ventre, e que só a conseguem identificar como algo real quando (e se) ela vier a nascer. É a seguinte: "Eu não desejaria trazer uma criança para um mundo como este. Seria um ato irresponsável".

O que querem dizer com isso? Só há dois cenários possíveis: que o mundo é ruim para as crianças sob uma perspectiva material, ou sob uma espiritual.

A principal preocupação daqueles que dizem isso quase nunca é espiritual, e sim material. Quando interrogadas quanto ao que há de errado com o mundo, nunca respondem que não há religião o suficiente. Dizem que não há tanta paz, prosperidade, segurança, conforto, atenção à saúde, ou responsabilidade ambiental quanto seriam necessárias. Em outras palavras, não há controle humano o suficiente sobre a natureza ou sobre o homem. Eles não acreditam que o novo *summum bonum* baconiano da "conquista do homem

sobre a natureza" esteja se excedendo, mas que esteja sendo aplicado de maneira insuficiente.

Para enxergarmos o quão abertamente hipócrita é esse raciocínio — ou, melhor dizendo, para vermos que as pessoas que aderem a ele estão literalmente mentindo, pelo menos para si mesmas — basta olharmos para os fatos. Entre todas as civilizações da história, a nossa civilização ocidental moderna — a Europa e a América do Norte — é, segundo aqueles mesmos padrões materiais utilizados pelos que fazem uso dessa desculpa, o melhor lugar para se criar uma criança.

Nenhuma civilização teve tanto dinheiro quanto a nossa. Mesmo os relativamente pobres de hoje possuem mais bens e dispõem de mais recursos para comprá-los do que os relativamente ricos de qualquer civilização anterior.

Nenhuma civilização dispôs de tanto conhecimento e poder, isto é, ciência e tecnologia, quanto a nossa. O projeto baconiano tem funcionado espetacularmente bem. Um indivíduo comum antes do século xx experienciou pelo menos dez vezes mais dor em sua vida, talvez cem vezes mais, do que um indivíduo comum de nossos dias. Saúde, conforto, terapias, expectativa de vida, todas elas oferecidas pela tecnologia médica, são extraordinariamente melhores do que nunca. Esse não é um fato controverso, e nem o quanto isso é desejável.

Ainda há muitas guerras e violência no mundo, mas não há tantas aqui nos Estados Unidos quanto há na maior parte do resto do mundo. Americanos e europeus hesitam em viajar para o Oriente Médio, para a América Latina, ou mesmo para a China, por causa da violência, do perigo e da repressão nesses lugares, mas os cidadãos desses países não têm medo de visitar os Estados Unidos. Milhões de refugiados buscam imigrar para o mundo ocidental, mas quase ninguém deseja emigrar dele. Nenhum político do México, da Palestina, da Síria ou da China está promovendo a

construção de muros nas fronteiras para impedir os imigrantes de entrar.

Os Estados Unidos sofreram grandes e terríveis perdas em seis guerras: a Guerra de Independência dos Estados Unidos, a Guerra Civil Americana, as duas Guerras Mundiais, a Guerra da Coréia, e a Guerra do Vietnã. Desde então, a taxa de baixas americanas tem sido muito, muito menor.

Os Estados Unidos também passaram pela Grande Depressão e por uma expressiva onda de crimes nesse período. Nossa recente recessão foi curta e branda, e a onda de criminalidade atual, pelos padrões do passado, é amena e minguante.

É para esse mundo horrível que as pessoas não querem trazer seus filhos.

Parece que nada aquém de *O admirável mundo novo* irá satisfazê-los, onde o controle é total, e a dor, inexistente.

Entretanto, em *O admirável mundo novo*, as crianças são fabricadas, e não há pais ou famílias.

Então, essa é a lógica dos secularistas, dos filhos do "Iluminismo", daqueles que crêem que o mundo é religioso demais. E as pessoas religiosas? Qual é a opinião delas sobre o mundo? Elas também julgam que o mundo é mau, mas pelo motivo oposto: não há religião o suficiente, há materialismo demais. Dizem que o mundo moderno não é melhor do que o medieval. Na verdade é pior, ainda que materialmente mais rico, uma vez que perdeu Deus e se tornou espiritualmente mais pobre. Alegam que Deus e a fé valem mais do que geladeiras, contraceptivos, aviões, anestésicos, e até do que o Viagra.

Mesmo assim, são essas as pessoas que nunca se recusam a trazer seus filhos para este mundo tenebroso. Afirmam (e fazem) exatamente o oposto: têm-nos, sacrificam a si mesmas, deixam-se

deitar, literalmente no ato sexual, não apenas pelo prazer (obviamente, o prazer é um dom, e um universal), mas também pelas crianças, pelos outros. Elas não reclamam de haver "outros" demais, antes, acreditam que há "outros" *de menos*, e então geram mais deles.

E, segundo todos os dados científicos (pergunte à sua companhia de seguros), essas pessoas — as religiosas e as que têm filhos — são as mais felizes. Apenas mencionando dois critérios óbvios de felicidade: elas vivem mais tempo e cometem menos suicídio.

Então, quem são os "iluminados"? Quem são os que caminham na luz e estão dizendo a verdade sobre a sociedade e sobre si mesmos? E quem irá sobreviver, e quem não? Quem pode dizer "o futuro pertence a nós"? Por isso eu gostaria que parássemos de agir como Cassandras e começássemos a lutar nossa "guerra cultural" com alegria e confiança. Pois nós empunhamos a única arma que irá infalivelmente ganhar o futuro: as crianças.

2

O que o galinho Chicken Little pode fazer?

O que você pode fazer quando vê que o céu está caindo e que a sua cultura está escoando como água suja pelo ralo? Se você for Santo Agostinho, pode escrever *A cidade de Deus*, a primeira, maior e mais cristã filosofia da história que existe. Se, contudo, não for, mas souber um pouquinho de filosofia, ainda pode reunir, sem grandes pretensões, algumas informações a serem preservadas e recordadas, tal como os monges na Idade Média.

Aqui vão algumas informações importantes — não empíricas, mas filosóficas — que podem nos guiar. São quarenta fatos fundamentais e basilares do bom senso que eu organizei filosoficamente em sete categorias: epistemologia, teologia, metafísica, antropologia, ética, política e história.

Informações são importantes; na verdade, são necessárias. São as premissas para nossas conclusões. Mas o que eu não fiz foi algo muito difícil e importante: não desdobrei as conseqüências práticas particulares de tais premissas. Aqui não digo a vocês *como* salvar a civilização ocidental, ou mesmo se ela é passível de salvação.

P**onto** 1: Começo com a epistemologia, a qual diz respeito ao modo de conhecer. A primeira coisa que precisamos conhecer é esta: é fundamental que compreendamos a diferença entre o que sabemos e o que não sabemos. Esse foi o primeiro princípio tanto para Sócrates quanto para Confúcio.

P**onto** 2: Não podemos ser céticos. Sabemos que sabemos algo. Para citar a frase inesquecível de J. Budziszewski, há coisas que nós não podemos não saber. Isso inclui até mesmo aquilo de mais importante que uma civilização precisa reconhecer, e que a nossa é a primeira na história a negar abertamente, que é a lei moral natural.

(Além do mais, todas as formas de ceticismo são autocontraditórias: nós sabemos que não sabemos? É certo que não temos certeza? É uma verdade objetiva a de que a verdade não seja objetiva? É absoluto que não haja absolutos?) P**onto** 3: Tampouco podemos ser dogmáticos sobre nós mesmos. Muito do que acreditamos saber, não sabemos. Foi uma das coisas que Jó compreendeu, e que Santa Catarina entendeu quando Deus pregou para ela o sermão mais curto da história, resumindo toda revelação divina em cinco palavras: “Eu sou Deus. Você não”.

P**onto** 4: Sabemos que o nosso conhecimento mais seguro é a revelação divina, dado que somente Deus não pode enganar ou ser enganado.

P**onto** 5: Nosso próximo conhecimento mais seguro é a experiência, isto é, nosso passado, nossa história, tanto individual quanto coletiva.

P**onto** 6: Sabemos que as quatro questões mais importantes que podemos levantar sobre um problema prático são as quatro etapas de uma análise clínica: a observação dos sintomas, o diagnóstico da doença, o prognóstico da cura e a prescrição do tratamento. Elas correspondem às quatro causas de Aristóteles: os sintomas são a causa material; a doença, a causa formal; o prognóstico é a causa final; e a prescrição, a causa eficiente. As "quatro nobres verdades" do Buda respondem a essas questões: viver é sofrer (o sofrimento é o sintoma); a causa do sofrimento é o desejo (o desejo é a doença); a abolição do desejo é a extinção do sofrimento (*nirvana* ou extinção, o prognóstico); e a via para a aniquilação do desejo é o caminho do meio para a redução do ego (o tratamento). As quatro nobres verdades de Jesus são a morte, o pecado, a vida eterna e a fé em Cristo — que é graça concedida por Deus. "Porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor".

Aplicando essas quatro etapas ao nosso declínio cultural e moral, qual é o resultado? Essa pode ser uma boa maneira de começar nossas discussões.

Por exemplo: o sintoma mais óbvio e radical do nosso declínio súbito, e a causa de muitos outros sintomas, especialmente a fragilização do núcleo familiar, é a revolução sexual. Qual foi a doença mais profunda que causou e motivou tal revolução (e também a revolução mais geral, que contém o relativismo moral necessário para justificar a sexual)? Foi, como Soljenítsin afirmou com simplicidade no seu discurso do Prêmio Templeton em 1983,

que “nós nos esquecemos de Deus”. Como São Tomás de Aquino disse (também de maneira bastante simples), quando um homem é privado da verdade, do contentamento espiritual, torna-se, para preencher o seu vazio, viciado nos prazeres da carne. Há um prognóstico otimista? Sim. A cura é a conversão da mente, da vontade, do coração e da vida, e o único jeito de converter uma cultura é por meio da conversão dos indivíduos, a começar por nós mesmos e cada pessoa com a qual entrarmos em contato.

Agora, algumas verdades relevantes que nós conhecemos pela teologia revelada.

P**onto** 7: Deus existe, e Deus é Deus. Deus é o Deus da Bíblia; Deus é o Deus de Jesus Cristo. Esse é o nosso absoluto inegociável. Se os muçulmanos estiverem mais certos do que nós de que não há outro Deus senão Deus, eles herdarão o cadáver da nossa civilização.

P**onto** 8: Deus é soberano. Ele detém o mundo inteiro em suas mãos. Sua providência é misteriosa, mas é real. A história é a Sua história. Nós, também, escrevemos a história, mas somos apenas personagens da história de Deus, e não existimos independente dela.

P**onto** 9: Deus faz com que todas as coisas, mesmo aquelas que são más, confluam para o bem daqueles que o amam — e isso se aplica tanto a culturas quanto a indivíduos. Deus abençoa tanto as nações como as pessoas quando obedecem à sua vontade e às suas leis, e os pune quando desobedecem. Isso contempla todos os Dez Mandamentos, inclusive o “Não matarás” e o “Não cometerás adultério”. Ele não está satisfeito com as adaptações morais, nem as dos cristãos, nem as dos muçulmanos.

P**onto** 10: A fé e o amor, a oração e a adoração, o que os muçulmanos chamam de “rendição”, abrem as portas para a ação de Deus. O “Faça-se em mim segundo a vossa palavra” trouxe

Cristo ao mundo. É o que deve permanecer. Cristo é a escada de Jacó, por Ele os anjos do Céu descem e as orações da Terra sobem como numa rodovia. Oração é poder. Se todo católico nos Estados Unidos praticasse quinze minutos de adoração eucarística todos os dias, veríamos o maior renascimento religioso da história da humanidade.

P**onto** 11: Maria é a inimiga mais temida de Satanás. É a padroeira das Américas. O que ela fez na Cidade do México há quase quinhentos anos, pode fazer de novo, especialmente porque o mesmo demônio que era adorado pelos astecas com o sangue de crianças está sendo venerado e servido nos Estados Unidos.

P**onto** 12: A guerra espiritual é real. As guerras na Terra sempre refletem as do Céu. A vida é a *jihad*, guerra santa. Muitos muçulmanos pensam que o inimigo é de carne e sangue, e muitos cristãos acreditam que não há inimigo nenhum. O diabo ri de ambos.

P**onto** 13: Este mundo e esta vida são preciosos, mas o bem supremo, o fim último, o propósito existencial e a felicidade do homem pertencem à eternidade, não são temporais. Efêmeras civilizações são para as almas imortais o que as pulgas são para as galáxias. Aqueles que buscam o reino deste mundo perdem não somente o reino de Deus, mas igualmente o deste mundo. Isso é o que C. S. Lewis sabiamente chama de princípio das coisas primárias e secundárias.

Agora, alguns princípios relevantes de metafísica.

P**onto** 14: As realidades invisíveis superam em muito as visíveis, as quais são como a superfície do oceano. Se isso vale para a matéria, quanto valerá para o espírito? Hamlet está certo: há mais coisas entre o Céu e a Terra, e não menos, do que sonha a nossa vã filosofia.

P**onto** 15: E ainda assim, a matéria não só é real como também é sagrada. Só seremos salvos pelo corpo e sangue, por "Isto é o meu corpo", e não por "Isto é a minha mente".

P**onto** 16: O espírito, e não a matéria, é a fonte de poder. Assim como o vento balança as árvores, o espírito move a matéria, um *design* coordena a evolução, as almas dão movimento aos corpos, e as boas ou más filosofias movem as boas ou más civilizações. As guerras são vencidas pela força da alma. É por esse motivo que a nação que venceu Hitler perdeu para Ho Chi Minh.

Avancemos para alguns pontos de antropologia.

P**onto** 17: O homem possui livre-arbítrio. Logo, a contrição é sempre possível, mesmo para as sociedades. Contudo, o arrependimento e a conversão são mais fáceis para indivíduos do que para nações.

P**onto** 18: O homem possui livre-arbítrio. Logo, o mal cada vez maior também é possível, conduzindo inevitavelmente à autodestruição, tanto temporal quanto eterna, tanto individual quanto coletiva.

P**onto** 19: O homem possui livre-arbítrio. Logo, nenhum desses dois desfechos são necessários ou previsíveis. É por isso que a história é um drama, não uma ciência.

P**onto** 20: Todo homem é um fim em si mesmo. Ele é a única criatura que Deus criou para o seu próprio bem. Culturas, civilizações, nações e mesmo as religiões existem para o homem, não o contrário. Essas coisas são avaliadas por quão bem servem o homem, não por quão bem ele as serve. A melhor sociedade, como Dorothy Day diz, é aquela que mais facilmente permite que o homem seja bom.

P**onto** 21: Embora o homem tenha caído, ele se lembra do Éden e anseia pelo Paraíso. Não pode evitar a admiração pelos santos. Há

uma gravitação espiritual, a qual os chineses chamam de *Te*. O bem moral é cativante. No entanto, ele também provoca o ódio: santos com freqüência tornam-se mártires. Contudo, o sangue dos mártires é a semente mais poderosa da Igreja. Quando o amor e o sofrimento se encontram, um poder incontrolável surge.

Isso nos traz aos princípios éticos relacionados.

P**onto** 22: A lei moral natural não pode ser totalmente apagada dos corações humanos.

P**onto** 23: Ainda assim, o mesmo São Tomás que afirma isso também diz que muitas partes da lei natural podem ser temporariamente apagadas das nossas consciências pela prática de maus hábitos, especialmente dos vícios sexuais, que são os mais arrebatadores e poderosos e que, portanto, são os mais ofuscantes e enganadores.

P**onto** 24: Há uma continuidade nos problemas de moral sexual. É um camelo inteiro — uma vez que seu nariz adentra a tenda, o resto vem junto, incluindo as partes fedorentas. No momento em que o prazer sexual e a procriação são separados pelos métodos contraceptivos, tudo pode acontecer, até o assassinato deliberado de um nascituro (uma vez que, no fim das contas, o aborto é o "plano B" da contracepção) e a exaltação sacrílega da sodomia (um dos "quatro pecados que clamam aos Céus") como uma forma de casamento — o sacramento primeiro e a própria imagem da Santíssima Trindade.

O **Ponto** 25 é o princípio das primeiras e segundas coisas. Os bens estão dentro de uma hierarquia. Sempre que um bem que é maior, ou "primário", é sacrificado em nome de um que é menor, ou "secundário", não apenas o "primário" é perdido (voluntariamente), como o "secundário" também (involuntariamente). Essa é a psicologia do vício: ele arruína o próprio prazer que buscávamos alcançar por meio dele.

Eis a aplicação que C. S. Lewis faz desse princípio ao nosso problema atual:

> Esteve a civilização seriamente ameaçada até que a própria civilização se tornasse o objetivo exclusivo de toda a atividade humana? Há muitas idealizações irrefletidas acerca do passado e não desejo encorajar mais delas. Nossos ancestrais eram cruéis, lascivos, gananciosos e estúpidos, como somos também nós. Contudo, enquanto estavam preocupados com outras coisas para além da própria civilização [...] ela estava com freqüência sob uma séria ameaça de desaparecer?

P**onto** 26: Um exemplo crucial da nossa inversão desse princípio é a relação entre verdade e liberdade. A liberdade é para a verdade, não o contrário. Negue a verdade e você destruirá a liberdade. A verdade nos torna livres, a liberdade não nos torna verdadeiros.

Agora alguns pontos sobre política.

P**onto** 27: A política não é absoluta. A política não é religião. Na república popular de Massachusetts, nós somos políticos sobre a nossa religião e religiosos sobre a nossa política. Essa é a nossa idolatria.

P**onto** 28: A política é humana, honorável e importante. O homem é um animal político.

P**onto** 29: As nações precisam de Deus tanto quanto os indivíduos. Elas até dispõem de anjos da guarda. Os nossos precisam de ajuda.

P**onto** 30: Embora boas nações possam ter várias religiões, elas não podem ser irreligiosas.

P**onto** 31: Uma nação que não conhece o sentido da vida, que não possui filosofia substancial alguma, não tem verdadeira sabedoria ou autoridade para decidir o que quer que seja, como, por exemplo,

se o orçamento de uma cidade deve ser utilizado para fundar uma nova biblioteca ou um novo cassino.

P**onto** 32: Se Jesus Cristo voltasse hoje, Ele não apoiaria completamente nenhuma das duas plataformas partidárias. Ele se recusaria a votar, ou então tamparia o nariz e votaria nos republicanos, porque os democratas negam o pressuposto básico de todos os outros direitos, o direito à vida, aos Seus filhos queridos. Madre Teresa disse: "Quando uma mãe é capaz de matar seu próprio filho, o que resta no Ocidente para ser salvo?".

P**onto** 33: Os indivíduos devem servir ao bem comum e o bem comum deve servir aos indivíduos. Um por todos, todos por um. Ambos, o individualismo libertário e o socialismo coletivista, são perversões.

P**onto** 34: Subsidiariedade é crucial. Órgãos grandes intervindo em trabalhos que organizações menores poderiam fazer é o caminho para o totalitarismo. O nosso sistema totalitário não é duro, mas suave. Não se trata de *1984*, mas de *O admirável mundo novo*.

Por fim, alguns pontos sobre filosofia da história.

P**onto** 35: Todas as culturas sadias possuíam *pietas*, respeito pelos deuses e ancestrais, isto é, pela tradição. Nós desrespeitamos não somente nossos filhos que ainda não nasceram, mas também nossos ancestrais.

P**onto** 36: Todas as culturas saudáveis dispunham de alta consideração pelas famílias. As quatro mais duradouras da história são as mais pró-famílias de todas: os judeus (3.500 anos), confucionistas (2.100 anos), os islâmicos (1.400 anos) e os romanos (700 anos).

P**onto** 37: Todas essas culturas acreditavam na lei moral natural. A nossa é a primeira cujos pensadores influentes, oficiais e informais

(a mídia), não acreditam. Certamente estamos condenados à extinção a não ser que isso mude, pois simplesmente não há alternativa. (A negação da existência de qualquer lei moral universal, objetiva e absoluta também ameaça a salvação das pessoas, uma vez que, se não há lei, não há pecado, e se não há pecado, não há arrependimento, e se não há arrependimento, não há salvação.) P**onto** 38: O inimigo interno é muito mais perigoso do que o inimigo externo. Os terroristas islâmicos só podem matar alguns corpos, mas os apóstatas e imorais nascidos em nossa própria terra podem matar nossas almas.

P**onto** 39: Assim como o nosso, o corpo da civilização e a cultura à qual ele pertence são mortais. Daqui a mil anos, os Estados Unidos não existirão, mas você, sim. E também Israel e a Igreja Católica, na Terra. Deus não rompe suas alianças.

P**onto** 40: Alguns poucos santos podem mudar o mundo. A história é feita, não por aqueles que buscam fazê-la, mas pelos que humilde e obstinadamente obedecem à vontade de Deus, independente do que aconteça, e deixam a vida transcorrer segundo os seus desígnios. Para uma vez mais fazer coro à Madre Teresa, Deus nos colocou neste mundo não para termos sucesso, mas para termos fé.

O que você pode fazer para ajudar a salvar a nossa civilização? Não tenho certeza. Contudo, sei que pode fazer algo infinitamente mais importante do que ajudar a salvá-la. Por meio de suas palavras e ações, pode contribuir para a salvação de algo que é infinitamente mais importante. Uma única alma eterna é mais valiosa do que todo um universo mortal.

Encerro com esta visão cristã fundamental que está no sermão áureo de C. S. Lewis, *O peso da glória*:

> É algo muito sério viver numa sociedade de deuses e deusas em potencial, lembrar que a pessoa mais sem graça e desinteressante

com quem você fala pode um dia se tornar uma criatura que, se você visse agora, seria fortemente tentado a adorar, ou então de um horror e corrupção tal que você só encontra — se é que encontra — em pesadelo. Durante todos os dias estamos, em algum grau, ajudando uns aos outros a atingirmos um desses destinos. É sob a luz de tais esmagadoras possibilidades, é com o estarrecimento e a prudência que lhes são próprias, que devemos conduzir nossa lida uns com os outros, todas amizades, amores, jogos, e política. Não existem pessoas ordinárias. Você nunca conversou com um mero mortal. Nações, culturas, artes, civilizações — todas são mortais, e suas vidas são para a nossa como a de uma mosca. No entanto, é com os imortais que brincamos, trabalhamos, nos casamos, esnobamos e exploramos — horrores imortais ou esplendores eternos.

3

O ELEFANTE NO MEIO DA SALA DO DEBATE SOBRE A LIBERDADE RELIGIOSA

Estamos testemunhando, na aurora do novo milênio, vários eventos históricos inéditos.

Primeiramente, uma das principais universidades católicas do mundo, a qual carrega o nome da mulher mais pró-vida da história, homenageou o presidente mais pró-aborto de todos os tempos, oferecendo-lhe o título de doutor *honoris causa*. [1] Nessa ocasião, ele prometeu publicamente respeitar os direitos de consciência dos católicos por meio da implementação de uma

cláusula de objeção de consciência no seu amplo programa de atenção à saúde.

Ele mentiu. Ele faltou com a sua promessa.

O resultado disso foi mais um evento inédito: pela primeira vez na história americana recente, absolutamente todos os bispos católicos se levantaram e impuseram um limite claro, dizendo: "De jeito nenhum!" sobre uma questão controversa e impopular.

O "acordo" proposto pela administração governamental estabelecia que a nova lei que obrigava os católicos a pagarem por métodos abortivos de contracepção não seria implementada dentro de um ano. O Cardeal Dolan, de Nova York, disse: "Eles nos deram doze meses para descobrirmos um jeito de comprometer nossas consciências".

Por que a administração Obama, pela primeira vez na história dos Estados Unidos, pisoteou deliberadamente os dois direitos e liberdades mais absolutos e inegociáveis do homem, o direito à moral (consciência) e à religião? Um efeito tão vultoso e grave deve dispor de uma causa suficientemente grande e séria.

É o elefante no meio da sala. Sexo. A liberdade religiosa está sendo atacada em nome da liberdade sexual.

A presente guerra cultural é quase fundamentalmente travada em torno do aborto, e aborto, no fim das contas, quer dizer sexo. Abortar é o método contraceptivo de emergência, e a contracepção é a demanda de se fazer sexo sem produzir bebês. Se fossem as cegonhas a trazer os bebês, a "federação de paternidade planejada da América" iria à falência.

Católicos, muçulmanos, judeus ortodoxos e protestantes evangélicos são os últimos grupos no Ocidente que se opõem à revolução sexual e defendem a moralidade sexual tradicional. De resto, todos entendem, sem questionamentos ou controvérsias, que

os anticoncepcionais finalmente "libertaram" o sexo de sua servil relação com a fecundidade, transformando-o em uma questão puramente pessoal e "recreacional".

A liberdade que nos pertence está sendo tolhida porque ameaça a deles. A liberdade religiosa ameaça a liberdade sexual. A nossa liberdade de consciência religiosa ameaça a liberdade de consciência sexual deles.

Não é o comportamento deles que estamos ameaçando, são as suas consciências. Querem que aprovemos suas condutas, pelo menos de maneira implícita, ao pagarmos por elas. Somos as últimas pessoas na nossa cultura a dizer "não", a julgar, a ousar nos comportarmos como profetas. Profetas nunca são populares, não há vantagem em ser um deles. São luzes que brilham em demasia. Apontam a artificialidade das fantasias da *Playboy*. Põem a diversão em xeque. Os profetas são como radiografias que mostram o câncer de pacientes que estão vivendo em negação.

Se os judeus e os cristãos pudessem apagar dois dos mandamentos, aqueles contra o adultério e a luxúria, a nova cultura pós-cristã da sociedade ocidental não teria absolutamente nenhum problema com a religião.

Eles nos chamam de "preconceituosos" e "autoritários", mas é porque somos exatamente o contrário, pois *não* reivindicamos a autoridade de contradizer o nosso Criador e Senhor. Não ousamos ser juízes a ponto de ponderar se as leis e os mandamentos de Deus estão equivocados. Não estamos dispostos a apagar ou mudar os limites que Ele nos impôs. Não podemos comprometer nossas consciências pois acreditamos que elas são profetas d'Ele, e não da sociedade.

Não é que busquemos impor nossa moral sexual (ou qualquer outra parte da moral) aos outros pela força. Propomos, não impomos. Apenas queremos liberdade de consciência para todos,

inclusive para nós mesmos. Ninguém quer que uma tropa de choque da moral invada o quarto dos fornicadores.

Contudo, eles buscam impor a moral sexual deles a nós. Não somente propõem, mas impõem. Querem nos forçar a comprometer nossas consciências ou então seremos punidos com uma multa (ou algo pior). Por quê? Podemos tolerá-los; por que não fazem o mesmo? Por que se sentem tão ameaçados pela nossa visão? Porque sabem que não se trata da visão de uma minoria, mas é a majoritária em todos os tempos e lugares fora da Europa e da América do século XXI (por exemplo, em todas as culturas da história e, ainda hoje, nas "retrógradas" como as da África e da América Latina) e também de todas as grandes religiões do mundo. Se nossos princípios fossem meramente excêntricos — como os de uma pequena tribo nativa americana que vê no uso de peiote um sacramento religioso, ou os dos *amish* que entendem a eletricidade como sendo má — as autoridades não se incomodariam e prontamente nos garantiriam o direito, concedido aos grupos marginalizados, de sermos atípicos pelo bem das nossas consciências. As autoridades não insistem que os *amish* paguem uma multa por não usarem energia elétrica. Entretanto, insistem que soframos penalidades financeiras por não pagarmos por abortos. Por quê? Talvez suas consciências ainda estejam vivas, afinal, e se sintam culpados por matarem seus próprios nascituros. Como não se sentiriam? Se conseguirem fazer com que nós comprometamos as nossas, não se sentirão tão mal de terem comprometido as deles. "Todo mundo faz isso" sempre foi uma desculpa muito eficaz e conveniente para qualquer tipo de mal, até para a escravidão e o genocídio.

É por isso que não se trata apenas de uma questão de contracepção, aborto, ou se toda vida biológica humana é intrinsecamente valiosa. Trata-se do valor intrínseco dado a cada consciência humana. O governo Obama, com efeito, disse que todas as consciências ainda serão respeitadas (por exemplo,

pacifistas não serão forçados a lutar em guerras) *contanto que não entrem em conflito com a revolução sexual*.

Portanto estamos em guerra. Seus dois lados são "liberdade" sexual *versus* liberdade religiosa, a qual, por sua vez, inclui a de consciência.

Paradoxalmente, estamos lutando pela consciência deles assim como pelas nossas. Já eles lutam contra as próprias e as nossas.

A liberdade religiosa vencerá. Seus defensores vencerão porque nunca iremos desistir. Nunca desistiremos porque não *podemos* nos render. Entretanto, o outro lado pode. Nós não podemos dizer a Deus e às nossas consciências que César é nosso Deus, mas eles podem. Na verdade, já fizeram isso uma vez e, portanto, podem fazer de novo. Irão retroceder um dia; nós jamais iremos. Nunca. Eles não acreditam em um "nunca", em algo como a eternidade, princípios eternos e absolutos. Nós cremos. Simples assim.

4
O PARADOXO DA POBREZA

O paradoxo que tenho em mente é mais bem formulado por C. S. Lewis em *O problema da dor* ao falar sobre as críticas do marxismo, e de outros secularismos de esquerda, quanto ao posicionamento cristão no que se refere ao sofrimento no geral e à pobreza em particular:

> Aqueles que rejeitam o cristianismo não ficarão comovidos pela afirmação de Cristo de que a pobreza é uma benção. Todavia, aqui um fato bastante notável vem em meu auxílio. Os que repudiam com escárnio o cristianismo como um mero "ópio do povo",

> possuem desprezo pelos ricos, isto é, por toda a humanidade exceto os pobres. Pensam que estes últimos são os únicos a serem preservados do extermínio e colocam neles a única esperança da raça humana. Contudo, isso não é compatível com a crença de que os efeitos da pobreza sobre aqueles que vivem nela são inteiramente maus, e até mesmo que sejam bons. O marxista, portanto, encontra-se verdadeiramente de acordo com o cristão acerca destes dois entendimentos que são paradoxalmente exigidos pelo cristianismo: de que a pobreza é uma benção e ainda assim precisa ser erradicada.

Este pode ser chamado de paradoxo da pobreza: bênçãos não devem ser combatidas e a pobreza é uma benção. Todavia, ainda assim, ela deve ser eliminada.

Na tentativa de esclarecer esse mistério, começo, como Sócrates começaria, com definições meio sem graça, porém necessárias.

Um paradoxo é uma contradição aparente, embora não seja uma contradição real.

Uma contradição é a relação estabelecida entre duas proposições na qual uma exclui a outra: se uma é verdadeira, a outra é falsa, e se essa é falsa, a outra é verdadeira.

A pobreza é o oposto da riqueza.

Diferentes tipos de pobreza são opostos a diferentes tipos de riqueza. As duas mais importantes são as riquezas materiais e as espirituais, e suas respectivas pobrezas.

Uma vez que o dinheiro é o meio de troca para todos ou quase todos os bens materiais e serviços, a pobreza econômica é praticamente idêntica à pobreza material.

Um esclarecimento a respeito da pobreza espiritual: não é a mesma coisa que ser "pobre de espírito". Cristo veio para *aliviar*

nossa pobreza espiritual ao remover o pecado original e instaurar sua graça santificante, a qual é recebida pelos pobres de espírito, os humildes.

Quando Madre Teresa veio a Harvard para dar o discurso de inauguração do ano letivo, começou sua fala com uma crítica ao convite da universidade. Ela dizia algo no sentido de convidar a cidadã mais reconhecida de um dos países mais pobres do mundo para partilhar sua sabedoria com os cidadãos de um dos países mais ricos de todos. Disse que isso era um equívoco. "É algo inacreditável que hoje uma mãe, ela mesma, assassine seu próprio filho [...]. Essa é uma das maiores pobrezas. Uma nação, pessoas, famílias que permitem, que aceitam isso, esses são os mais pobres entre todos os pobres." O paradoxo da pobreza não surge das nossas próprias reflexões. Ele vem de Deus, da revelação divina (que antes de tudo é o próprio Cristo; depois, sua soberania, a sua Igreja, e então, pela autoridade dela, as Escrituras). Em uma das mais queridas e famosas passagens das Escrituras, encontramos o seguinte paradoxo: Por um lado, Cristo nos diz, logo na primeira de suas bem-aventuranças: "bem-aventurados os pobres".

Por outro, somos instruídos pelas mesmas autoridades (Cristo, sua Igreja e as Escrituras) a dar assistência às necessidades dos pobres, a aliviar sua pobreza. O termo clássico para isso é "esmola". É uma das três distintivas boas obras ou marcas de uma vida cristã, sendo as outras duas a oração e o jejum.

Essas duas verdades parecem ser contraditórias. Se os pobres são bem-aventurados, então quando os tiramos da pobreza nós os privamos de sua bem-aventurança — o que *não é* uma boa ação. Caso retirá-los de sua pobreza seja um gesto bom, então a pobreza não é uma benção, uma vez que não é bom privar alguém de uma dádiva. Afirmar que a pobreza é boa (ou bem-aventurada) parece implicar de maneira lógica que a esmola é má, e dizer que a esmola é legítima, sugere que a *pobreza* é danosa, e não bem-aventurada.

Já que Cristo é a verdade ("Eu sou o caminho, a verdade e a vida") e o que é verdadeiro não pode, por definição, contradizer a si mesmo, o conflito exposto em tal raciocínio não deve ser um conflito real. Deve tratar-se de um paradoxo, uma contradição aparente.

Dado que um paradoxo é uma contradição aparente e que dizer isso pressupõe a capacidade de distinguir uma contradição aparente de uma verdadeira, afirmar que algo é um paradoxo significa que conhecemos, ou podemos vir a conhecer, as suas diferenças de uma contradição real — ou, em outras palavras, que podemos explicar sua aparente contradição.

Então, vamos tentar fazer exatamente isso.

O jeito mais fácil e óbvio de elucidar uma contradição aparente é encontrar uma distinção. A diferença mais fácil e óbvia aqui é a que existe entre a pobreza espiritual e a material. Essa distinção parece ser a chave para explicar o paradoxo, pois o próprio Cristo, quando afirma "bem-aventurados os pobres", explicitamente especifica "os pobres *de espírito*".

Agora, "os pobres de espírito" não pode significar de forma alguma "os espiritualmente pobres". Pois Cristo veio precisamente aliviar nossa pobreza espiritual, que essencialmente é o pecado, ao passo que Ele não veio com o propósito explícito de remediar nossa pobreza material, que é, substancialmente, econômica. O anjo de Deus anunciou que seu nome seria "Jesus" ou "Salvador", não porque Ele salvaria seu povo de sua miséria financeira e de outros sofrimentos, mas porque Ele os salvaria de seus pecados.

Este, a propósito, provavelmente foi o mal-entendido que, mais do que qualquer outro, ocasionou a rejeição de Cristo por parte de seu próprio povo, dos eleitos de Deus, dos profetas que Ele enviou ao mundo. As suas profecias identificavam o Messias, o Prometido de Deus, como sendo Aquele que libertaria Israel de seus inimigos.

Deus deliberadamente deixou a palavra "inimigos" ambígua a fim de provar o coração de quem a lesse. Os corações que se encontravam sobretudo nos bens do mundo, especialmente nas riquezas e no poder, acreditavam que seus inimigos eram os romanos, os quais privaram os judeus da prosperidade pelos seus impostos onerosos e da autoridade pela tirânica ocupação imperial. Tais judeus não reconheceram Jesus como seu salvador porque Ele não os salvou de seus inimigos materiais. Contudo, aqueles que conheciam bem o suficiente a si mesmos e a seu Deus para entender que seus verdadeiros opressores eram seus próprios pecados, o reconheceram.

Com "bem-aventurados os pobres de espírito", é impossível que Cristo quisesse dizer: "bem-aventurados aqueles cujos espíritos são débeis, benditos sejam os fracotes espirituais". Essa foi a profunda incompreensão de Nietzsche a respeito do cristianismo que o levou ao seu enorme ódio por ele. Ao contrário, Cristo quis dizer: "bem-aventurados aqueles cujos espíritos estão *dispostos* a abraçar o sofrimento da pobreza material, quer seus bolsos e contas bancárias estejam de fato vazios ou não", e também, "bem-aventurados aqueles cujos corações estão desprendidos das riquezas deste mundo de forma a poder estar melhor ligados a mim e às riquezas do meu reino, que não é deste mundo, mas é o Reino dos Céus, aquele dos corações e vidas humanas, o reino do meu amor *ágape*. Bem-aventurados aqueles que estão apaixonados por esse amor, pois Deus é esse amor".

No entanto, a distinção entre a pobreza espiritual e a material não é suficiente para elucidar o paradoxo, uma vez que Cristo referia-se somente à pobreza material quando disse: "bem-aventurados os pobres", enquanto o comando de ativamente aliviar a pobreza alheia se estende a ambas, à material *e* à espiritual. É verdade que a segunda é de longe pior do que a primeira, mas temos o dever de aplacar as duas. Portanto, o paradoxo permanece não resolvido, já que recebemos a ordem de remediar a pobreza material, a qual Cristo afirma ser uma benção.

Ele afirma que a pobreza é bem-aventurada de duas formas: dizendo exatamente isto e também o seu anverso, ou seja, que a riqueza material consiste em um perigo para o espírito. Ele fez isso em diversas ocasiões: por exemplo, quando impressionou seus discípulos ao declarar que é mais difícil para um homem rico entrar no Reino dos Céus do que um camelo passar pelo buraco de uma agulha. Ainda que interpretemos isso de maneira literal, simbólica, alegórica, hiperbólica, ou como sendo uma referência ao portão do "buraco da agulha" em Jerusalém, [2] o ponto é que a riqueza, como qualquer tipo de poder, é perigosa (pois "todo poder tende à corrupção"). Esse é o único motivo pelo qual a pobreza material ou econômica é uma benção, quer seja enquanto um fato material exterior, quer seja enquanto um fato de intenção interior do coração ao desprender-se de qualquer bem mundano que se venha a possuir: dez centavos ou dez palácios.

Então, ficamos com o paradoxo de que a pobreza material é uma benção e ainda assim devemos mitigá-la.

Outra solução é oferecida por Teilhard de Chardin em *O meio divino*. Ela consiste em distinguir dois momentos temporais. Durante o primeiro, Deus quer que nós ativamente aliviemos a pobreza e o sofrimento, tanto dos outros quanto nossos, e no segundo, Ele espera que aceitemos nossas falhas, pobreza, sofrimento e morte. Esses dois momentos são unidos pelo que Teilhard chama de "tendência antecipatória" de aceitarmos o fracasso mesmo durante o primeiro momento. Aqui estão suas palavras:

> É um entendimento perfeitamente correto das coisas — e estritamente consoante ao Evangelho — considerar a Providência ao longo das eras como algo que toma conta do mundo em um esforço incessante de poupá-lo de suas feridas amargas e de curar seus ferimentos. Certamente, é o próprio Deus quem, ao longo dos séculos, desperta os grandes benfeitores da humanidade e os grandes médicos [...]. Será que os homens não reconhecem por

> instinto essa presença divina quando [...] agradecem uns aos outros, ou àqueles que ajudaram seus corpos ou suas almas a serem libertados? [...] No momento em que a humilhação se aproxima de nós, não podemos esperar
>
> encontrar Deus a não ser relutando contra o que está acontecendo conosco e fazendo o que pudermos para evitá-lo [...] sem amargura ou revolta, é claro, mas com uma tendência antecipatória à aceitação e à resignação final. [Contudo,] Obviamente é difícil separar essas duas "instâncias" sem de alguma forma distorcê-las.

O que Teilhard diz aqui é verdade, mas não resolve nossa questão. A problemática dessa saída é a mesma da velha resposta dos teólogos modernos ao problema de que as bem-aventuranças são perfeitas demais para nós que ainda estamos na Terra, a qual seria: que, assim sendo, elas devem servir para o Paraíso, mas não para este mundo, ou — uma segunda versão disso — que elas pretendem ser apenas uma "ética provisória" para o período de tempo entre a primeira e a segunda vinda, quando muitos dos primeiros cristãos acreditaram que as posses terrenas estavam fadadas a serem destituídas para sempre e em um tempo muito próximo. Uma terceira versão desse mesmo ponto essencial é freqüentemente associada, com razão ou não, à distinção católica entre mandamentos e conselhos, ou deveres e ações que os *extrapolam*: a de que as bem-aventuranças são para a elite, os especialmente santos, enquanto os mandamentos são para as massas. O problema de todas as três distinções é que as palavras de Cristo, no contexto histórico no qual foram proferidas, para pessoas ordinárias, incluindo seus discípulos, não mencionam nem implicam em nenhum tipo de distinção em dois momentos: nem entre o tempo neste mundo e o tempo do Céu (a solução de Teilhard); nem entre dois períodos de tempo neste mundo (a dos modernistas); e nem entre duas classes de pessoas (a solução antiga dos católicos). Pelo contrário, suas palavras se dirigem a todas as pessoas, tempos e ocasiões, sem diferenciações. Não há restrições

ou qualificações para elas. É por isso que são tão chocantes. As três posições que acabei de mencionar são todas entendimentos errôneos de Cristo porque fazem de suas palavras algo mais próximo do bom senso e menos desconcertante, enquanto Jesus é sempre mais surpreendente e menos (aparentemente) afeito ao senso comum.

Talvez o paradoxo possa ser explicado ao dizermos que os pobres tendem a ser mais religiosos e, portanto, mais bem-aventurados. Entretanto, então por que seria bom aliviá-los de sua pobreza? A pobreza é como sofrer — de fato, é uma forma de sofrimento — e é obviamente uma atitude que Cristo adotaria aliviar o sofrimento do próximo quando possível. O próprio Cristo fez isso curando todos os tipos de enfermidades e até mesmo ressuscitando os mortos. Isso esclarece a segunda parte do nosso paradoxo, a razão pela qual devemos consolar a pobreza, mas não a primeira, o porquê de a pobreza ser uma bem-aventurança.

Às vezes podemos resolver melhor um problema restringindo seu enfoque e depois expandindo a solução encontrada nele, ao invés de ampliar o foco para então empregar a saída que encontramos a um tópico mais restrito. Logo, estreitemos nosso enfoque do sofrimento em geral para a pobreza, e da pobreza de maneira genérica para a de dinheiro, em particular.

Há uma reflexão esclarecedora sobre dinheiro e riqueza no romance *Perelandra* de C. S. Lewis que pode nos ajudar. Num planeta parecido com o Éden chamado Perelandra, o protagonista descobre um tipo de fruta praticamente irresistível e deliciosa. Ele bebe o líquido de uma delas, e então deseja beber mais.

> Olhando para um belo cacho de frutas que pendia sobre a sua cabeça, ponderou o quão fácil seria levantar-se, mergulhar em um monte delas e sentir, de uma só vez, aquela delícia mágica multiplicada por dez. Porém, foi refreado pelo mesmo tipo

de sentimento que o impediu durante a noite de alimentar-

-se de uma segunda tigela. Sempre desgostou das pessoas que pediam bis de uma parte de predileção na ópera — "Só faz perder a graça" era o seu comentário. No entanto, agora isso lhe parecia um princípio muito mais abrangente e profundo. Essa tentação de se ter as coisas de novo e de novo, como se a vida fosse um filme que pudesse ser reproduzido mais uma vez ou mesmo que pudesse voltar para trás... poderia ser essa a raiz de todo o mal? Não: é claro que é o amor pelo dinheiro que recebe essa designação. No entanto, mesmo o dinheiro — talvez a pessoa o valorize principalmente enquanto uma defesa contra o azar, a segurança de que seremos capazes de ter experiências repetidamente, um meio de ter o controle sobre o desenrolar do filme... Dinheiro, na verdade, proveria o recurso de se dizer bis em um tom que não poderia ser desobedecido.

O "dinheiro" supremo, o "mais uma vez" absoluto, seria a imortalidade artificial da engenharia genética. Falaremos mais sobre isso adiante.

Talvez possamos desvendar esse paradoxo através da analogia entre a pobreza e a morte. Quando perguntamos se há alguma outra coisa que possui tal ambivalência nas Escrituras, especialmente nas próprias palavras de Cristo, qualquer uma que seja tanto uma bem-aventurança quanto algo cujo livramento é uma benção, naturalmente pensamos na morte. Exploremos esse paradoxo paralelo.

É um fato objetivo que a morte seja o sofrimento supremo. Não necessariamente o mais doloroso do ponto de vista subjetivo (a maioria de nós teme mais a dor física do que a morte), mas é a maior perda objetiva, a privação de tudo que existe neste mundo. Na morte, sofremos a perda de tudo que pertence a essa vida.

Há um antigo hino com esta frase maravilhosa e paradoxal: "Fizeste da morte gloriosa e triunfante, pois por seus portais adentramos na presença do Deus vivo". A morte é ao mesmo tempo a "última *inimiga*" que Cristo derrotou em sua Ressurreição e também a única porta para o Paraíso, nossa única esperança. É tão necessária que se a eliminássemos pela engenharia genética e pela imortalidade artificial, teríamos o inferno na Terra. Se você quiser uma prévia desse admirável mundo novo, apenas deixe uma dúzia de ovos na mesa da cozinha por um ano. Como diz C. S. Lewis: "Somos como ovos no presente. E não podemos ser ovos decentes e ordinários indefinidamente. Devemos romper a casca ou apodrecer". (Ainda assim, esse inferno é um projeto que um bom número de geneticistas não só vê como possível, como trabalha ativamente para alcançar. Caso sejam bem-sucedidos, penso que trariam a grande tribulação e a segunda vinda.) O que Cristo fez com a morte (o maior sofrimento objetivo) também fez a todos os demais sofrimentos, mesmo à sua dimensão subjetiva, a dor. O que Ele fez com ela? A resposta é a minha candidata à melhor fala na história do cinema. Na *Paixão de Cristo* de Mel Gibson, quando Maria, na *via dolorosa*, vê seu filho não somente carregando sua Cruz, mas acariciando e abraçando-a como um menino ao seu ursinho, pergunta, em agonia inimaginável, por que Ele tem que passar por tudo aquilo, e Ele responde, em meio ao rio de sangue, suor e lágrimas: "Vês, mãe? Eu renovo todas as coisas".

Ele fez da morte a porta para uma vida superior. Portanto, também faz do sofrimento a chave para uma alegria maior, quando o sofrimento é suportado com amor e confiança, já que todo sofrimento é um tipo de morte. Assim sendo, Ele também tornou a pobreza uma benção, pois ela é um tipo de sofrimento. Sofrer é uma pequena morte, a pobreza é um pequeno sofrimento, logo, o que se aplica a morrer também se aplica a sofrer, e o que se aplica a sofrer, se aplica à pobreza.

Como isso funciona? Quando Jesus disse: "Vejam, eu renovo todas as coisas", Ele realmente quis dizer isso? Ele quis dizer *todas*

as coisas? Tanto a pobreza quanto o sofrimento? É claro, já que a pobreza é um tipo de sofrimento. E Ele quis dizer tanto o sofrimento quanto a morte? Óbvio, uma vez que sofrer a perda de qualquer bem é um tipo de morte, que por sua vez é sofrer a privação de todos os bens materiais, inclusive do próprio corpo.

E o pecado? Se Ele renova todas as coisas, e ainda, "tudo concorre para o bem", como São Paulo clama com ousadia em Rm 8, 28, Ele faz isso com os pecados, também? Da mesma forma, não. Porém, de um jeito novo e verdadeiro, sim. A traição de Judas Iscariotes, o feito mais hediondo da história, ajudou a trazer-nos a salvação, embora não a dele. Mesmo o sucesso do demônio em matar Deus encarnado, aparentemente cindindo a Santíssima Trindade, pelo menos em sua percepção, quando Cristo pronunciou as palavras mais terríveis que já foram ditas ("Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"), quando Deus foi abandonado por Deus e Ele próprio pareceu por um segundo quase se tornar um ateu — o maior triunfo do Inferno foi o que nos conquistou o Céu. O maior de todos os pecados e o maior de todos os sofrimentos são os que os cristãos comemoram, até mesmo celebram, no dia que chamam de "Sexta-feira *Santa*". Até nossos pecados, pela porta áurea do arrependimento, e somente por ela, podem concorrer para o bem se apenas confiarmos e amarmos a Deus. É isso que o surpreendente versículo Rm 8, 28 afirma.

Essa é a solução última para o argumento mais poderoso dos ateus, o problema do mal. É por isso que Deus permite qualquer infortúnio, físico ou espiritual: sempre por um bem maior. Santo Agostinho diz: "O Todo-Poderoso [...] nunca permitiria [...] mal algum entre as suas obras se Ele não fosse tão bom e onipotente a ponto de poder gerar o bem mesmo a partir de um mal". Até ao pecado de Adão, Santo Agostinho dava o nome de *felix culpa*, ou "feliz culpa", pois nos trouxe tamanha e grandiosa redenção. Entretanto, nenhum homem do tempo de Adão, anterior a Cristo, pôde antever o que Deus faria em Cristo, e pessoa alguma do tempo de Jesus, ou do que veio depois dele — o nosso tempo —

pode prever o que Ele fará no fim, quando restaurar todas as coisas em Cristo. Olhos não viram, ouvidos não ouviram, sequer entrou no coração de qualquer homem, nem dos maiores santos e místicos, tudo o que Deus preparou para aqueles que o amam. Esta é a única e completa solução para o problema do mal: a de Deus, não a nossa.

Assim que ousamos entrar nessas discussões maiores, o problema da pobreza nos parece minúsculo e a tarefa de reconciliar seu paradoxo, quase fácil. A questão não fica apenas resolvida como se dissolve, assim como a maioria das nossas questões se dissolverão no Último Dia, a Parusia. Jó esqueceu-se de cada uma de suas indagações, suas excelentes, profundas, honestas, apaixonadas e agonizantes questões, quando Deus simplesmente lhe mostrou sua face e fez a grande e gloriosa pergunta que não pode ser respondida: Quem é você? Onde estava quando as estrelas da manhã cantavam e Eu e meus anjos juntos desenhávamos você e o seu mundo? A resposta de Jó foi simples: "Agora sei quem és e quem eu sou. Ouvi sobre ti com a audição dos ouvidos, mas agora te vejo com a visão dos olhos, e me arrependo em meio a pó e cinzas. Pois agora sei quem eu sou: eu sou o homem que encheu os lábios com discursos vazios".

Também foi precisamente isso que o maior teólogo da humanidade disse sobre a maior obra de teologia do mundo. São Tomás de Aquino, após receber a graça do vislumbre da Face vista por Jó, afirmou que tudo o que havia escrito na vida, incluindo a inacabada *Summa*, era "palha". Na Idade Média, a palha era usada para cobrir o estrume dos animais, exatamente aquilo sobre o qual Jó se sentou: um "monte de esterco". Desde a Bíblia do Rei Jaime, nenhum tradutor ousou traduzir esse termo literalmente.

O ponto é óbvio: Deus sabe quais pobrezas, sofrimentos, doenças e mortes são boas para nós; nós não. Caso soubéssemos, seríamos tão sábios quanto Deus, logo, se *pudéssemos* responder ao mais forte dos argumentos ateus, o problema do mal, isso provaria, não

o teísmo, mas o ateísmo. Demonstraria que não há inteligência superior à nossa. Nossa *incapacidade* de solucionar essa questão é exatamente aquilo que a hipótese teísta encerra. A existência de maldades inexplicáveis confirma, em vez de refutar, a existência de Deus. Certamente não a nega.

Em *A consolação da filosofia*, Boécio aborda o contraste entre a onisciência divina e a ignorância humana como sendo a solução para o problema de a divina providência nos parecer assaz irracional e aleatória, se na realidade Deus sempre converge todas as coisas para o nosso bem:

> Mesmo que as coisas pareçam confusas e discordantes porque você não consegue discernir a ordem que as governa, não obstante, tudo é regido segundo sua ordem própria, a qual dirige todas as coisas ao bem [...] Assim, quando vir algo acontecer que contraria suas idéias do que é certo, são a sua opinião e expectativa que estão equivocadas, enquanto a ordem das coisas em si está correta.
>
> Pegue, por exemplo, um homem tão afortunado que aparenta ter a aprovação [...] de Deus, [...] ele pode dispor, na verdade, de um caráter tão fraco que, caso sofresse a adversidade, abandonaria a virtude sob a justificativa de que ela não aparenta lhe favorecer. Assim, Deus, em sua sábia dispensa, poupa aquele que a adversidade poderia arruinar...
>
> Outro homem, o qual é perfeito em todas as virtudes, que é santo e querido para Deus, pode ser preservado [...] porque a Providência julga ser ruim que ele seja tocado por qualquer flagelo [...].
>
> Para outros, ela oferece uma mistura de prosperidade e adversidade de acordo com a disposição de suas almas: dá tribulações para alguns, os quais o luxo poderia estragar; a outros, testa com dificuldades a fim de fortalecer suas virtudes pelo

> exercício da paciência, [...] a outros tantos, [...] ao não quebrar sob tortura, provam para o mundo que a virtude não pode ser vencida pelo mal.
>
> Além disso, o quinhão dos perversos, às vezes doloroso e noutras, tranqüilo, provém da mesma fonte e pelos mesmos motivos. Ninguém questiona os males que os afligem, já que todos julgam estarem recebendo apenas aquilo que merecem. Tais punições tanto impedem que outros cometam crimes quanto motivam os que as sofrem a retificar. Por outro lado, a prosperidade dos maus é um argumento poderoso para os bons, pois eles percebem qual valor deveriam atribuir ao tipo de riqueza que tantas vezes agrada aos corruptos. Ainda a outro propósito pode servir a prosperidade do ímpio: caso sua natureza seja tão inconseqüente e violenta que a pobreza poderia levá-lo à criminalidade.

Tais exemplos imaginados por Boécio são apenas especulações, não respostas definitivas para o problema do mal, nem documentos vazados da sala de guerra do Paraíso. Eles apenas abrem nossas mentes para as possibilidades e, portanto, para a chance de que a nossa fé na perfeição da divina providência seja intelectualmente respeitável e compatível com os dados enigmáticos e aparentemente aleatórios.

C. S. Lewis escreve em *A anatomia de uma dor*, seu diário pessoal sobre o sofrimento de sua esposa, quem acabara de falecer com câncer: "É crível que tais extremos do suplício sejam necessários para nós? Bem, faça sua escolha. Os suplícios acontecem. Se são desnecessários, então não há um Deus, ou há um muito mau. Se há um Deus bom, então esses sofrimentos são imprescindíveis, pois nem mesmo um ser moderadamente bom poderia infringi-los ou permiti-los caso não fossem".

Aqui está a maneira pela qual Lewis resolve o paradoxo da pobreza em *O problema do mal* (capítulo 7). Tanto seu postulado quanto sua solução são mais claros e enxutos que os meus, então

não só me perdoem, antes me agradeçam por oferecer-lhes uma citação de três parágrafos redigidos pelo mais cristalino e inteligente escritor cristão dos tempos modernos:

> Há um paradoxo com relação à tribulação dentro do cristianismo. Bem-aventurados os pobres, porém, pela "determinação" (isto é, pela justiça social) e esmola, devemos eliminar a pobreza sempre que possível. Benditos somos quando perseguidos, mas podemos evitar a perseguição [...] e rezar para sermos poupados dela, como Nosso Senhor no Getsêmani. No entanto, se o sofrimento é bom, não deveríamos almejá-lo em vez de evitá-lo? Respondo que o sofrimento (e isso inclui
>
> a pobreza) não é um bem em si mesmo. O que há de bom em qualquer experiência dolorosa é, para o sofredor, a sua submissão à vontade de Deus, e para seus espectadores, a compaixão e os atos de misericórdia que ela inspira. Em um universo decaído e parcialmente redimido, podemos distinguir 1) o simples bem que provém de Deus, 2) o simples mal realizado por criaturas rebeladas, e 3) o aproveitamento desse mal por Deus para seu propósito redentor, que resulta no 4) bem complexo para o qual sofrimentos aceitos e pecados contritos contribuem.
>
> Um homem misericordioso busca o bem de seu próximo e assim realiza a "vontade de Deus", cooperando de maneira consciente para o "bem simples". O cruel oprime seu irmão e assim efetiva o mal simples. Entretanto, agindo dessa forma, ele é usado por Deus, sem saber ou consentir, a fim de produzir o bem complexo — então, o primeiro serve a Deus como um filho, e o segundo, como ferramenta. Porque você com certeza executará os desígnios de Deus, qualquer que seja sua ação, mas há diferença em servi-lo como João ou como Judas.
>
> Seria bastante falso, portanto, supor que a visão cristã do sofrimento (e da pobreza — que é bem-aventurada quando aceita com um amor confiante) seja incompatível com a fortíssima

> ênfase no nosso dever de deixar o mundo, mesmo no sentido temporal, "melhor" do que o encontramos. Na imagem parabólica mais completa que Ele mostrou do Juízo, Nosso Senhor parece reduzir toda virtude à ativa beneficência: embora possa nos levar ao erro o ato de pegar uma imagem isolada do evangelho e usá-la como um todo, essa é suficiente para pôr além de qualquer dúvida o princípio básico da ética social do cristianismo.

Claro, Lewis é um "conservador", pois deseja conservar tudo que provém de Cristo. Contudo, não é maravilhoso que ambos, os chamados cristãos liberais e os conservadores, devam concordar nesse fundamento prático? E não é incrível que de fato concordem sobre este fim, o auxílio à pobreza, ainda que discordem profundamente quanto aos meios empregados para tanto, especialmente no que tange a relação entre as funções instrumentais do governo e da iniciativa privada? Cristãos, diferentemente dos muçulmanos, não acreditam que Deus revelou o melhor sistema político, e por isso temos discutido sobre esse tema há 2.000 anos e continuaremos discutindo. A revelação divina nos é dada na base de princípios essenciais. Dizem-nos muito mais sobre nossa ortopraxia do que sobre a ortodoxia, mais sobre o que devemos fazer e menos sobre por que devemos fazê-lo. É assim porque a primeira leva à segunda, pois uma das maneiras mais efetivas de alcançar a boa-fé é a boa caridade. Em outras palavras, nós resolveremos nossas disputas remanescentes na medida em que nos tornarmos santos. Essa é a solução mais poderosa para todos nossos problemas sociais, políticos e mesmo econômicos. Duas Madres Teresas fariam mais pela saúde e felicidade do nosso pobre mundo do que dez FDRs ou JFKs, mais do que dez Margareth Thatchers ou dez Ronald Reagans. Então, qual é a sua desculpa para não ser uma delas?

5
A lógica do progressismo

As idéias de hoje são mais verdadeiras do que as de ontem. E, claro, amanhã elas serão as idéias de ontem.

Pessoas discriminadas não discriminam.

Extremismos são extremamente ruins.

Não confie nas palavras.

Durante toda a história, nunca houve uma utopia. Logo, a história nos prova que em breve haverá uma.

Proibir coisas é proibido. Você não pode dizer "não pode".

Você pode adorar qualquer deus que não seja Deus.

Todas as outras culturas estão certas exceto a ocidental. Todas acreditam que a nossa está errada ao acreditar que todas estão certas. Logo, todas as culturas estão corretas, a não ser a ocidental.

Para o inferno com o Inferno. Aqueles que acreditam em condenação devem ser condenados. A idéia de que algumas idéias são condenáveis é condenável.

Não existe verdade e esta é a verdade.

Absolutamente nenhum absoluto.

Homens e mulheres são iguais. Especialmente as mulheres.

Não há verdades universais em todo o universo.

Você pode ter certeza de que qualquer pretensão de certeza é uma baboseira arrogante.

A Igreja Católica só fez uma coisa certa. Em 1966, pôs o *Index de livros proibidos* no *Index*. A censura deve ser censurada.

Não tolere nenhuma intolerância.

Manifestos são intolerantes. Precisamos nos livrar de todos eles. Isto é um manifesto.

Ame o pecado, odeie o pecador. Santos dizem que são pecadores, odeie-os. Pecadores dizem que são santos, ame-os.

Devemos ser bastante religiosos em não ter religião.

A espiritualidade é boa, mas a religião é perigosa pois acredita em coisas como espíritos.

Invista no futuro. É a única dimensão do tempo que não existe.

Temos direito ao ar puro pois temos o direito de expirar palavras sujas.

O governo sabe mais, a não ser que seja um eleito por indivíduos que não votam em pessoas como nós.

O governo sabe o que é melhor para as pessoas, mais do que as pessoas que o elegeram.

Julgar é algo muito ruim.

Não seja negativo.

Todos os homens são iguais exceto aqueles que pensam que alguns são superiores.

Conserve o meio ambiente, mas não seja conservador.

Não há instituição infalível neste mundo. Isso deve ser verdade porque a União Americana pelos Direitos Civis disse.

Todo raciocínio é só uma racionalização, embora este não seja.

Acabe com a pena de morte. Ela mata assassinos. Porém o aborto não é um problema, ele só faz vítimas inocentes. Se enquadrássemos os nascituros como homicidas, poderíamos nos livrar do aborto abolindo a pena de morte.

Na verdade, não há inconsistência em ser contra a pena capital e a favor do aborto. A pena de morte acaba com assassinos e abortistas são assassinos, então é lógico que pessoas pró-aborto certamente não desejam que os abortistas sejam mortos.

O proletariado salvará o mundo — votando em esquerdistas ricos.

Confie nos especialistas (nós). Você precisa da gente porque necessita de nossa sabedoria superior. Ela dita que não existe esse negócio de sabedoria superior.

Todas as filosofias são culturalmente relativas, todas são cegadas por seus limites culturais. Menos esta.

Todo mundo é preconceituoso; menos nós.

Confie em nós, iremos servi-lo. Gastaremos seu dinheiro por você.

Não há nada eterno. Nunca.

A vida não tem um "sentido", este é o sentido da vida.

Todos os problemas da vida são resolvidos pela economia. Entretanto, a raiz de todo mal é o amor pelo dinheiro. Não seja um capitalista.

O desconstrutivismo, o "estado da arte" da teoria literária, diz que um livro pode significar o que você quiser — a menos que coincida com o que o autor quis dizer.

"Todos os homens são criados iguais", mas "todos" é estereotípico.

E "homens" é exclusivo de gênero (mesmo que todas as pessoas que usaram esse termo durante mil anos estivessem se referindo aos seres humanos dos sexos masculino *e* feminino).

E "são" é dogmático.

E "criados" é religioso (*eca! urgh!*). E "iguais" é um substituto de "fofos".

Só há dois tipos de pessoa: aquelas simplórias que acreditam que só há dois tipos de pessoas e aquelas que têm uma mente aberta como a gente.

"Eu me contradigo? Muito bem, então me contradigo (Sou vasto, contenho multidões)" (Walt Whitman, *Canção de mim mesmo*). Logo, se eu não me contradigo, sou insignificante, não contenho coisa alguma.

"A consistência é a enganadora das mentes tacanhas" e, portanto, ser consistentemente inconsistente é ser evoluído.

Somos melhores que você porque não pensamos ser melhores que você.

Os extremos da esquerda e da direita são totalmente contrários. Dá para ver nas fotos: o bigode de Stálin era muito mais bonito do que o de Hitler.

Não há essa coisa de "extrema esquerda". Só existe a "extrema direita". Na verdade, toda direita é extrema.

A idéia de que todas as idéias são iguais é igual à idéia de que nem todas são iguais, já que todas as idéias são iguais.

Seja aberto a todas as idéias. Porém, não àquela que diz que talvez você não devesse ser aberto a *todas* as idéias.

Eu amo todos os seres humanos, só odeio os conservadores.

Devemos ser totalmente livres, livres para nos contradizermos. Por isso, não devemos ser livres.

Não há absolutos. Exceto o desejo sexual.

Não há "verdades objetivas", apenas opiniões pessoais. Esta não é uma opinião pessoal.

Odiamos a censura. Amamos códigos de conduta.

Bons céticos impõem limites ao pensamento e não reivindicam pensar para além desses limites. Não obstante, para *pensar* um limite, você deve conceber os dois lados separados por ele.

Nunca diga "nunca".

Nossos ancestrais eram macacos e ensinaremos nossos descendentes a pensarem isso de nós também.

A idéia de "heresias" é uma heresia.

A lógica é uma farsa. É uma conspiração falida de homens brancos chauvinistas para estuprar a mente das mulheres. E nós vamos provar isso.

Negue toda negatividade.

Respeitamos qualquer um que não nos respeite.

Tudo é relativo. Um pássaro é só um *artifício* astuto de um ovo para produzir mais ovos.

A idéia de superioridade é uma idéia muito inferior.

Não confie na filosofia de outras pessoas. Esta é a minha filosofia e você pode confiar nela.

Acredito que deveríamos acreditar só naquilo que foi provado, embora eu não possa provar isso.

Sola Scientia é como *sola Scriptura*. Significa que só se pode ter certeza do que é comprovado cientificamente, ainda que a ciência não tenha provado isso.

Como podemos pensar corretamente sobre ortodoxias? ("Ortodoxia" significa "pensamento correto"). Desta maneira: todas elas são perigosas. Essa é a nossa ortodoxia.

Nossa razão é apenas a racionalização dos nossos desejos animais e da bioquímica cerebral. É preciso razão para ver através da superstição popular de que ela é qualquer coisa além disso.

Há muitos jeitos de entender o Corão, e todos são válidos. Exceto o corânico.

Acreditamos no que acreditamos só porque a sociedade nos condicionou a fazê-lo, e a sociedade nos levou a acreditar *nisso*. No entanto, algumas pessoas não acreditam nesse fato. Logo, a sociedade deve tê-las condicionado a acreditar que não são condicionadas por ela. Então a sociedade mente.

A diferença entre ciência e religião é que a primeira abandona as idéias que são irracionais, especialmente as que são logicamente autocontraditórias, enquanto a segunda continua acreditando nelas com teimosia e diz que os que não acreditam estão errados. Se você não acredita *nisto*, você está errado.

Apenas pessoas inferiores acreditam que algumas pessoas são superiores às outras.

Somos humanos, temos compaixão. Acreditamos que a dor é o único mal. Portanto, aprovamos que esmaguem os crânios de nascituros e golpeiem suas nucas com tesouras.

É ruim ser bom e é bom ser mau. Pois a bondade é uma conformidade enfadonha, mas a maldade é um inconformar-se criativo. De fato, a única coisa que é má é a bondade, todo o resto é bom, e a única coisa boa é a maldade. Fora isso, tudo é conformação.

Conforme-se à inconformidade.

Conservadores não acreditam que existam verdades *subjetivas*, isto é, algo que é verdadeiro para uma pessoa e não para outra. Essa crença é verdadeira para eles, mas para nós, não.

"Eu acredito que a verdade é objetiva". "Bom, isso é verdade para você".

"Eu acredito ser impossível para uma pessoa 'impor' sua verdade à outra". "Como você ousa impor sua crença pessoal a mim?".

Nós somos tão abertos, tolerantes e sem preconceitos que se você discorda da gente, deve ser bem mente-fechada, intolerante e preconceituoso. Inclusive, seu corte de cabelo é bem ridículo.

"Nada há de bom ou mau, essas são qualidades atribuídas pelo pensamento". Assim sendo, se eu penso que há algo bom ou mau que não foi feito assim pelo pensamento, o meu pensamento *fará* isso ser assim também.

Igualitários são superiores aos elitistas.

"Para o *New York Times*, os únicos católicos bons são os ruins" (Pe. Neuhaus).

"É melhor aproveitar a viagem do que chegar ao destino". Assim, só podemos esperar nunca chegar a lugar nenhum.

Tudo muda, até os padrões de medição. Nós não usamos barras de ferro. Nós usamos enguias.

Acreditamos em progresso, não em metas fixas. Assim, a estação se move tão rápido quanto o trem. Isso é progresso.

"Questione a autoridade" e diga isso autoritariamente.

Todas as culturas estão certas menos a nossa, e a nossa é a única que acredita que todas estão certas.

Nada é proibido aqui. Não ouse trazer leis repressivas! "A opinião de todo mundo é verdadeira. Nenhuma opinião é simplesmente errada". "No entanto, algumas pessoas têm a opinião de que nem todas as opiniões são verdadeiras". "Elas estão erradas".

Isso está ficando cansativo, então vou deixar você preencher o resto.

6

Os efeitos social, moral e sexual da lógica simbólica

Quando comecei a ensinar lógica em 1962, a maioria dos livros-texto ensinava lógica aristotélica tradicional em vez de (então

consideravelmente nova) "lógica simbólica", também chamada de "lógica matemática" ou "lógica proposicional". Sessenta anos depois, há apenas duas obras que são inteiramente de lógica aristotélica tradicional em impressão. Uma delas é o meu recém-publicado livro-texto, *Lógica socrática*, [3] de onde provém parte deste artigo. Todos os outros livros de lógica, mais de quinhentos deles, ensinam a simbólica ou então as informais (retórica).

Já nos anos 70, a maioria das instituições de ensino de filosofia anglófonas apostavam suas fichas na "filosofia analítica" e a lógica simbólica era o seu complemento metodológico. Ainda me lembro vividamente da reação de revolta, medo e ódio dessas entidades quando Henry Veatch publicou *As duas lógicas*, [4] seu ataque à nova lógica. O livro era meio prolixo, bombástico e descomedido, mas possuía as três mais raras e importantes qualidades que qualquer obra de filosofia deveria ter: era interessante, racional e estava certa. É por isso que as instituições "perderam a cabeça". As pessoas podem perdoar quem está errado, mas jamais quem está certo.

No entanto, essa mudança na lógica não é somente um problema técnico e interno para filósofos. É de interesse de todos, possui sérias implicações sociais, morais e até sexuais. Além disso, trata-se de uma das causas indiretas e não reconhecidas da "cultura da morte", como tentarei demostrar.

Um telefonema profético

Eu entendi isso com alguma relutância. O que fez meu alarme interno soar pela primeira vez foi um telefonema que recebi há anos de um homem que era bem famoso (mas não para mim: esqueci o seu nome). Ele havia escrito um livro atacando a revolução dos computadores, que ficou na lista dos mais vendidos do *The New York Times* por algumas semanas e suscitou muitos elogios. Esse cidadão recebeu o título de "um dos homens mais inteligentes do mundo", e pensou que havia encontrado em mim um aliado para sua filosofia *cyber-ludita*, pois havia lido uma

reclamação pessoal minha contra os computadores em um dos meus escritos. (Sim, eu odeio esses miseraveizinhos arrogantes. Eles são ladrões, enganadores e esnobes. "Eu os odeio com um ódio perfeito, os considero meus inimigos".) Esse autor tentou me convencer do seguinte cenário apocalíptico: o uso de computadores, alegava, estava imperceptivelmente transformando a própria estrutura do pensamento, em progressão geométrica, numa que apresentava a dominância do hemisfério cerebral esquerdo e a atrofia do direito. Dessa forma, nós nos tornaríamos servos cada vez mais solícitos de máquinas calculistas cada vez mais elaboradas, e nossos atos ordinários de compreensão intuitiva seriam progressivamente mais raros e difíceis. Ele me pareceu um extremista, um teórico da conspiração, e eu o rotulei mentalmente de maluco e excêntrico. No entanto, ele me ofereceu três evidências verificáveis empiricamente para as suas hipóteses, cada uma delas testável por qualquer um que tenha ensinado lógica por décadas. A primeira era a previsão genérica de que os estudantes ficariam cada vez mais incompetentes na lógica aristotélica à medida que se tornassem gradativamente mais competentes na lógica simbólica. A segunda foi mais específica: que seriam cada vez menos aptos a compreender analogias e termos analógicos (uma vez que entender analogias é algo que computadores digitais não podem fazer. É uma ação intuitiva, um ato do "cérebro direito"). A terceira predição era a mais específica de todas, pensei, e a mais absurda: o teste de aptidão escolar (Scholastic Aptitude Test, SAT), o qual é aplicado a quase todos os candidatos ao ensino superior nos Estados Unidos, iria em breve abolir por completo a sua seção de analogia, porque os estudantes não seriam mais capazes de compreendê-la (essas provas não tiveram mudanças substanciais em cinqüenta anos, apesar de terem descido de nível repetidas vezes).

Poucos anos depois, a terceira previsão simplesmente se concretizou.

Ao lembrar das demais, peguei alguns dos meus antigos e mais fáceis testes de lógica de 1962 e os dei aos meus então alunos de lógica. Eles falharam completamente, em especial nas questões sobre termos analógicos. Por exemplo, apenas 3 de uma turma de 72 estudantes entenderam que, na frase: "Ele apontou com sua mão direita para as mãos do relógio", a palavra "mãos" é analógica. Pouquíssimos tiveram problemas com isso em 1962.

Todavia, isso é apenas uma mudança no pensamento lógico abstrato. Onde estão as conseqüências sociais, morais e sexuais anunciadas no título deste capítulo? A fim de explicá-las, preciso dar a vocês um brevíssimo curso de história da lógica e da filosofia moderna.

Uma breve história da ascensão da lógica simbólica

Aproximadamente 350 anos antes de Cristo, Aristóteles escreveu o primeiro manual de lógica da história. Eram, na verdade, seis livros, cujo conjunto ficou conhecido como *Organon*, ou "instrumento". Desde então até 1913, quando Bertrand Russel e Alfred North Whitehead publicaram *Principia Mathematica* — o primeiro clássico mundial da lógica matemática ou simbólica — todos os estudantes de todas as universidades do mundo aprenderam a lógica aristotélica. As duas únicas "novas lógicas" em vinte e quatro séculos foram: o aprimoramento de Francis Bacon dos princípios da lógica indutiva e do método científico no século XVII, o *Novum Organum*; e uma outra no século XIX de John Stuart Mill. Todavia, hoje, "lógica" virtualmente *significa* "lógica simbólica".

Há pelo menos três bons motivos para o atual triunfo da lógica simbólica sobre a aristotélica. Contudo, cada um cobra seu preço.

O primeiro e mais óbvio é que a nova lógica é realmente superior à antiga no que tange à eficiência em expressar argumentos longos e complexos, assim como os algarismos arábicos superaram os

romanos, os computadores digitais superaram os analógicos, e o uso de abreviações — como na taquigrafia — superou a escrita por extenso.

Não obstante, escrever palavras inteiras supera abreviá-las em outros sentidos: por exemplo, é mais belo e elegante, inteligível para mais leitores e oferece um toque mais pessoal. É por isso que é útil para iniciantes, e é por esses motivos que a maioria das pessoas escrevem por extenso. É similar na lógica: a maioria das pessoas "argumentam por extenso", ou seja, na linguagem comum, e a lógica aristotélica se aproxima dessa linguagem. É por essa razão que ela é mais útil para iniciantes.

A segunda razão para a preferência pela lógica simbólica é que sua forma é mais exata, mais científica. Ela é a lógica *matemática*. "A lógica simbólica moderna foi desenvolvida principalmente por matemáticos com aplicações matemáticas em mente", afirma um de seus defensores, Henry C. Byerly. [5] A matemática é uma invenção maravilhosa para poupar tempo e fortalecer a ciência, embora não seja muito útil para conversações comuns ou filosóficas. Na verdade, quanto mais importante é o assunto, menos útil a matemática parece ser. Seu forte não é a qualidade, mas a quantidade. É a única linguagem totalmente clara e inequívoca do mundo, mas é incapaz de dizer qualquer coisa muito interessante sobre qualquer coisa muito importante.

O deus filosófico dos lógicos simbólicos, o próprio Ludwig Wittgenstein, admitiu em suas *Investigações filosóficas* que "por causa das diferenças básicas entre as linguagens naturais e artificiais, muitas vezes tais traduções (de sentenças de uma linguagem natural para uma artificial e simbólica) não são sequer possíveis em princípio". É por isso que Stephen N. Thomas disse, em 1973, que "muitos lógicos agora concordam que os métodos da lógica simbólica são de utilidade pouco prática para lidar com muitos dos raciocínios encontrados em situações da vida real". [6]

E na filosofia! “Por mais útil que a lógica simbólica seja enquanto ferramenta para as [...] ciências, é um instrumento inútil para a filosofia. A filosofia busca *insights* sobre princípios e as relações entre as conclusões derivadas deles. A lógica simbólica, no entanto, não compartilha desse objetivo”. Isso está na *Introdução à lógica* de Andrew Bachhuber. [7]

Há um terceiro motivo para o triunfo da lógica simbólica entre os filósofos, e este é filosófico ou ideológico. A lógica aristotélica foi desprezada pela maioria dos filósofos do século XX porque se baseia em dois pressupostos filosóficos antiquados, embora próprios do bom senso. Os termos técnicos para eles são “realismo epistemológico” e “realismo metafísico”. Os dois foram adotados por praticamente todos os pensadores da filosofia ao longo de quase dois mil anos (*grosso modo*, desde Sócrates até o século XVIII), e são válidos para a maior parte das pessoas comuns hoje, mas não para muitos dos filósofos influentes do século XX. O primeiro, o realismo epistemológico, estabelece que o objeto da razão humana, quando ela está funcionando natural e corretamente, é a realidade objetiva, que a razão do homem pode apreender as coisas como elas realmente são e, às vezes, pode ter muita segurança sobre seu conhecimento. Assim, quando dizemos “duas maçãs somadas a outras duas sempre serão quatro maçãs”, ou “maçãs crescem em árvores”, estamos dizendo algo verdadeiro sobre o universo, não somente sobre como pensamos ou usamos os símbolos.

Há dois motivos principais pelos quais os filósofos do século XX ficaram céticos quanto a essa crença: em duas palavras, Hume e Kant, os dois filósofos mais influentes do iluminismo do século XVIII.

David Hume herdou de seu predecessor empirista John Locke o pressuposto fatal de que o objeto imediato do pensamento humano são suas próprias idéias. Locke ingenuamente assumiu que poderíamos saber se essas idéias “correspondem” à realidade

objetiva de maneira análoga ao que se dá nas fotografias. No entanto, é difícil dimensionar o grau de certeza que podemos ter de que qualquer foto corresponda com acurácia ao objeto real que ela apresenta, se tudo o que pudermos conhecer de maneira direta sempre forem fotos e não objetos reais. Hume logicamente chegou à conclusão do ceticismo a partir da premissa de Locke.

Após restringir o objeto do conhecimento aos nossos próprios pensamentos, Hume fez distinção entre dois tipos de idéias, às quais deu o nome de "impressões" (sensoriais) e "idéias" (em sentido estrito), e entre os dois tipos correspondentes de conhecimento, as "questões de fato" e as "relações de idéias". Por "relações de idéias", quis dizer essencialmente o que Kant depois chamou de "proposições analíticas" e os lógicos de "tautologias": proposições que são verdadeiras por definição, pela forma e não pelo conteúdo, válidas somente porque seu predicado repete todo ou parte de seu sujeito — por exemplo, "árvores são árvores", "unicórnios não são não-unicórnios" ou "homens solteiros são homens".

Por outro lado, por "questões de fato" entende basicamente o que Kant mais tarde chamou de "proposições sintéticas", proposições cujo predicado adiciona novas informações ao sujeito — por exemplo: "algumas árvores nunca perdem suas folhas" ou "nenhum inglês tem sete metros de altura". Hume defendia que esse tipo de proposição pode ser conhecida somente através da observação dos sentidos. Elas sempre são particulares, como em "estes dois homens são carecas", não universais, como em "todo homem é mortal", pois nós não *experimentamos* universais como "todo homem", apenas particulares, como "estes dois homens".

O bom senso nos diz que podemos ter certeza de algumas verdades universais, como "todo homem é mortal", e podemos estar seguros sobre certas conclusões particulares que validamente deduzimos delas, como "Sócrates é mortal". Entretanto, de acordo com Hume, nós *não* podemos estar certos sobre verdades

universais porque a única maneira que temos de chegar a conhecê-las é a partir da generalização de experiências sensoriais particulares e, uma vez que não podemos conhecer todos os homens do mundo, não podemos ter certeza de que todos são mortais.

Já que esses princípios gerais só podem ser prováveis, as conclusões particulares que deduzimos deles também só podem sê-lo. Se é apenas provável que todo homem seja mortal, logo é só uma verdade provável a de que Sócrates é mortal.

A conclusão de Hume dessa análise foi cética: não há conhecimento seguro do mundo real ("questões de fato"), apenas tautologias ("relações de idéias"). Até a ciência carece de certeza, uma vez que assume o princípio geral da causalidade que, segundo Hume, não é uma verdade universal objetiva, mas uma associação subjetiva de idéias na nossa mente. Porque observamos uma "conjunção constante" de pássaros e ovos, somente porque vimos os ovos seguirem as aves ao longo do tempo que naturalmente concluímos que esses animais *causam* os ovos. Entretanto, não *vemos* a causalidade em si mesma, apenas ovos e pássaros. Nós não *enxergamos* os universais, não *podemos ver* o princípio universal de que efeitos provêm de causas. Logo, conclui Hume, não possuímos verdadeiramente o conhecimento da realidade objetiva que naturalmente acreditamos ter. Devemos ser céticos, já que somos meros seres *humeanos*.

Immanuel Kant aceitou a maior parte da análise epistemológica de Hume, mas disse, com efeito: "Não Kant vitória tão cedo". Ele pensou ter evitado tal conclusão ao negar o pressuposto de que a razão humana *deveria estar* em conformidade com a realidade objetiva e simplesmente fracassa nessa missão. Em vez disso, Kant afirma que a finalidade da razão humana é *dar forma* ou *construir* seu objeto, assim como um artista faz com sua obra de arte. O sujeito cognoscente determina o objeto conhecido e não o contrário. A razão do homem realiza seu trabalho muito bem, mas

ele não consiste em *descobrir* o que as coisas são, antes, em *produzi-las*, moldá-las, estruturá-las, impor a forma à matéria, onipotente e inconscientemente. Kant distinguiu três níveis de estruturação: duas "formas *a priori* da sensibilidade", o espaço e o tempo; doze "categorias" abstratas da lógica, tais como causalidade, necessidade, substância e relação; e as três "idéias da razão pura", Deus, o eu e o mundo.

Assim, a realidade da experiência é determinada pelo nosso entendimento, em vez de ele ser determinado pelo que há no mundo. Kant batizou essa idéia de sua "revolução copernicana da filosofia". Ela também é chamada de "idealismo epistemológico", ou, mais propriamente, "idealismo kantiano". ("Idealismo epistemológico" às vezes é utilizado no sentido mais amplo da crença de que as idéias, e não as realidades objetivas, são objeto do nosso conhecimento. Sob essa perspectiva, Locke e Hume também são idealistas epistemológicos.) O resultado desse raciocínio é que, quer você concorde com Hume ou com Kant, a lógica se torna uma mera manipulação de símbolos e não o princípio de um conhecimento ordenado e verdadeiro sobre um mundo que também dispõe de ordem. Categorias como "relação", "qualidade" e "substância", mesmo "tempo", "eu" e "Deus", não são características reais do mundo que descobrimos, mas apenas classificações mentais que produzimos.

Em lógicas assim, "gênero" e "espécie" são só classes maiores e subclasses menores que construímos mentalmente. No entanto, na aristotélica, o "gênero" é a parte geral, comum e universal da verdadeira natureza essencial de algo — por exemplo, "animal" é gênero de "homem". Além disso, "espécie" é a essência integral — "animal racional" é a "espécie" do homem. Logo, para Aristóteles, o gênero é parte da (um significado interno da) espécie, em vez de a espécie ser parte do (uma população externa do) gênero.

Isso envolve o segundo pressuposto aristotélico do senso comum, o realismo metafísico, que é a crença de que as essências, ou

universais (como "homem", "animal" ou "substância") são objetivamente reais. Essas duas pressuposições são corolários recíprocos: o realismo epistemológico afirma que o objeto da razão humana (da inteligência conceitual e não apenas da percepção sensitiva) é a realidade objetiva, enquanto o realismo metafísico diz que essa realidade contém os objetos da inteligência conceitual do homem (isto é, os universais). O realismo epistemológico declara que a inteligência conhece a realidade. O metafísico, que ela é inteligível e ordenada, que quando dizemos "o homem é um animal racional", não estamos impondo uma ordem a uma realidade que em última instância é inacessível, sem forma, aleatória e caótica. Afirma que as categorias universais são levadas da própria realidade para dentro do pensamento e da linguagem, não impostas à realidade por eles.

(Há duas versões do realismo metafísico. Platão acreditava que os universais eram *coisas* reais em si mesmas, enquanto Aristóteles, de uma maneira mais razoável, que eram *aspectos* de algo que mentalmente abstraímos das coisas.) O oposto do realismo metafísico é o *nominalismo*, a convicção de que os universais são apenas *nomes* (*nomini*). Guilherme de Ockham (1285–1347) é o filósofo a quem geralmente se dá o crédito (ou a dívida) de ser o idealizador do nominalismo. G. K. Chesterton refutou o nominalismo com sua brevidade e inteligência usuais quando constatou: "Se (como os nominalistas dizem) todas as cadeiras são bastante diferentes entre si, seria possível chamá-las de 'todas as cadeiras'?". [8]

A lógica aristotélica assume tanto o realismo epistemológico quanto o metafísico porque se inicia pelo "primeiro ato da mente", o de entender um universal, uma natureza ou essência, tal como a natureza de "maçã" ou de "homem". Esses universais, essências ou naturezas são entendidos como *conceitos* e expressos pelo que a lógica chama de *termos*. Então, no "segundo ato da mente", o ato de julgar, dois desses termos são relacionados como sujeito e predicado para uma proposição — por exemplo: "maçãs são frutas"

e “todo homem é mortal”. Assim, no “terceiro ato da mente”, o de raciocinar, uma proposição posterior (a “conclusão”) é deduzida de duas anteriores (as “premissas”) — por exemplo, “todo homem é mortal, Sócrates é um homem. Logo, Sócrates é mortal”.

“Aristóteles nunca teve a intenção de que sua lógica fosse um mero cálculo formal (como a matemática). Ele a amarrou à sua ontologia (a metafísica): pensar em conceitos pressupõe que o mundo é constituído de espécies estáveis”. [9]

A lógica simbólica, em contraste, é um conjunto de símbolos e regras a serem manipulados sem que se precise conhecer o seu significado e conteúdo ou sua relação com o mundo real, sua “verdade” (no sentido tradicional, do senso comum). Um computador consegue usar a lógica simbólica. É puramente quantitativa, não qualitativa. É digital, redutível a uma matemática de soma zero.

A lógica simbólica também é conhecida como “lógica proposicional” porque começa com proposições e não com termos. Pois termos como “homem”, “maçã” ou “mortal” expressam universais, essências ou naturezas. Admitir que essas coisas são reais seria admitir a realidade dos universais (realismo metafísico) e que podemos conhecê-los tais como são (realismo epistemológico).

Normalmente, os filósofos modernos criticam esse entendimento como sendo ingênuo, mas a mim me parece uma conclusão bastante razoável e nada ingênua. É ingênuo assumir que sabemos o que é uma maçã? Eu não gostaria de almoçar na sua casa se você de fato acredita não saber o que é uma.

A lógica simbólica não dispõe de meios para conhecer e nos impede de dizer *o que* qualquer coisa é! Contudo, essa era a pergunta socrática essencial sobre tudo. A lógica simbólica faria de Sócrates algo impossível.

A própria natureza da razão em si mesma é entendida de maneira diferente pela lógica simbólica do que era pela aristotélica. Os antigos usavam a palavra "razão" para significar tudo o que distingue o homem das bestas, incluindo intuição, entendimento, sabedoria, consciência moral, apreciação estética e cálculo. Todavia, a partir de Descartes, é apenas da última dessas capacidades que lembramos quando pensamos em "razão". É por isso que há filósofos hoje que realmente acreditam que não há uma diferença fundamental entre "inteligência natural" e "inteligência artificial", isto é, entre humanos e computadores. Em outras palavras, o homem não é nada além da soma de um macaco e um computador. Tendo conhecido alguns desses pensadores em Harvard e no MIT, devo admitir que a autodescrição deles às vezes parece ser bem precisa.

As conseqüências culturais

A nova lógica é como a "novilíngua" no *1984* de Orwell: restringe a linguagem em vez de expandi-la. Nela, não podemos mais fazer a pergunta socrática sobre "o que", sobre a essência. Se paramos de dizer algo, logo cessamos de pensar sobre esse algo, pois não haverá local de fixação para ele na nossa língua. A linguagem é a casa dos pensamentos e a situação de rua é tão ameaçadora para a vida das idéias quanto para as pessoas. Caso começássemos a falar e a pensar somente em termos nominalistas, isso consistiria em uma mudança histórica monumental. Seria o inverso do evento evolutivo no qual o homem se elevou sobre os animais ganhando a capacidade de conhecer universais abstratos. Seria o equivalente mental de ficar pelado de quatro, vivendo em árvores, comendo bichinhos e bananas (será que os macacos evoluíram por seleção natural dos nominalistas?).

Enquanto pode parecer "extremista" sugerir isso, tal "involução" mental não é impossível e o uso dos computadores não deixa de estar relacionado a ela. Já acontece de a "lógica da *internet*", aquela da associação espontânea por "palavras-chave", estar substituindo a

lógica do gênero e da espécie — a que apresenta uma hierarquia ordenada de categorias reais objetivas que expressam essências naturais. Na verdade, para a maioria das mentes modernas, os últimos sete substantivos e adjetivos dessa frase já soam tão arcaicos quanto alquimia ou feudalismo, e aqueles que os entendem freqüentemente os rotulam de ideologicamente perigosos. Eles argumentam que classificações como "hititas" e sentenças universais sobre classes como "hititas não liam hebraico" configuram uma atitude estereotipificante, julgadora, preconceituosa, opressora ou até mesmo um "discurso de ódio".

As mudanças lógicas e sociais não estão desvinculadas (a lógica não está desvinculada de *nada*). Nossa sociedade não pensa mais sobre a pergunta metafísica fundamental, a questão sobre *o que* é uma coisa, sobre a "natureza" de algo. Em vez disso, pensamos em como nos sentimos em relação às coisas, de que maneira podemos usá-las, como funcionam, como podemos mudá-las, como observamos o seu comportamento e de que forma podemos prevê-lo e controlá-lo com a tecnologia. Contudo, nada disso nos eleva acima do nível animal em qualidade, apenas em grau. Os animais superiores também têm sentimentos sobre as coisas, as usam, entendem como algumas funcionam e como podem mudá-las, observam como se comportam, prevêem e controlam esse comportamento através de uma forma primitiva de tecnologia. Pois o ato de caçar é tecnológico, é a arte de antecipar e administrar as ações de outros animais. O que o homem tem que nenhum outro animal possui? Exatamente aquilo que é desacreditado por muitos filósofos modernos: conceitos abstratos. Podemos abstrair e entender universais. É esse o poder no qual a lógica aristotélica é fundada e é aquilo que a lógica simbólica nega ou ignora.

A lógica antiga era como um antigo filme clássico: mais forte em substância do que em sofisticação. A nova é como um típico filme moderno: potente em "efeitos especiais", mas fraco na substância, tema, personagens, enredo e linguagem. É vigorosa em recursos adicionais supérfluos, mas dispõe de um motor fraco. É poderosa

em seu aspecto tecnológico, mas impotente no humano. Todavia, a lógica deveria ser um instrumento humano. Ela foi feita para o homem, não o homem para a lógica.

As conseqüências éticas e sexuais

A lógica simbólica é essencialmente uma lógica de "se… logo…", de proposições antecedentes e conseqüentes. Ela é matemática, uma lógica de quantidades. Essas duas características se ajustam e nutrem perfeitamente o utilitarismo na ética, porque o utilitarismo é, em essência, uma ética de "se… logo…", de conseqüências assim como é de quantidades. Pois seu princípio fundamental é que um ato é eticamente bom na medida em que suas conseqüências prováveis constituem "a maior quantidade de bem-estar para a maioria das pessoas". (Essa é uma versão de "o fim justifica os meios", embora tal formulação seja um pouco ambígua.) Em contraste, a lógica aristotélica naturalmente se ajusta e nutre a ética da lei natural porque sua unidade fundamental é um termo que expressa uma natureza ou essência, e seu juízo básico é "todo s é P", que é a afirmação de uma verdade ou lei universal sobre a natureza ou a qualidade de um s (expressa em P). É, em seu âmago, uma lógica de naturezas, de tipos universais e categorias, de qualidades e essências, e os princípios da ética da lei natural se baseiam e são abstraídos da natureza universal do homem.

Antes da lógica simbólica, a cultura ocidental, apesar de seu pluralismo e criatividade, apresentava um consenso forte, profundamente enraizado, quase universal e raramente questionado — e não apenas um consenso, mas um entendimento — acerca da maioria dos aspectos básicos da lei moral natural universal, sobre o que era próprio e o que era alheio ao homem. Provavelmente não havia uma maior *obediência* a essa lei no passado, mas com certeza havia um *conhecimento* maior dela e uma *crença* maior nela.

De longe, o tema da moralidade que sofreu mudanças mais radicais tanto nas crenças quanto na prática foi o sexo. Comumente falamos de "*revolução* sexual". Não usamos essa palavra para nenhum outro aspecto das mudanças éticas. Hoje, a maioria das pessoas julga a linguagem tradicional sobre "atos antinaturais" não só politicamente incorreta e ofensiva, mas literalmente incompreensível. Isso acontece porque não aceitam mais a legitimidade da questão da "natureza" dos atos humanos — aquela que a lógica simbólica desautoriza. Quem hoje ainda discute questões como homossexualidade, contracepção, masturbação, divórcio, adultério, ou mesmo incesto, pedofilia e bestialidade, em termos de "natureza" da sexualidade, da feminilidade e da masculinidade, da "natureza" do casamento? Católicos romanos tradicionais e evangélicos. Ninguém mais. Não é tão absurda a suspeita de que a força mais poderosa a mover a nova lógica seja mais sexual do que lógica.

Irei, portanto, concluir com uma previsão, no espírito do meu telefonema profético. Prevejo que quando a sabedoria sexual da "teologia do corpo" de São João Paulo II se tornar mais conhecida e aceita por mais pessoas, também acontecerá uma restauração da lógica aristotélica.

7
Doze valores fundamentais

Pediram-me para falar sobre os doze valores fundamentais do Lumen Institute. [10] Mas como? Eu poderia falar um pouco de cada um deles ou focar um ou outro. Poderia explicar suas bases filosóficas e algumas aplicações contemporâneas para eles, discorrer sobre a sua história na filosofia grega e na Bíblia, justificar

a objetividade que possuem, refutando as teorias subjetivistas modernas a respeito deles, ou então poderia explanar sua definição genérica: o que é um valor? No entanto, quero falar sobre a unidade deles.

São doze. Aquilo que constitui sua unidade é algo meramente genérico, no sentido de que todos são valores ou virtudes, assim como George Bush, Mikhail Gorbachev, George Steinbrenner, Paris Hilton e a Rainha Elizabeth são todos humanos, como dois, três e quatro são números? Ou então possuem uma unidade orgânica, assim como o corpo humano? O corpo contém muitas partículas subatômicas unidas em átomos, que se agrupam em moléculas, que constituem as células, que se organizam em tecidos, que são a matéria dos órgãos, que são as partes dos sistemas: o circulatório, o reprodutivo, o digestivo, etc. O que integra os sistemas em uma coisa só? O que faz deles sistemas de um único corpo? A resposta era muito clara e óbvia para qualquer pessoa com uma educação filosófica até bem recentemente: a alma.

Almas não são fantasmas, nem corpos são máquinas. A alma é a vida do corpo. É sua primeira função, a qual compartilha com as plantas. A segunda, que divide com os animais, é dupla: a consciência do mundo através da experiência sensível e o poder de mover o corpo em direção ao que deseja, como comida e sexo, luz, água, fontes de prazer. A terceira é distintivamente humana: o pensamento racional e o arbítrio moral. É por isso que a chamamos de alma racional. Animais possuem almas, mas não almas racionais. São conscientes, mas não autoconscientes. Têm consciência do mundo, mas não de si mesmos enquanto sujeitos. Não podem dizer "eu", o que é a imagem de Deus, cujo nome é "Eu sou".

O ponto dessa lição elementar de filosofia é que possuímos uma alma, não três, e então aquela que chamamos de livre e racional também é a vida do corpo. É isso que faz do corpo humano algo sagrado, diferentemente do corpo do animal. Ao falar que ela é a

vida do corpo, quero dizer algo muito simples: que ela une todas as suas funções, sistemas, órgãos, tecidos, moléculas e átomos. Quando, na morte, a alma deixa o corpo, essas funções corporais cessam, assim como os sistemas param de trabalhar, os órgãos, de funcionar, e os tecidos se desintegram. A alma é a *unidade* do corpo, a vida única de todas as suas partes.

Isso é uma analogia para minha pergunta de hoje: qual é a unidade, a alma, a vida dos doze valores fundamentais com que o Lumen se identificou? É a mesma de *todos* os valores, incluindo os menores. É o que unifica as quatro virtudes cardeais de Platão e Aristóteles, as quais são os quatro primeiros dos doze valores do Lumen. No entanto, os dois filósofos não conheciam a alma de todas as virtudes, de todos os valores, a unidade que os mantém unidos e que faz com que funcionem como um, como órgãos ou sistemas da alma, de forma que a virtude seja para a alma o que a saúde é para o corpo e faça com que todos os sistemas trabalhem juntos.

Quero dizer algo muito, muito simples para vocês hoje, algo que cada um deveria saber com muita clareza. Desejo comunicar apenas um ponto. Quero identificar a alma, a vida, a unidade viva e funcional de todas as virtudes e valores. Espero que vocês saibam a resposta para essa pergunta porque a maioria das pessoas hoje em dia não sabe. Esse é o principal motivo pelo qual a maior parte delas não conhece o valor dos valores, a excelência das virtudes, ou o bem da bondade e o mal da maldade. De acordo com um estudo do Higher Education Research Institute, o percentual de americanos que pensa que ficar rico é algo muito importante subiu de 42% em 1967 para 75% em 2005, enquanto o percentual de americanos que acredita que "constituir uma filosofia de vida plena de sentido" seja algo muito importante caiu de 85% para 46%. [11]

Segundo uma pesquisa de George Barna, "os americanos se sentem bastante confortáveis com a fé religiosa. A maioria dos adultos e mesmo os adolescentes se consideram pessoas de fé... No

entanto, essa fé raramente é o ponto central de suas vidas ou um fator crítico em seus processos de decisão". De acordo com esse levantamento, apenas 15% das pessoas que *freqüentam igrejas regularmente*, que por sua vez perfazem 50% dos americanos, fazem de sua relação com Deus uma prioridade absoluta, e apenas 35% dessas pessoas entendem que Deus espera que elas sejam santas. [12]

Veja, somos pessoas modernas, esclarecidas, e não primitivos ou bárbaros. Nós progredimos, somos civilizados. O incidente que se segue nunca aconteceria na América ou na Europa.

Voltemos o relógio para trás, para uma época primitiva e terrível, um tempo de violenta perseguição aos cristãos por parte do Império Romano, no qual apenas uma pequena percentagem dos cidadãos era cristã, mas que todos sabiam que sê-lo poderia custar-lhes a vida. Um dos Padres da Igreja conta a história de um cristão que se recusou a negar a sua fé e adorar o imperador, e foi executado à ponta de espada e, enquanto morria, escreveu com o próprio sangue na areia: "Credo in unum Deum".

Qual é a diferença entre antes e agora? Naquele tempo, todo cristão sabia um fato notável sobre o cristianismo: que é tudo ou nada, que ou se trata da mentira mais estúpida do mundo ou da sua verdade última, que se Jesus Cristo não é literalmente tudo para você, então ele não é absolutamente nada. Agora, quase ninguém mais sabe disso, e aqueles que o fazem são rotulados de "fanáticos".

Quero defender um fanatismo. Não o fanatismo em si, nem qualquer fanatismo, mas somente um: o fanatismo por Cristo, seu senhorio e sua vontade como as únicas coisas que importam na sua vida.

A resposta à minha questão — qual é a alma viva e a unidade de todos os valores — é Jesus Cristo. É por isso que os doze valores

fundamentais são valiosos. Cristo não tem valor porque Ele é o mestre desses valores ou a encarnação deles, antes, a valia que possuem é grande pois eles são a vida de Cristo. Há muitos valores, mas um único Senhor. Há muitas cores nas quais sua luz se divide quando passa pelo prisma da vida humana, mas elas são todas cores de uma única luz. Existem muitas coisas que são úteis, boas e necessárias em relação a outras, entretanto (segundo o próprio Jesus), há *somente uma coisa* que é absolutamente necessária. Foi o que Jesus disse a Marta. Pobre Marta, ainda que fosse uma boa mulher, cheia de fé, esperança, amor e boas obras, não sabia disso. Portanto, estava triste e preocupada. A sábia Maria conhecia essa única coisa, e por isso não estava nem infeliz, nem angustiada. Esse algo singular era o próprio Jesus Cristo.

Então, em vez de falar dos doze valores fundamentais, quero falar daquele que justifica todos. Caso tais valores não fossem a vontade de Cristo para nós, seriam insignificantes.

Se não fossem as maneiras de obedecê-lo, amá-lo, agradá-lo e nos dirigirmos a Ele nessa auto-estrada que chamamos tempo, vida e existência, então seriam inúteis. Logo, desejo tocar somente um ponto hoje, não doze e nem mesmo três. O único sermão de três pontos que pregarei é este: primeiro, vou contar o que direi; depois, di-lo-ei; e então, falarei sobre o que disse. Mas tudo isso será uma e mesma coisa. Pois ver e viver esse algo singular é mais importante, infinitamente mais importante, do que saber e viver todo o resto. Se não houver um eixo no centro da roda, então os raios não se encontram, e assim, não importa quão bons ou numerosos eles sejam, a roda não se sustenta e não move o veículo, que é a sua vida, pela estrada do tempo para o seu destino, que é Deus, a união com Deus e a felicidade eterna com Ele. Aqueles que entram no Purgatório não sabem disso, não acreditam plenamente nesse fato, não o compreendem completamente, ou então não o vivem em sua totalidade. Todos os que saem de lá conhecem essa verdade. Então, quero ajudá-lo a encurtar o seu Purgatório.

Mas, antes, quero justificar essa simplicidade mostrando de maneira breve como todos os doze valores fundamentais de vocês dizem respeito a esse algo singular, de acordo com o seu próprio Manual.

Os primeiros quatro valores são os valores de caráter ou as virtudes humanas. São os que os antigos chamavam de quatro virtudes cardeais.

O primeiro valor de caráter, a sabedoria prática ou a prudência, significa, nas palavras do seu Manual: "Sempre saiba para onde você está indo. Não dispor de um destino ou objetivo que vale a pena é hoje a imprudência mais comum. A crescente indústria da auto-ajuda prospera em técnica, mas negligencia os propósitos". Cristo é a nossa meta. Cristo é o nosso propósito. É para Cristo que vamos — a não ser que estejamos indo para o Inferno.

O segundo valor de caráter, a perseverança ou a fortaleza, também é por Cristo pois é Ele quem diz: "Aquele que põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus" (Lc 9, 62). A primeira virtude, o conhecer o seu fim, necessita da segunda, que é jamais desistir dos meios. Cristo é o único objeto digno do grande conselho de Churchill: "Nunca, nunca, nunca, nunca... dê-se por vencido".

O terceiro valor de caráter, a justeza ou a justiça, quer dizer dar a cada um o que é devido, isto é, segundo aquilo que são, ou seja, criaturas feitas à imagem de Deus, que é, como diz Cristo: "Todas as vezes que fizeste isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizeste" (Mt 25, 40). Devemos ser justos com os outros pois eles são irmãos de Cristo. Seremos justos com eles por causa de Cristo, porque deveríamos tratá-los como trataríamos a Cristo. Mais do que isso, devemos tratá-los *como* Cristo disfarçado.

O quarto valor de caráter, o domínio de si, autocontrole ou temperança, significa ter controle sobre o princípio do prazer, a paixão egoísta por prazeres também egoístas. São Tomás de Aquino nos fala que a única forma de dominar uma paixão forte é por meio de uma mais forte ainda. A única paixão que supera a que temos por nós mesmos é aquela por Cristo, pois somente Ele é maior do que o "eu", e ao mesmo tempo é Ele quem o ama e o salva.

Os próximos quatro valores são os de fé ou valores religiosos. O quinto, aquilo que o Manual chama de "ímpeto espiritual", citando suas palavras, quer dizer: "Decidir o que se quer [...], assim, queremos ter uma boa casa, bons empregos e bastante dinheiro, mas nunca pensamos a respeito do *porquê* de desejarmos essas coisas". Cristo é o motivo pelo qual queremos o que queremos. Se não desejarmos algo porque Ele o deseja, não deveríamos desejá-lo. "Seja feita a Vossa vontade" é precisamente a essência da verdadeira religião.

O sexto valor, a oração, significa simplesmente praticar a presença de Deus, e apenas Cristo pode trazer Deus a nós e nos levar a Ele. É Cristo que se senta, se levanta e caminha ao nosso lado o dia inteiro. Rezar é, em essência, virar-se continuamente para Ele que realmente está ali.

O sétimo, a administração, significa usar o seu mundo e a sua vida para o Reino de Deus, ter isso como o que o Manual chama de "prioridade absoluta ao redor da qual todos seus outros sonhos, expectativas e decisões se reúnem como fios de ferro em torno de um ímã", saber que "há somente um caminho: estudar Cristo, amar Cristo, imitar Cristo, seguir a Cristo".

O oitavo valor, confiar ou esperar em Deus, depende absolutamente d'Ele, já que é Cristo que nos mostra o quão confiável é Deus ao manifestar, no Calvário, o quanto Ele nos ama: *esse* tanto. Tal é o objeto da nossa confiança. O crucifixo é a justificação para o versículo mais maravilhoso e surpreendente da

Bíblia, Rm 8, 28, é por causa *dele* que podemos ter certeza de que "todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo seus desígnios".

Os últimos quatro valores são os de "liderança".

O nono valor, a excelência em todas as coisas, é cristocêntrico, pois Cristo é aquele cujo reino estamos construindo com cada investida de nossa pena, agulha ou espadas.

O décimo, a integridade ou honestidade, é, em última instância, caminhar na luz, suportar a luz divina de Cristo, a qual seus discípulos viram no Monte da Transfiguração. Como o seu Manual afirma: "Cristo é o seu critério para a integridade".

O décimo primeiro valor, a magnanimidade, generosidade ou caridade ativa, é o próprio mandamento de Cristo e a própria natureza de Deus. A razão última para se doar aos outros é que essa é a natureza da realidade suprema. Cada pessoa da Santíssima Trindade dá-se eternamente às outras duas em alegria eterna e infinita. A razão essencial pela qual estamos aqui na Terra é a de treinar para a nossa participação nesse destino.

O décimo segundo valor, a influência, é simplesmente a coragem e a paixão em disseminar os demais onze, isto é, o Reino de Cristo, em tudo aquilo que fizermos.

Então, esses doze valores são essencialmente um desdobramento do que São Paulo pensava quando disse: "Porque para mim, viver é Cristo" (Fp 1, 21). O sentido da vida é uma palavra. É o nome de Deus.

O primeiro de todos os credos cristãos, mencionado duas vezes no Novo Testamento, nas cartas de São Paulo, é também o mais básico e conciso. Consiste em apenas três palavras: Jesus é Senhor.

Os muçulmanos rezam cinco vezes por dia porque precisam vencer o *ghaflah*, que significa o nosso esquecimento inato, por meio do *dhikr*, que quer dizer lembrar. Devemos superá-los. Deveríamos rezar esse simples credo de três palavras cinqüenta vezes por dia.

A palavra "Senhor" significa duas coisas. Primeiro, quer dizer que Jesus é Deus. O termo *Kyrios* jamais é usado na Bíblia para um senhor humano. Logo, representa adoração. Segundo, significa obediência, pois quer dizer que uma vez que Jesus é Deus, Ele demanda ser o seu Deus, seu Senhor, seu tudo, e que a única e mais importante coisa que você pode fazer com a sua vida é entregá-la inteiramente a Ele. Em outras palavras, o sentido da vida é tornar-se santo.

Um escritor católico francês do século passado, Léon Bloy, escrevia freqüentemente esta frase. Essa é uma das sentenças mais profundas que eu já li na vida: "Há apenas uma tragédia: não ter sido santo".

Esse é o sentido da vida. O sentido da vida é ser santo. Nada menos. Deus não está satisfeito com menos que isso. Ele é "fácil de agradar, mas difícil de satisfazer". Jesus nos diz que devemos "ser perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5, 48). Isso soa para nós como sendo uma meta absurdamente alta. Não queremos aceitá-la. Todavia, como ousamos corrigir o Criador e Idealizador da vida humana no que diz respeito ao seu propósito? Tudo bem; então quer dizer que o fim é a santidade. Mas o que, no fim das contas, significa isso? A santidade é conquistada somente pela luta, uma "batalha interna", *jihad*. Todos os santos cristãos concordam enfaticamente com o Corão a esse respeito. Não há uma exceção sequer. Todos descrevem a vida cristã como *agon*, o termo grego para "esforço" ou "trabalho". Essa é a raiz da palavra "agonia". Um dos Padres do Deserto, o Abade Agatão, diz: "Orar é batalhar até o último suspiro".

Há muitas guerras que podem ser evitadas com uma boa diplomacia. Essa não. Ela não faz parte da vida, ela é a própria vida.

Há muitos inimigos com os quais podemos negociar; com esse, não. Ele não é carne e sangue, mas principados e potestades, espíritos malignos, anjos caídos (a não ser que Jesus e todos os santos sejam tolos ou mentirosos). Ele não é meramente um homem mau ou algumas coisas más, mas o próprio mal.

Há muitas causas que são dignas de grandes investimentos nossos de devoção, tempo e energia. Essa não. Ela demanda tudo. Pois não se trata de um homem bom ou algumas coisas boas, mas da própria bondade.

Nem todo mundo é um soldado de carreira. Há muitos alistamentos que não são para a vida toda. No entanto, esse é diferente. Pois não é um alistamento só para a vida inteira, mas para a eternidade.

Há muitos exércitos que perdem não só a batalha, mas a guerra. Esse não. É o exército de Deus, e as linhas de frente são compostas por anjos e carruagens de fogo.

Há muitos oficiais superiores que cometem erros no planejamento de batalha. Não esse. Pois somente Ele é Deus e somente Ele é infalível. Sempre que há um conflito entre suas ordens e aquelas que inventamos, no fim, as nossas sempre se mostram erradas e as dele, certas.

Há muitas derrotas que deixam sobreviventes e resquícios de esperança; não essa. Perdê-la significa não apenas uma retirada estratégica para podermos lutar mais uma vez num outro dia, mas entrar no campo de prisioneiros de guerra, o qual não possui saída, sobre cujas portas pende o letreiro de Dante: “Vós que entrais, abandonai toda a esperança”.

Há muitas vitórias que podem ser manchadas quando conquistadas por meios que não são inteiramente bons, por artifícios desonrosos. Essa vitória não. Ela é alcançada somente pelas armas da retidão. Você não pode lutar por Cristo com as armas de Satanás.

Há muitas vitórias da paz que duram somente até o estourar da próxima guerra. Essa não. Ela é a paz da eternidade, a que dura para sempre.

Há muitos conflitos que podem ser solucionados por meio de concessões. É assim pois a vida é cheia de zonas cinzentas no lugar de evidentes "preto no branco". Entretanto, nesse conflito, isso não é possível. Ele é total, absoluto, eterno, pois se dá entre o branco e o preto, o bem e o mal. Todos os cinzas são misturas desses tons.

Há muitos objetivos que são opcionais para um homem.

Esse não, pois o objetivo dessa guerra é o da própria vida. Há muitas derrotas que não são definitivas. Entretanto, essa é. Pois é final, a morte eterna, a "segunda morte", da qual não há ressurreição. É a singular e derradeira tragédia da vida.

Há muitas recompensas que não são completas. Depois de recebê-las, nós seguimos para outra coisa, algo melhor. No entanto, essa recompensa não. Ela é o infinito e inimaginável êxtase sem fim de luz e alegria ao adentrarmos na espiritual câmara de núpcias divina, ao entrarmos no eterno e indissolúvel matrimônio com Deus.

Há muitos investimentos que demandam menos do que todos os nossos recursos, pois, se falharem, ainda teremos algum patrimônio para amanhã e para os nossos. Não esse investimento. Pois se perdermos isso, não nos resta absolutamente nada para um amanhã que não existirá.

Há muitas guerras que custam demais. Contudo, essa não, mesmo que custe tudo. T. S. Eliot define ser um cristão nestas palavras: "Uma condição de completa simplicidade / (Custando nada menos que tudo)".

O sentido da vida é ser santo. Mas, o que é um santo? Um santo é uma pessoa totalmente obcecada por uma única coisa. Kierkegaard escreveu um livro com o ótimo título: *Pureza de coração é desejar uma só coisa*. Essa é a definição de santo. É também a definição de Jesus. Aqui está o seu primeiro e maior mandamento: "Amarás ao senhor teu Deus de *todo* o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito e de todas as tuas forças" (Lc 10, 27). Jesus nunca exagerou.

"Todo", "total", "absoluto", "único". Essas são palavras que o mundo chama de "fanáticas". Você não pode ser santo sem perturbar o mundo profundamente porque não pode ser santo sem ser um fanático.

A Roma Antiga não perseguiu qualquer outra religião exceto o judaísmo e o cristianismo. Eles eram bastante tolerantes, era permitido que você adorasse qualquer deus que quisesse. No entanto, afirmar que há só um Deus, que Ele exige todo o culto para si, era tão intolerante que a própria tolerância reagiu com tortura e assassinato em massa. A declaração de que Cristo não dividirá sua autoridade com outros deuses era insuportável. Tratava-se de uma guerra até à morte. Os cristãos não apresentavam Cristo como um dos muitos caminhos para a salvação, porque Cristo não se apresentou assim, e eles eram fanaticamente leais e fiéis ao seu santo fanatismo. Eles não seriam mais tolerantes e abertos do que Cristo. Oh, eles freqüentemente diziam que Cristo também tinha seguidores fora da Igreja — Sócrates, por exemplo, e talvez muitos, muitos outros (o próprio Jesus se recusou a satisfazer a curiosidade de seus discípulos sobre as estatísticas comparativas das populações do Céu e do Inferno) — e muitos que carregavam o nome de "cristãos", ou mesmo de

apóstolos, como Judas, eram inimigos de Cristo. Contudo, o escândalo inegociável era este: que "debaixo do Céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos" (At 4, 12). Jesus disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14, 6), e os cristãos se recusaram a corrigir Cristo nesse ou em qualquer outro assunto.

"Fanático" é a nova palavra que começa com "F" da nossa civilização. Literalmente não há rótulo mais desprestigiado, insulto mais insultante, nenhuma rejeição mais desdenhosa do que essa. Num jantar sofisticado, se você confessar que é um terrorista nuclear, um espião estrangeiro, que inventou um jeito novo de cometer suicídio ou que faz sexo com crocodilos, atrairá um enxame barulhento de moscas humanas e provavelmente um grande contrato editorial. Entretanto, se afirmar que Jesus é o seu Senhor, sentirá o clima esfriar subitamente e vai perceber que está totalmente sozinho.

Por que deveríamos ser fanáticos? Pois o princípio fundamental de toda moral é o dos três "erres": *Resposta reta à realidade*. Seja verdadeiro. Deixe a vida espelhar a verdade. Viva na realidade e não na fantasia. Permita que a sua realidade subjetiva entre em conformidade com a objetiva. A verdade última da realidade objetiva é Cristo, pois Cristo é Deus, e Deus é a realidade suprema, a primeira, a maior, o criador de toda a realidade, o padrão dela e de todo o resto. É por isso que você deve amar a Deus com todo seu coração, alma, mente e força. É por isso que esse é o primeiro e o maior mandamento. Deus merece o mesmo lugar em nossos corações e nossas vidas, na realidade subjetiva que somos livres para elaborar, que Ele possui na realidade objetiva: a saber, Alfa e Ômega, Primeiro e Último, Princípio e Fim — de tudo.

Também é por isso que o segundo mandamento é como o primeiro, amar o próximo como a si mesmo, por causa daquilo que o próximo realmente é: imagem e filho amado de Deus. Caso fosse apenas um amontoado de células que evoluiu aleatoriamente em

um universo desprovido de inteligência, as únicas razões para amá-lo seriam subjetivas, seriam as *suas* razões. No entanto, já que o seu próximo é o filho do Rei e não do King Kong, ele deve ser amado como ele é, assim como você também deve ser amado como é, ou seja, enquanto filho de Deus. É por isso que todas as pessoas possuem valor intrínseco. Nenhum homem, governo, ideologia, filosofia, ou consenso humano pode dar ao homem valor intrínseco. Ainda que pudessem, também poderiam tomá-lo segundo a própria vontade.

Nosso principal inimigo é o pecado e o maior pecado é o orgulho, o egoísmo, se passar por Deus. É por isso que nenhuma psicologia humana, técnica de meditação ou de interação em grupo, nenhum pensamento crítico pode tocar o maior problema da vida: nosso egoísmo inato, voraz e consumidor. Normalmente, ele está disfarçado de maneira muito astuta e educada. Todavia, a verdade mesmo é que eu *não* estou isento dele, nem você. E você não pode fazer absolutamente nada a respeito disso, mas Deus pode. Os Alcoólicos Anônimos estavam certos sobre essas duas coisas, e a Bíblia também estava: ponto um, "sem Mim, nada podeis fazer"; ponto dois, "para Deus, tudo é possível". Estamos mais dispostos a acreditar na segunda verdade, a boa nova, do que na primeira, a má notícia. Contudo, a má notícia é condição prévia para a boa. A má notícia é que não podemos nos salvar mais do que podemos alçar a nós mesmos pelas nossas próprias calças. Somos como médicos infectados reinfectando a nós mesmos no próprio ato de auto-injetarmos remédios por nós fabricados. Porque a infecção é o pecado, e ele não é externo ao "eu": é o egoísmo do próprio ego. Devemos sair de nós mesmos, para fora da sala de controle de nossas espaçonaves e suítes presidenciais e para dentro do alojamento dos serventes. Os muçulmanos estão equivocados sobre muitas coisas, mas entendem a mais importante de todas corretamente: o que há de mais importante na vida humana é o "Islã", a rendição, isto é, se entregar a Deus, porque "não há outro Deus senão Deus".

Então, uma vez que nos entreguemos a Ele, jamais iremos, nunca, nunca iremos nos render aos seus inimigos. Vamos preferir morrer a fazer o mal. A diferença entre a vida e a morte é trivial quando comparada com a que existe entre o bem e o mal, pois essa é a diferença entre Deus e Satanás.

Quando Deus assume o controle, é como um guarda numa esquina engarrafada da cidade. Ele direciona corretamente todo o trânsito, carros e pedestres. Sem ele, todo mundo vai para onde quer, isto é, em cada direção possível. Há caos, colisões e acidentes.

Homens sem Deus são como barcos sem leme, sujeitos a cada mudança de vento e de maré, modas e modismos, pressões e influências; ficam errantes.

Colocar Deus em segundo lugar é como abotoar o primeiro botão na segunda casa do casaco: desarranja todos os demais. Quando o segundo botão vai na primeira casa, nada acaba bem. Quando a realidade subjetiva não está em conformidade com a objetiva, nada funciona. Santidade é sanidade.

O sentido da vida é se tornar como o Rio Mississippi. Todas as centenas e milhares de pequenos e médios afluentes correm para ele, que por sua vez os unifica e leva suas águas para o oceano. A aceleração da gravidade move toda matéria para a unidade, especialmente o que é pesado como a água. Há uma gravitação espiritual também, uma gravidade-Deus, e há um e somente um ímã que atrai tudo que é bom — Deus. Temos que aprender a sermos Mississippis espirituais.

Quando pecamos, estamos sendo loucos. Escolhemos a tristeza em vez da alegria. E sabemos disso — sabemos que o pecado leva à miséria pela experiência repetida e consistente. Não somos racionais, somos viciados, pecadólatras. O alcoólatra sabe muito claramente que está arruinando sua vida e felicidade, e mesmo assim continua bebendo. O pecadólatra também é assim. Eis quão

loucos somos: aqui está uma escolha. De um lado, alegria, do outro, miséria. Agora, qual você escolhe? "Hum… deixe-me ver, não tenho certeza...". Isso é loucura. Somos espiritualmente loucos. Esse é o sentido do pecado original.

Deus é um Deus enciumado porque existe apenas um. Ele não dividirá sua glória com outro, pois não há outro. E Jesus é Deus encarnado. Se você não acredita nisso, simplesmente não é um cristão. Se você vai à Igreja aos domingos e fala as palavras do Credo Niceno, as quais afirmam isso, mas não crê realmente que seja assim, então você é um hipócrita.

Portanto, já que Deus não dividirá sua glória com outro e uma vez que Jesus é Deus, tampouco Jesus partilhará sua glória. Que Jesus seja o Senhor é um pensamento bem claro e simples. É quase instantâneo dizê-lo e isso não requer técnicas complexas de meditação. É como um soldado raso que levanta o olhar e percebe um general de quatro estrelas olhando para ele. Temos sempre que ver Cristo como nosso comandante, pois Ele sempre está presente, e devemos saudá-lo espiritualmente cinqüenta vezes por dia até que o amor e a obediência se tornem uma coisa só.

Sentimo-nos mais confortáveis colocando Cristo num frasco, como um gênio ou um remédio, usando-o somente quando sentimos ser necessário. Se nossas orações realmente revelassem nossos corações, diriam algo como: "Senhor, por favor, abençoe-me um pouco aqui e ali. Por obséquio, arrume as partes da minha vida das quais eu não gosto, mas nada além disso. Está bom por hora. Muito obrigada, você está dispensado. Pode ir agora".

Só há uma maneira de evitar essa insanidade que nos impede de sermos santos, de concretizarmos o sentido das nossas vidas. É o que o mundo chama de fanatismo, os muçulmanos de "render-se", e Jesus de obedecer ao primeiro e maior mandamento.

Jesus disse a Marta: "Uma só coisa é necessária" (Lc 10, 42). Uma só! Essa é uma afirmação de fanatismo total, de mentes mesquinhas. E o que é essa coisa? O próprio Jesus, e Ele é o exato oposto de mesquinhez. "O meu Deus há de prover magnificamente a todas as vossas necessidades, segundo a sua glória, em Jesus Cristo" (Fp 4, 19).

Há apenas dois jeitos de viver, e os dois possuem um absoluto. O de Cristo é deixar Deus ser Deus, reconhecer o absoluto verdadeiro. Nossas alternativas, idolatrias, embora diversas, sempre equivalem à mesma coisa: escolher a nós mesmos em vez de escolhermos Deus como absoluto. Quer sirvamos ídolos abstratos como o capitalismo, o comunismo, o americanismo, o pacifismo, o terrorismo, o teísmo, o ateísmo ou qualquer outro *ismo*, quer sirvamos a ídolos concretos como dinheiro, sexo, fama, poder, conforto, auto-estima e tranqüilidade de consciência, em todos os casos, estamos escolhendo essas coisas pela nossa própria autoridade e por nós mesmos. Se tentarmos ser mentes-abertas e espalharmos nossos amores por este mundo de variadas coisas boas, descobriremos que na verdade somos bastante mesquinhos, pois o ego é algo muito, muito restrito. Contudo, se aceitarmos o caminho estreito de Cristo e tivermos a sua mentalidade, se vivermos a vida mente-fechada de Cristo, iremos ver que ela é tão ampla quanto Deus. Deixe o ego morrer, passe pelo buraco da agulha, e sua alma se elevará e voará para o Céu. No entanto, se tentar voar com suas próprias asas, você cairá dentro de si mesmo.

Josué, cujo nome carrega o mesmo significado do de Jesus, disse a Israel: "Escolhei hoje a quem quereis servir [...]; quanto a mim, eu e minha casa serviremos o Senhor" (Js 24, 15). Quinhentos anos depois, Jesus falou: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6, 24). C. S. Lewis coloca desta forma: "No fim, só há dois tipos de pessoas. Aquelas que dizem a Deus: 'Seja feita a vossa vontade', e as que ouvirão de Deus, no final: 'Seja feita a *tua* vontade'" [ênfase minha].

Jesus veio estabelecer o reino de Deus. Qual seria esse reino? "O reino de Deus já está no meio de vós" (Lc 17, 21), disse Jesus. Não está no mundo, está no coração. O reino de Deus é a soberania total que Ele possui sobre o coração humano. O reino de Deus é a santidade.

Um santo não é perfeito, é um pecador. Confessa-se com freqüência. Davi era um santo. Deus o chamou de "homem segundo o meu coração" (At 13, 22) não porque ele nunca tenha pecado, mas porque jamais adorou a outros deuses, como a maioria dos reis de Israel fizeram. Seu coração foi dado a Deus em santidade. Davi era um homem íntegro. Ele era um fanático.

Se, e somente se, você é como Davi em termos de fanatismo, então pode ser como ele um poderoso líder e instrumento da obra de Deus neste mundo. A realização de todos os objetivos do Lumen Institute começa aqui. Caso houvesse a menor dúvida sobre isso na mente de apenas um de vocês aqui hoje, mesmo que todos os demais tenham ficado entediados com essa palestra pois já sabiam de todas essas coisas com total clareza, então a minha fala foi necessária.

8
Tradicionalismo e progressismo

Com freqüência me perguntam se sou de esquerda ou de direita. Uma vez, quando respondi que era apolítico, me perguntaram: "Mas você é apolítico liberal ou conservador?".

Essa é a mesma lógica da história do homem que estava andando sozinho por uma rua escura de Belfast durante o conflito da Irlanda do Norte, quando de repente sentiu um braço forte

prendendo suas mãos e uma faca em sua garganta. Então, uma voz inquiriu: "Você é católico ou protestante?". "Acho que só tenho 50% de chance de sobreviver", ponderou, e respondeu: "Sou ateu, graças a Deus". A faca não se moveu. A voz então demandou: "Um ateu católico ou um ateu protestante?".

A outra resposta que dou a essa questão é que eu me considerava um esquerdista e votava nos democratas (enquanto tampava meu nariz). Hoje, me considero um conservador e voto nos republicanos (ainda segurando o nariz). No entanto, não mudei de idéia sobre questão alguma, os rótulos que mudaram.

O tempo muda tanto os rótulos políticos que eles sempre são enganosos ou às vezes simplesmente sem sentido. Os lugares também. A esquerda na Europa é bem diferente da americana. Por exemplo, o conservadorismo europeu tende a ser pró-governo, e a esquerda, mais libertária. Já nos Estados Unidos, é o contrário.

No entanto, se conservadorismo significa simplesmente querer preservar o *status quo*, seja ele qual for, e se o esquerdismo é lutar para mudá-lo, então podemos também usar as palavras "tradicionalismo" e "progressismo", pois elas não carregam qualquer implicação ideológica, tratam apenas de mudanças. É isso que estava na mente de Ambrose Bierce quando ele deu estas definições de esquerdista e conservador em *O dicionário do demônio*: "(O conservador é) um chefe de Estado que está apaixonado por demônios que existem, diferentemente do esquerdista, que deseja substituí-los por outros".

Uma vez que conservadores estão, por definição, contentes com o que possuem e querem conservar isso, enquanto esquerdistas estão insatisfeitos com o que têm e desejam mudanças, os primeiros são, também por definição, mais felizes que os segundos. Por exemplo, as mulheres geralmente são esquerdistas ou progressistas e os homens, conservadores, em relação ao local para onde os móveis devem ir, enquanto os homens são esquerdistas ou progressistas e

as mulheres, conservadoras, em relação a para onde os soldados irão. Os homens querem que os móveis permaneçam em casa; e as mulheres, os soldados.

Isso pode ficar confuso. Então é melhor eu escrever a respeito de progressismo e tradicionalismo em vez de esquerdistas e conservadorismo ou direitismo. Melhor ainda, minha questão não é apenas acerca desses *ismos* abstratamente, mas acerca da sua relação com o cristianismo: o cristianismo é uma forma de tradicionalismo ou de progressismo? Minha resposta é, fundamentalmente, a mesma que um mineiro deu quando ouviu um carioca e um paulista discutindo se a pronúncia correta era "*pohta*" ou "*porrrta*". Ele disse: "Né nem dum jei nem diotro". Sob a consideração cristã, o tradicionalismo e o progressismo são ambos heresias.

Haverá duas partes neste ensaio (digo "haverá" porque não o comecei ainda, só amaciei vocês contando algumas piadas ruins). Elas serão: os princípios e a prática; ou argumentos filosófico-teológicos e argumentos socioculturais. Primeiro, explicarei a fonte de ambas as heresias. Depois, tentarei aplicar a ortodoxia cristã, que é a alternativa às duas heresias para o problema urgente dos nossos dias: o fato vergonhosamente óbvio de que nossa cultura está mergulhando cada vez mais fundo em uma desesperadoramente estúpida decadência, com profundos desejos de morte e condenação.

Enquanto isso, tenha um ótimo dia! O tradicionalismo e o progressismo são ambos heresias e provêm da mesma fonte, ainda que sejam opostos. Na verdade, é *porque* compartilham a mesma origem que se apresentam na forma de opostos. Tanto no dogma quanto na moralidade, no mais das vezes, os erros vêm aos pares, como o velho Aristóteles nos ensinou. Covardia e temeridade, prodigalidade e mesquinhez, ira e insensibilidade, ambição e preguiça, timidez e exibicionismo, excesso de escrúpulo e desavergonhamento, presunção e desespero. Todos são vícios

opostos, uma vez que "há uma infinidade de ângulos dentro dos quais uma pessoa pode cair, mas apenas um no qual pode permanecer de pé". Essa frase é do Chesterton, nosso Aristóteles moderno, apóstolo atual do bom senso.

Na teologia, encontramos a negação da humanidade de Cristo no docetismo e da sua divindade no arianismo. Deparamo-nos com a rejeição do livre-arbítrio no calvinismo e da predestinação no arminianismo. Percebemos a recusa da Trindade de Deus no unitarismo e de sua unidade no politeísmo. Os iconoclastas rejeitam as imagens, já os supersticiosos as adoram. Encontramos a negação da materialidade humana no gnosticismo e em todas as formas de espiritualismo, e a rejeição da espiritualidade do ser humano no materialismo.

(A forma moderna do gnosticismo, aliás, coexiste freqüentemente com o materialismo, tanto na recusa quanto na idolatria da sexualidade física, ao entender o corpo humano como um mero objeto neutro a ser manipulado e ao venerar qualquer manipulação dele que cause prazer sexual.) Em cada caso, a verdade maior que está sendo negada de formas opostas é paradoxal. Um paradoxo é uma contradição aparente que não é real. Assim, as grandes verdades da fé sempre são motivo de escândalo para a razão moderna, que por sua vez é calculista, manipuladora, tecnológica e utilitarista. Contudo, elas são fonte de sabedoria e alegria para a mente pré-moderna, que é contemplativa, receptiva, questionadora e humilde.

A fonte comum de erro dos hereges é o uso da razão moderna no lugar da pré-moderna, uma razão que rasteja na horizontal como um verme, em vez de subir em direção à luz como uma borboleta ou como o orvalho que veio do céu e a ele retorna invisível pela evaporação. (A evaporação é um ícone do grande mistério da vida pela morte, a realização do ser pela própria extinção.) No caso das heresias gêmeas do tradicionalismo e do progressismo, a fonte de ambos os erros é pensar na história e na cultura humana apenas de

uma maneira horizontal e não vertical, temporal e não eterna, natural e não sobrenatural. O verme que rasteja pelo chão volta para onde estava no passado ou progride para um novo terreno no futuro. Busca, como objetivo, retornar a um certo estado temporal anterior que venera em idolatria como sendo ideal, ou afastar-se dele para um estado oposto em um futuro idealizado, o qual ele também idolatra. Tanto o deus dos tradicionalistas quanto o dos progressistas é um deus no tempo. Ele, ela, ou isso não possui eternidade. O deus dos dois é temporal, e não eterno.

Muitas pessoas simplesmente não conseguem entender o conceito de eternidade. Eternidade não quer dizer tempo sem fim ou mesmo tempo infinito. Isso é só progressismo disfarçado. Eternidade significa uma outra dimensão inteiramente desprovida de tempo, vertical, um absoluto que julga todos os movimentos horizontais dentro do tempo, tanto os tradicionalistas quanto os progressistas, por meio de regras próprias, e a sua regra é o verdadeiro Deus.

Portanto, Alexander Soljenítsin acertou em cheio quando, em seu grande discurso do Templeton em 1983, um dos maiores e mais proféticos na história da civilização ocidental, diagnosticou a causa última de todas as doenças, decadências e autodestruições da nossa cultura de morte em uma única frase: "Os homens esqueceram de Deus". As sofisticadas, intelectuais e tagarelas classes que ouviram essa fala ficaram ultrajadas. Elas nunca o perdoaram. As pessoas irão perdoar você por estar errado, mas nunca o perdoarão por estar certo.

A ortodoxia cristã não é um tradicionalismo tanto quanto não é um progressismo. A ortodoxia adora o Deus da eternidade que sempre é encontrado no presente — o único momento do tempo no qual qualquer um de nós pode viver —, que se revelou de maneira definitiva a nós no passado e também nos dá a esperança e a missão de nos aperfeiçoarmos no nosso futuro. Todavia, nem nosso passado, nem nosso futuro são os de Deus. Deus é real

demais para ter um passado morto ou um futuro que ainda não nasceu.

O Deus eterno revelou-se a nós no nosso passado, e essa divina revelação é definitiva porque Deus é eterno. Quando a Verdade entra na história, ela a transforma, a história não transforma a Verdade. Quando Cristo foi batizado por João Batista nas águas do Rio Jordão, Ele santificou as águas, não foi santificado por elas. De maneira similar, Cristo não foi feito ou renovado por qualquer coisa, antes renovou todas elas, pois veio, não do passado ou do futuro, mas da eternidade. É por isso que a Igreja é definitiva sobre os dogmas da revelação divina, eles não podem mudar, só os nossos desdobramentos e entendimentos a respeito deles podem.

A missão de Deus para sua Igreja é que ela marche rumo ao futuro armada com a sabedoria do passado. Movimentos seculares às vezes também fazem isso, mas o cristianismo é diferente porque nosso fundamento não é um tempo pregresso, mas a verdade eterna revelada e encarnada por Deus no passado, e nossa meta não é meramente um mundo melhor no futuro, mas um que é além do tempo, um mundo além deste mundo.

Nas palavras da Carta aos Hebreus, nós não somos filhos de um tempo passado ou futuro, somos "estrangeiros e peregrinos sobre a Terra" (ou seja, no tempo). Não somos tradicionalistas porque, como a carta continua dizendo: "assim declaravam que buscavam uma pátria. E se se referissem àquela donde saíram, ocasião teriam de tornar a ela... mas não. Eles aspiravam a uma pátria melhor, isto é, à celestial" (Hb 11, 13–16). O Céu não está no futuro tanto quanto não está no passado, está na eternidade. Não está neste universo, no qual tempo e espaço, matéria e energia estão relacionados entre si.

Nos dias de Cristo, os fariseus eram tradicionalistas. É por isso que ficaram escandalizados com Cristo, que disse: "Vejam, eu faço novas todas as coisas". Os saduceus, por outro lado, eram

progressistas, modernistas, adoradores do que era, em sua cultura, uma versão do moderno iluminismo científico, e negavam o que era milagroso ou sobrenatural. Cristo sempre antagonizou os opostos, e também os colaboradores de Herodes e os rebeldes zelotes. Chesterton assim o descreve em sua maravilhosa e não ortodoxa obra-prima *Ortodoxia*. Ele diz:

> Suponha que ouvimos muitas pessoas falarem a respeito de um homem desconhecido para nós. Imagine que ficamos intrigados ao saber que alguns diziam que ele era demasiadamente alto e outros que era baixo demais, que alguns contestaram seu sobrepeso, e outros sua magreza, que alguns o acharam muito escuro, outros, muito pálido. Uma explicação (que já foi admitida) seria que talvez ele possuísse uma aparência estranha. Contudo, há outra. Ele deve ter a forma correta. Homens escandalosamente altos podem acreditar que ele é baixo demais, enquanto aqueles de baixíssima estatura pensariam que ele é demasiadamente grande. Os antigos fortões que acabaram engordando o consideram um pouco frangote, e os que eram gordos e emagreceram talvez julguem que ele extrapolou os limites estreitos do porte elegante. [13]

Assim, os cristãos são criticados por serem excessivamente pacifistas ou militaristas, femininos (a maioria dos fiéis são mulheres) ou másculos ("machos chauvinistas") demais, absolutos quanto à justiça (corações duros) e quanto à misericórdia (corações moles). Na verdade, eles estão em guerra com a guerra, apaixonados pelo amor e absolutos sobre todos os absolutos, incluindo a justiça e a misericórdia. Estão em guerra contra a ganância, a luxúria, o orgulho e contra o mundo, a carne, o demônio. Por isso, fazem a paz com seu próximo, consigo, com Deus em vez de com o mundo, praticam a pobreza, a castidade, a obediência no lugar da ganância, da luxúria e do orgulho.

Nos dias de Cristo, os tradicionalistas eram a maioria (embora houvesse alguns poucos progressistas que o criticavam por não ser

moderno o suficiente). Hoje, são os progressistas que estão no comando. Assim, a Igreja é acusada de ser tradicional demais (ainda que também exista uma minoria tradicionalista que a critica por ser muito progressista, demasiadamente aberta ao futuro incerto).

Como, então, confrontamos nossa cultura moderna com esses princípios? Como damos vida à cultura da morte? Como praticamos a nova evangelização? Primeiro precisamos diagnosticar a doença antes de poder curá-la.

O diagnóstico de Soljenítsin é o correto — nós nos esquecemos de Deus —, mas quais são as novas formas assumidas por esse esquecimento na nossa cultura? Somos idólatras, com certeza — todos os pecados são tipos de idolatria, é por isso que o primeiro mandamento é o primeiro, mas os ídolos adotam fisionomias variadas. Com o que os monstros se parecem hoje? Vamos radiografar nossa doença.

Darwin, Marx e Freud provavelmente são os mais influentes pensadores modernos. São todos ateus, materialistas, naturalistas e contra a moral. Todos nos dão desculpas para a culpa. Nós agimos mal, não por causa do livre-arbítrio e do pecado, mas porque somos determinados pela evolução (somos todos macacos com computadores), pela história (somos escravos do capitalismo) ou ainda pelo nosso *id* (somos todos viciados em sexo).

Se queremos encontrar a chave para entender o marxismo e por que motivo ele exerce uma atração tão magnética sobre os nossos intelectuais, precisamos olhar mais para Nietzsche do que para Marx. É o desejo de poder que fascina tais pessoas, pois os intelectuais geralmente são mais fracos fisicamente do que os homens comuns e precisam compensar ou disfarçar isso. O comunismo oferece poder — poder sobre "posses" capitalistas, sobre o futuro, sobre o dinheiro, sobre as coisas, sobre o mundo. O marxismo é o tecnologismo aplicado à realidade histórica humana.

É a "conquista da natureza" de Bacon, mas sobre a natureza do ser humano.

Freud é muito mais fácil de entender. Como os utilitaristas, ele é um hedonista. Seu apelo não é tanto o poder, mas o prazer, o qual é reduzido ao prazer sexual porque tanto os freudianos quanto os utilitaristas possuem imaginações surpreendentemente limitadas.

Darwin oferece uma justificativa pseudocientífica para esses dois reducionismos ao negar a existência da alma imortal, limitando-nos às causas materiais das quais evoluímos. É por isso que a nossa cultura nunca pode questionar Darwin, embora possa questionar Marx e Freud.

Chamo isso de pseudociência, aliás, não só em virtude dos buracos estritamente científicos na teoria da evolução, os quais um dia podem ser tapados pela ciência do futuro, mas porque o evolucionismo universal não é de forma alguma uma ciência. É antes uma ideologia, uma filosofia e até uma teologia disfarçadas. É um reducionismo: somos meramente nossas causas materiais, sem causa eficiente primeira, sem um Criador; não temos causa formal, um projetista da nossa identidade; nem tampouco uma causa final, um fim ou propósito natural para a natureza humana. Esse é o pressuposto comum do cientificismo.

É claro que o cientificismo é autocontraditório, já que não é possível obter uma prova por meio da própria ciência de que ela seja o único caminho para a certeza. O método científico não pode provar que toda prova legítima deva ser alcançada pelo método científico. Todavia, isso é apenas senso comum e, portanto, um escândalo para os intelectuais. Como dizemos na academia, há algumas idéias que são tão ilógicas que apenas um Ph.D. poderia acreditar nelas.

O deus da nossa cultura, entretanto, não é ciência em si, mas sua aplicação, a tecnologia. Francis Bacon profetizou esse novo

summum bonum, "a conquista do homem sobre a natureza", cinco séculos atrás. Como C. S. Lewis apontou em *A abolição do homem*, a tecnologia e a magia ascenderam juntas na Renascença, pois elas compartilham esse mesmo fim baconiano, a conquista da natureza. Aqui vai uma das frases mais elucidativas que eu já li sobre a nossa cultura: "Para os sábios da Antigüidade, o problema cardeal era conformar a alma à realidade, e a solução foi o conhecimento, a autodisciplina e a virtude. Para a magia e a ciência aplicada, o problema parece ser subjugar a realidade aos desejos do homem: a solução é a técnica [isto é, a tecnologia]". A ciência e a religião puras buscam conformar a alma à verdade, ao real — a primeira, à realidade da natureza, a segunda, à realidade do sobrenatural. Tanto a tecnologia quanto a magia buscam o poder, a primeira por meios naturais, a segunda, por sobrenaturais.

É claro que a tecnologia por si só é inocente. Sua adoração e idolatria é que são más. O cultivo de Adão do jardim era tecnologia; a arca de Noé, também. O templo de Salomão, a Catedral de Notre-Dame. Também a pedra de Caim, a arte romana da crucificação, as câmaras de gás em Auschwitz e as bombas de Hiroshima e Nagasaki.

Há muitas receitas para a felicidade social que não funcionam. O tradicionalismo e o progressismo são duas delas.

Quais funcionam? Santos e sábios.

Talvez santos e sábios suficientes possam se tornar uma massa crítica e transformar toda nossa cultura. Não parece provável. Apesar dos dois maiores santos do século XX, João Paulo II e Madre Teresa, nossa cultura está acelerando em direção ao *Admirável mundo novo* (que é um livro miraculosamente profético: alguém que se importa com o futuro da nossa cultura não pode permitir-se não lê-lo). Há apenas cinqüenta anos, ninguém acreditaria que teríamos aborto sob demanda, a cultura da pegação, casamento *gay* ou eutanásia. O que costumava ser crime, agora é celebrado. O que

vem depois? Casamento grupal, bestialidade, incesto, pedofilia, canibalismo? Por que não, se for consensual? A regra ética básica do utilitarismo subjetivista da nossa cultura é que a autonomia e a livre escolha do indivíduo são totalmente irrestritas contanto que não afetem as de outros indivíduos. Não há mais algo como natureza, essência, fim, objetivos ou propósitos humanos. Há apenas a vontade de poder e a necessidade de prazer.

A *Humanae Vitae* foi profética ao ver o problema da contracepção enquanto apenas a primeira das conseqüências do abandono da idéia de lei e fins naturais, idéias que foram aceitas em todas as morais e culturas pré-modernas. O princípio fundamental mudou. Não há mais nenhuma lei objetiva, natural ou sobrenatural, natureza ou fim para o ser humano, há apenas a vontade individual, liberdade e autonomia. É uma lógica inexorável. Se aborto vale, por que não o infanticídio? Uma vez, convenci algumas feministas pró-escolha bem inteligentes de que não há um único argumento possível que justifique o aborto e que não possa ser aplicado também ao infanticídio. Elas pensaram com seriedade sobre isso por um tempo e a resposta delas no dia seguinte foi me dizer, muito seriamente, que meus argumentos as haviam convencido. Elas mudaram de opinião. "Bom para vocês", eu disse, "então agora vocês são pró-vida?". "Não", disseram, elas haviam se tornado pró-infanticídio.

Uma vez que você pode matar crianças inconvenientes, por que não adolescentes inoportunos? Se é a vontade e a lei dos homens que concedem à pessoa sua dignidade humana, apenas o sentimento, e não a razão, fica no caminho de qualquer genocídio que se queira. Nossos atuais sentimentos são solidários aos judeus, negros, mulheres e homossexuais. Não são tão compassivos com os bebês com síndrome de Down, dos quais 90% são assassinados antes que possam poluir os planos perfeitos de seus pais. Pela primeira vez na história americana, a consciência religiosa está sendo ignorada e coagida por políticas públicas. No Canadá, é ilegal, é "discurso de ódio", expressar opiniões bíblicas sobre a

homossexualidade. Quão provável é que esse seja o único tema a ser tratado dessa forma? Diferentemente da lei natural, os sentimentos humanos, emoções e opiniões são notavelmente flexíveis e manipuláveis pela mídia. Certa feita, em alguns lugares da nossa cultura, o sentimento humano foi tóxico para os judeus, negros, *gays* e outros. Nada além do sentimento irá impedir que isso aconteça novamente, pois não há uma resposta substancial ao questionamento de *por que não* fazer essa ou aquela coisa que eu quero muito fazer.

Todas as outras respostas à pergunta do "por que não?" já foram descartadas em seu princípio pelo nosso relativismo moral. Os únicos obstáculos restantes são mais dos mesmos fracos, sentimentais, meramente tradicionais e temporários escrúpulos, ou — algo imutável. Algo como Deus.

No entanto, não *há* nada como Deus. "Quem é como Deus?" é o significado literal do nome "Miguel". Como os muçulmanos repetem com razão: "Apenas Deus é Deus". O Islã é uma metade de Deus: sua vontade, sua justiça, sua retidão. O cristianismo possui também a outra metade: seu amor. Contudo, quando um Islã forte e seu vigoroso meio-Deus confronta uma Cristandade fraca e seu astênico Deus-inteiro, o primeiro Deus irá tomar o lugar do segundo na cultura, pois apesar de não ser mais verdadeiro, é mais forte. Ele está disposto a sofrer. Nós, não. Quando a cruz sem o Cristo enfrenta o Cristo sem a cruz, a cruz vencerá. É por isso que o Islã está conquistando o Ocidente hoje. Graças a Deus não está ganhando a África, a Ásia ou a América Latina. Deus está preparando uma nova cultura cristã no hemisfério Sul para substituir a agonizante do hemisfério Norte. Ele fez esse tipo de coisa muitas outras vezes. Deus nunca nos prometeu que as portas do Inferno não prevaleceriam sobre a América, o Ocidente ou qualquer outra coisa que não a sua Igreja.

No Ocidente, estamos persistentemente esquecendo ou negando a Deus cada vez mais. A religião está em um declínio contínuo e

acelerado em todas as partes da civilização ocidental. Os dois maiores grupos religiosos nos Estados Unidos são os ex-católicos e os católicos de *self-service*. O que podemos fazer para reverter nosso fracasso em bem cumprir o mandato apostólico universal? Eu tiro a minha primeira resposta da fala mais citada da Madre Teresa: Deus não me pôs neste mundo para ser bem-sucedido, Ele me colocou aqui para ter fé. Estamos fazendo a pergunta errada! A minha segunda resposta provém do Papa Emérito Bento XVI. Ela tem sido chamada de "a opção beneditina". O Cardeal Ratzinger escolheu o nome "Bento" porque viu, no tempo presente, a sua missão e a da Igreja de preservar as ilhas monásticas de sanidade em um mundo que ficou louco, para que, quando esse mundo morresse, a verdade ainda estivesse viva para uma ressurreição social futura. O que os monges de carne e osso fizeram na Idade Média para a civilização secular, os monges em espírito devem fazer nesta Idade das Trevas para a civilização sagrada.

São Thomas More é aqui um modelo para nós. Ele não era realmente um monge, mas o era em seu interior. Ele viveu em um mundo tão perverso e perigoso quanto o nosso e sobreviveu. Sua alma permaneceu viva ainda que seu corpo tenha sido martirizado e se tornado parte do glorioso e irrefreável sangue que é a semente da Igreja. Sobreviveu porque ele não era um tradicionalista ou um progressista, mas um homem "para todas as épocas", pois seu Deus não era um Deus *de* ou *vindo* de uma época, mas um Deus *para* todas elas pois *vem* da eternidade. (Aliás, voto em *O homem que não vendeu sua alma* [*A man for all seasons*], estrelando Paul Scofield, como o melhor filme de todos os tempos e com certeza o que responde com mais vigor às necessidades do nosso presente.) Isso vai funcionar? A longo prazo, sim, necessariamente, não só porque Deus tem o poder supremo, mas também porque o coração humano não foi projetado em Harvard ou em Hollywood, e sim no Céu. As portas do Inferno não podem prevalecer sobre a Igreja que é santa, a qual produz as únicas pessoas verdadeiramente felizes do mundo — os santos.

A perseguição não pode deter os santos. Não precisamos temê-la. Jesus nos disse isso explicitamente: não tenhais medo de quem pode somente matar o corpo, temais aquele que pode matar a alma, no Inferno. A máquina de perseguição mais eficiente do mundo, o Império Romano, apenas fez multiplicar o número de cristãos ao persegui-los. Se o Islã conquistar o Ocidente e tentar matar a Cristandade inteira assassinando todos os cristãos, apenas farão o mesmo. Não precisamos ter medo dos nossos Herodes estrangeiros, dos Pilatos domésticos ou mesmo dos nossos Judas Iscariotes. Deus usou até Judas como instrumento da nossa redenção. Precisamos temer somente os Herodes, Pilatos e Judas internos, nossos próprios pecados, covardias e traições. Ainda assim, até sobre eles Deus triunfará. O poder de sua misericórdia é infinitamente maior do que o poder das nossas faltas. Se a Igreja sobreviveu aos Papas Bórgias, pode sobreviver aos padres pedófilos e aos covardes bispos acobertadores.

Pode levar meio milênio para atravessarmos nossa nova idade das trevas. Demorou meio milênio para uma nova civilização emergir da crisálida dos monastérios. Pode custar um desastre, como uma guerra nuclear, depois da qual os santos irão mais uma vez convencer o mundo da verdade da religião de Cristo ao praticá-la heroicamente, como muitos fizeram no moribundo Império Romano. Eles eram as únicas pessoas da época a arriscarem suas vidas se ocupando das vítimas das pragas. Você pode ignorar ou refutar qualquer argumento em suas palavras, mas não pode ignorá-lo ou refutá-lo em seus feitos.

Rezemos para que haja um caminho mais fácil. Podemos fazer isso pois não sabemos se existe ou não. Não conhecemos o caminho para o Apocalipse, a Parusia e o fim dos tempos, não sabemos quão longo ou difícil ele é. Entretanto, sabemos, com certeza, o seu fim e quem vencerá.

Santos conquistarão o mundo. E *apenas* santos o farão. Nada menos irá ser suficiente para a nossa cultura, nem mesmo os

maiores profetas, sábios, filósofos, teólogos, psicólogos, ou políticos podem salvar o mundo. Se Moisés, Sócrates, Aristóteles, Tomás de Aquino, Viktor Frankl, Abraham Lincoln e Martin Luther King voltassem todos hoje, não poderiam salvar a nossa cultura, porque ela iria descartá-los como machos brancos heterossexuais moralistas conservadores europeus preconceituosos ultrapassados.

No entanto, santos podem salvar o mundo. Se houvesse dez homens justos em Sodoma, eles a teriam salvo do fogo divino. Talvez precisaríamos de apenas dez homens justos para salvar a cidade de São Francisco. Quem sabe só mais dez Madres Teresas. Há um e somente um motivo pelo qual dez de nós não serão essas próximas Madres Teresas: porque não queremos ser.

Santos irão salvar nosso mundo porque há uma gravidade espiritual assim como há uma gravidade física, uma seleção natural do espírito assim como uma da biologia. Ninguém pode ver Deus sem se apaixonar por ele, e ninguém pode conhecer um santo sem encontrar Deus nele. Essa é a boa notícia: que em um mundo dedicado à vontade de poder, não há poder maior do que a santidade, e que em um mundo dedicado à busca do prazer egoísta, não há prazer maior que o amor generoso de Deus e dos homens. Ninguém pode ignorar ou refutar a alegria de um santo.

Essa é a boa notícia. A ruim é que não há outro caminho em virtude da lei da causalidade: um efeito não pode exceder sua causa. Nada menor do que o bem maior pode produzir um segundo bem maior. Isso inclui tanto o que está no passado quanto o que está no futuro e, portanto, tanto o tradicionalismo quanto o progressismo.

Nossa era idolatra o futuro. Não devemos reagir idolatrando o passado. Nossa ortodoxia, embora revelada no passado, não provém de um tempo pretérito, mas da eternidade *através* dele, e ilumina nosso caminho não só para o tempo futuro, mas para a eternidade. O verdadeiro tradicionalismo ama o passado somente

como os judeus amam suas leis e profetas: ele não é Deus, antes, constitui um meio de comunicação com Ele.

O verdadeiro tradicionalismo é o verdadeiro progressismo. O progressismo moderno, a idéia de progresso secular e temporal, já é ultrapassada (além de ser falsa: nós apenas somos mais inteligentes, não mais sábios; mais poderosos enquanto raça, porém mais fracos enquanto indivíduos; mais sensíveis, mas não mais santos; mais confortáveis materialmente, mas não mais felizes do que os nossos ancestrais). A velha fé no progressismo se tornou a nova ortodoxia. Quando o antigo progressismo se torna a nova ortodoxia, o único possivelmente novo e verdadeiro progressismo é a antiga ortodoxia. Quando a revolução se torna a tradição, o tradicionalismo se torna a última revolução que nos resta.

9
C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e as guerras culturais

Que título estranho. Que título questionável. Como ouso tratar as belas obras desses dois gênios como se fossem mera forragem ou material bruto para manipulação e abuso? Eles morreram há mais de cinqüenta anos, será que não posso deixar seus esqueletos em paz? Eles eram britânicos, com que ousadia posso pedir que falem aos americanos sobre um problema — guerras culturais — cuja própria existência é admitida somente pelos americanos, e além do mais, apenas pelos conservadores? Os progressistas, agressores nessas guerras, rejeitam a própria existência de tais conflitos, pela mesma razão que os nazistas negaram ter invadido a Polônia.

Aliás, o fato de os europeus não admitirem que tais guerras existem prova, mais do que qualquer coisa, que já foram derrotados. O continente que costumava ser chamado de Cristandade está rapidamente se tornando um continente muçulmano, e não por derramamento de sangue — paramos com isso em Poitiers, Viena e Lepanto — mas pela perda de sangue *menstrual*, isto é, por algo que é de longe um sacrifício mais difícil, oneroso, e nobre do que o da guerra: tendo filhos. Eu francamente tenho que dizer que eles merecem essa vitória, e nós, a derrota.

Contudo, com que atrevimento nos servimos de dois britânicos a fim de obter ajuda para vencê-la? Lutamos contra eles pela nossa independência em 1776, estamos agora admitindo que dependemos deles ao pedir que lutem por nós? Minha resposta é, como dizem no Maine, *Ayup*.

Wordsworth escreveu ao finado poeta Milton: "Milton! Devias estar vivo a essa hora: a Inglaterra de ti necessita: ela é um pântano" (*London 1802*). Digo o mesmo a Lewis e a Tolkien. No entanto, mais do que só pedir que cuidem da *Sociedade dos poetas mortos*, convoco-os de seus túmulos e rogo que nos falem a respeito da nossa pequena guerra pelo bem da sobrevivência dessa coisinha local chamada civilização ocidental. Faço isso porque, sendo um genuíno tolo de primeira classe, reclamo o direito de correr com a minha pena para onde os anjos temem pisar com suas espadas, pois mesmo que ela *não seja mais poderosa* do que a espada, é mais arrogante.

Primeiro Tolkien. *O Senhor dos Anéis* somos nós. Sua história é a nossa história, suas batalhas são as nossas, seu mundo, nosso mundo, e seus protagonistas e antagonistas são os nossos também. Estamos lutando contra uma horda de *orcs* intelectuais e somos uma sociedade improvável de diversos tipos de criaturas, principalmente de *hobbits*. Na verdade, agora irei identificar os nove companheiros. Como a nossa batalha é para a sobrevivência do Ocidente, vou fingir que estamos num filme antigo de velho

oeste e, como um xerife do Texas, vou oferecer nove distintivos para nove investigadores.

Eu atribuo o papel de Gandalf a Jim Patrick. Ele até parece fisicamente com o Gandalf, e claramente dispõe de seu espírito. Quando o filho de Tolkien teve que preencher o espaço em branco intitulado de "ocupação paterna" no formulário de alistamento do exército, ele escreveu "mago". Tenho certeza de que os alunos do Jim fariam o mesmo.

Frodo é o Papa São João Paulo II, o melhor homem do pior século da história, que sustentou o peso do anel mais do que qualquer um no mundo.

Assim como Sam carregou Frodo e o anel durante um momento enquanto subia a Montanha da Perdição, Walter Hooper suportou tal fardo por meio segundo quando visitou o Papa e recebeu sua benção pela imposição das mãos papais sobre seus ombros. Hooper disse ter sentido o peso do mundo inteiro sobre seu corpo, o qual estava subitamente em chamas insuportáveis de dor e pressão. Ele olhou dentro dos olhos do Papa e viu a fonte da dor ali. João Paulo II disse: "Desculpe, eu não sabia que isso iria acontecer", e retirou suas mãos e o fardo dos ombros de Walter.

Isso aconteceu apenas por um segundo. Walter foi Sam naquele instante. Há um Sam mais perene. Toda sua vida, nosso Frodo foi servido por outro Sam, cujos dois nomes são Ratzinger e Bento. Esse Sam tornou-se sucessor de Frodo e depois prefeito do Condado.

Quem é o nosso Aragorn? Ronald Reagan me vem à mente, mas como Aragorn também é o *futuro* rei, concedo com esperança esse título a Mike Huckabee. [14] O presidente Obama então seria Denethor, o serviçal cuja função adequada é manter o trono aquecido para o rei.

Gimli tem que ser Chuck Colson, o valente guerreiro cultural, de escuro matiz, forma quadrada, voz séria e vontade inflexível, balançando seu machado intelectual matador de *orcs* em palavras e feitos.

Légolas é o Pe. Michael Scanlon, o São Francisco de Assis élfico, com aquele brilho eternamente jovem em seus olhos. Ele foi capaz de realizar reais proezas de magia élfica em Steubenville, a qual ele transformou em Valfenda.

Boromir é George H. W. Bush, um guerreiro cultural do lado certo que falhou e caiu, mas que, não obstante, foi nobre e heróico.

Por fim, dou os nomes de Merry e Pippin ao pastor Tim Keller e ao Pe. Joseph Fessio.

Tal jogo de identidades também pode ser jogado com outros além dos nove. Malcolm Muggeridge com certeza é Tom Bombadil. Arwen, em seu papel de guerreira na versão estendida, é Maggie Thatcher (em espírito, não em rosto, é claro). Alice von Hildebrand é Galadriel. Faramir é Bill Donohue, ou talvez Randall Terry. Fangorn, Barbárvore, claramente é o próprio Tolkien. Isso fica bem óbvio pela sua voz na gravação da cena do livro na qual os *hobbits* o encontram. O arcebispo Weakland é o nosso Saruman. Sauron é, obviamente, o pai das mentiras, o príncipe da potestade do ar, a mídia. Ou talvez ela seja apenas a boca de Sauron, aquela figura horrível no Portão Negro, o tenente de Barad-dûr que esqueceu o próprio nome. Ou quem sabe, a mídia seja o Língua de Cobra, e Théoden, o partido democrata. Em sendo este o caso, ainda há a esperança de um exorcismo de Gandalf. (Jim, onde está a sua equipe?) E o Gollum — bem, infelizmente, o Gollum é a civilização ocidental.

Se lermos a obra-prima de Tolkien com cuidado, encontraremos em suas páginas muito mais sabedoria de guerra do que este pequeno jogo de nomes. *O Senhor dos Anéis* não é uma alegoria, é

claro, mas é um mito, e um mito é mais, não menos, do que uma alegoria em sua aplicabilidade. Pois o mito é universal, aplicável a muitas situações, enquanto uma alegoria só se aplica a uma. O cenário não é mítico nem alegórico, mas literal. Ainda vivemos na Terra Média de Tolkien. Literalmente estamos no mundo dele. É o único do qual temos conhecimento, o projetado por Deus, o mesmo Deus, o único Deus que conhecemos, e pensado de acordo com os mesmos princípios, os únicos que sabemos, que Lewis chamava de Tao, e que, portanto, possui as mesmas verdades embutidas em todos seus eventos, especialmente em suas guerras, incluindo as culturais. Aqui, também, a vitória depende da amizade, lealdade, coragem, perseverança, de presentear, de sacrificar-se, de manter promessas, mais do que de poder ou inteligência, controle ou antecipação. Depende também da tolice de confiar grandes tarefas a humildes *hobbits*. Afinal, quando Deus se fez homem, Ele veio como um. Ele se tornou um Frodo. Um Sam, na verdade, um servo.

Um dia, talvez alguém escreva um livro sobre essa estranha filosofia de Tolkien. Quem sabe dêem o título de *A estranha filosofia de Tolkien*. Quiçá algumas pessoas realmente o leiam. Talvez até mesmo vivam segundo ela.

Agora, devemos deixar C. S. Lewis falar no que resta deste capítulo.

Uma maneira pela qual podemos fazer isso é listando as dez questões mais importantes que precisamos responder no caso de querermos ganhar a guerra cultural e elencar dez livros ou artigos que Lewis nos ofereceu para responder a essas perguntas.

Para vencer qualquer guerra, você precisa saber de dez coisas.

Primeiro, precisa saber que está em guerra. Se você errar pelos campos de batalha costurando bandeiras de paz e achando que

projéteis são borboletas, logo se encontrará não em paz, mas em pedaços.

Segundo, deve saber quem é o seu inimigo. Se entrar em guerras civis contra seus amigos enquanto vocês deveriam estar combatendo juntos o seu real inimigo, ele vencerá pela mais eficiente de todas as partes da estratégia militar: "dividir e conquistar".

Terceiro, é necessário saber o quão grande é a guerra. Se você não vê as forças dispostas contra você para além do horizonte, vai morrer como o General Custer, cujas últimas palavras foram: "Que índios?".

Quarto, tem que saber sobre o que é a guerra, o motivo pelo qual está lutando. Se você pensa: "Trata-se de economia, seu tapado", então, assim como Marx, irá sacrificar milhões de corpos e almas humanas em prol da redistribuição de pedaços sujos de papel.

Quinto, é preciso conhecer a estratégia do inimigo. Se você não percebe quão estratégica é a Pequena Colina Redonda, vai perder Gettysburg, e se não capturar espiões como Klaus Fuch a tempo, a Rússia roubará a bomba.

Sexto, precisa lidar com os ferimentos. Se você é surpreendido pelo sofrimento, derrotas e baixas, e não dispõe de hospitais nem de remédios para eles, em breve estará esgotado, tanto física quanto emocionalmente.

Sétimo, é necessário que identifique o campo de batalha principal para que possa enviar suas tropas de elite para lá. Caso deixe o inimigo tomar a cidade de Washington D.C. enquanto defende o Alasca, você é o tipo de pessoa que troca duas notas de vinte por uma de dez.

Oitavo, você tem que saber qual arma vencerá a guerra. Se deixar de reforjar os fragmentos de Narsil e usar o Palantir em seu lugar,

terminará como um Denethor em vez de um Aragorn.

Nono, você precisa saber como conseguir e manusear essa arma. Não se vencem guerras no papel, sonhando com a vitória, ou meramente por se *ter* armas superiores se elas estiverem enferrujando no seu arsenal.

Décimo, você precisa saber que *vai* vencer, ou pelo menos que nunca, nunca, nunca, nunca irá desistir.

Lewis nos instrui em cada uma dessas lições essenciais para nossa guerra cultural.

Primeiro, nos ensina que estamos em guerra na *Abolição do homem*, um dos livros mais importantes dos últimos séculos. O título chocante nos revela o que está em jogo nessa guerra — a própria natureza humana. A morte de Deus e de sua lei moral, seu Tao, necessariamente implica na morte do homem, pois ele é a imagem de Deus, e a imagem de alguém não pode permanecer no espelho quando a pessoa em si desaparece.

Esse livro também nos diz que tipo de guerra é esta — uma espiritual — e onde é o seu principal campo de batalha: na mente, nas escolas, na educação, nos livros didáticos. Quando todos os nossos materiais de ensino forem da Green Books, teremos nos transformado em animais, na verdade, em lagartixas, em pequenas coisinhas verdes. Caco, o sapo, está errado: *é* fácil ser verde. As lagartixas são legais. Elas não causam problemas. No entanto, não são homens. São canadenses. [15] A melhor esperança dos Estados Unidos é que as nossas fronteiras não estão sendo invadidas por canadenses, mas por mexicanos.

Segundo, Lewis identifica nosso inimigo em *O grande abismo* e em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Ele é, obviamente, nosso velho amigo, o diabo e sua sala de guerra no Inferno. Se isso não for verdadeiro, se for apenas um exagero ou um mito, então Jesus

Cristo era um tolo, e seria melhor pararmos de idealizá-lo e começarmos a ignorá-lo, corrigi-lo, ou até mesmo fazer chacota dele por soar demais como um pregador cuspidor de fogo do Texas.

Terceiro, Lewis nos fala quão grande é a guerra em sua trilogia espacial. É tão grande quanto o espaço, quanto o cosmos. É maior que o mundo. Nossa guerra cultural é apenas uma nota de rodapé da guerra no Céu. O Apocalipse, o livro da revelação, nos disse a mesma coisa. Contudo, a trilogia do espaço é mais divertida de ler.

Quarto, Lewis nos fala sobre o que é a guerra, pelo que ela é: almas eternas. Está em *O problema da dor*:

> Durante toda sua vida, um êxtase inatingível pairou um pouco além do alcance da sua consciência. O dia se aproxima no qual você irá acordar e descobrir, para além de toda a esperança, que o atingiu, ou então, que estava ao seu alcance e que você o perdeu para sempre.

E escreve em *Perelandra*:

> Assim como há um rosto acima de todos os mundos apenas para contemplar, que é alegria irrevogável, assim também há, no fundo de todos os mundos, um rosto que aguarda, cuja mera visão é a miséria da qual ninguém que a contempla pode se recuperar. Embora parecessem ser, como de fato eram, mil os caminhos que um homem poderia trilhar pelo mundo, não havia um único sequer que não o levava, mais cedo ou mais tarde, à beatífica ou à miserável visão.

E nos fala isso em *O peso da glória*, em um dos parágrafos mais deslumbrantes e citáveis já escritos:

> A carga, o peso, ou o fardo da glória do meu próximo deveria ser colocado diariamente sobre as minhas costas, uma carga tão pesada que somente a humildade pode carregá-la nos ombros, e

> que quebrará o dorso dos orgulhosos. [...] A pessoa mais sem graça e desinteressante com quem você fala pode um dia se tornar uma criatura que, se você visse agora, seria fortemente tentado a adorar, ou então de um horror e corrupção tal que você encontra agora, se encontra, apenas em pesadelo. Durante todos os dias estamos, em algum grau, ajudando uns aos outros a atingirmos um desses destinos. [...] Não existem pessoas ordinárias. Você nunca conversou com um mero mortal. Nações, culturas, artes, civilizações — todas
>
> são mortais, e suas vidas são para a nossa como a de uma mosca. No entanto, é com os imortais que brincamos, trabalhamos, nos casamos, esnobamos e exploramos — horrores imortais ou esplendores eternos.

É isso que está em jogo nessa guerra. Pois ela é por almas, não apenas por corpos. É isso que é a cultura: é *cultus*, cultivo, cultivo de almas, cultivo de almas no solo da sociedade e suas transformações do mundo material, que é o que chamamos de civilização. A civilização é o corpo da cultura e a cultura é a alma da civilização.

Quinto, Lewis revela a estratégia do inimigo com detalhamento incrível e acurado em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Acho que a leveza e a astúcia do seu estilo são os únicos motivos pelos quais esse livro ainda não é tido como um dos clássicos espirituais de todos os tempos, junto com *Imitação de Cristo*, *Introdução à vida devota*, *Um sério chamado a uma vida santa e devota*, *O abandono à providência divina*, e *A prática da presença de Deus*. O conteúdo está todo ali, em detalhes bastante práticos e concretos. O que falta para *Cartas de um diabo a seu aprendiz* ser aceito pelas nossas autoridades literárias é que alguém com a imaginação, verve e estilo dos três amigos de Jó, ou um autor de memorando de comunicação entre escritórios, o traduza para uma longa, chata, e exortativa platitude. Sugiro que essa tarefa seja atribuída ao ICEL, a

comissão internacional de liturgia em língua inglesa da década de 70.

Sexto, *O problema da dor* e *A anatomia de uma dor* nos oferecem um relatório médico da lesão e os medicamentos para uma alma ferida, o primeiro livro a nível filosófico e intelectual, o segundo, a um pessoal e emocional. Há milhares de imitações, mas *O problema da dor* é simplesmente o melhor livro que sei dar para alguém impedido na fé por um sofrimento aparentemente sem sentido e injusto, e *A anatomia de uma dor* é o melhor que conheço para oferecer a qualquer enlutado que respeite uma honestidade obstinada. Sétimo, Lewis nos mostra onde é o campo de batalha principal — na mente — em *A abolição do homem*, e também ao expor a filosofia de Weston em *Perelandra* e da NICE, especialmente no filósofo Filostrato, em *Aquela força medonha*. Os fatos de que a filosofia seja matéria obrigatória em menos de 5% das faculdades americanas e de que a maioria dos filósofos nas escolas seculares sejam ateus ou agnósticos mostram com quanta astúcia o inimigo está escolhendo suas batalhas.

Aqui está um cenário alternativo: ainda que abstratamente o principal campo de batalha seja a filosofia, de maneira concreta, ele é o sexo. O principal motor para um relativismo moral generalizado é a revolução e o relativismo sexual. A maior parte do restante da moral tradicional ainda está vigente. Nunca falamos da revolução da justiça, do dinheiro, uma revolução do dizer a verdade, mas todos sabemos que houve uma revolução sexual. Todas as questões mais controversas, radicais e polêmicas hoje em dia são sobre sexo: coabitação, aborto, homossexualidade, contracepção, divórcio e feminismo. A revolução sexual é muito mais radical do que qualquer revolução política da história. A política é apenas a peneira, o sexo é o sol.

Outro profeta, Chesterton, disse há quase um século que o grande mal do futuro viria não de Moscou, mas de Manhattan, e ele o identificou como um ataque, não à teologia, mas à moral,

especialmente à moral sexual. Lewis esclarece esse assunto com uma simplicidade maravilhosa no capítulo "Eros" de *Os quatro amores*, e em um artigo pequeno e simples, "Não temos direito à felicidade", que foi, providencialmente, a última coisa que ele escreveu, o qual foi publicado postumamente.

Oitavo, Lewis nos diz qual é a arma vencedora em *Cristianismo puro e simples*, que é a melhor, mais convincente, clara, simples, direta, ecumênica e, acima de tudo, cristocêntrica introdução ao cristianismo que eu já li fora o Novo Testamento. A única arma que garante a vitória é, naturalmente, o próprio Cristo.

A suprema realização literária de Lewis foi fazer em *As crônicas de Nárnia* o que Dorothy Sayers afirmou que nunca poderia ser feito: retratar Cristo como um personagem ficcional cativante ao removê-lo de sua familiar humanidade na Terra e levá-lo a uma ficcionalidade leonina em Nárnia. Na Terra, leões comem o corpo de Cristo, os cristãos. Em Nárnia, o leão *é* Cristo. Quando vamos para Nárnia, podemos realmente perceber Cristo lá, podemos sentir com relação a Ele o que deveríamos sentir na Terra mas não conseguimos: admiração, maravilha, a ferocidade, o calor, o amor abrasador que faz dos homens mártires, pois sabemos que Ele realmente *é* narniano e leonino, não americano e politicamente correto.

Nono, Lewis nos mostra como obter essa arma vencedora em *Cartas a Malcolm* e *Reflexões sobre os salmos*. É a oração. Apenas peça. É muito simples.

Finalmente, ele nos dá o seu (e o de Deus) prognóstico da vitória, o qual é sugerido em algumas passagens: no fim da *Abolição do homem*, sobre a nova e redimida ciência; em *Milagres*, na suposição, que se encontra no capítulo cinco, de que a providência divina está permitindo a morte do tradicionalismo sobrenatural apenas para estimular em todos nós a missão de reconquistá-lo nós mesmos; no magistral capítulo de conclusão intitulado "Milagres

da nova Criação"; mas, de maneira mais clara, no final de *A última batalha*, que é a versão de Lewis do Apocalipse. (É pecado apreciar mais ler sua versão do que a de Deus? Porque se é, ofereço um ato de contrição bem curto: *Ops!*) Fazer menção a *A última batalha* e a Nárnia nos lembra que cada obra de ficção escrita por Lewis versa sobre espiritualidade e guerra (freqüentemente física) — assim como a Bíblia como um todo e três quartos dos salmos. Então, agora vou tirar uma lição específica de cada um de seus onze romances, a saber, as sete crônicas de Nárnia, a trilogia espacial e *Até que tenhamos rostos*. Esses onze pontos não são necessariamente os principais de cada livro, mas cada um é uma resposta útil para como vencer nossas guerras culturais.

O leão, a feiticeira e o guarda-roupa nos diz que qualquer um de nós, mesmo as crianças, pode entrar em algo tão ordinário quanto um guarda-roupa e encontrar-se em um mundo onde leões e feiticeiras batalham numa verdadeira guerra mundial. Frodo Bolseiro descobriu a mesma coisa na porta do Bolsão: uma estrada para Valfenda, Moria, Lorien e Mordor — para lá e de volta novamente. Esteja pronto, seu oficial de recrutamento vem como um ladrão à noite.

Príncipe Caspian mostra o perigo do esnobismo cronológico e a preciosidade da tradição, da memória e dos ancestrais. Não podemos vencer sem eles (é a mesma coisa que *O Senhor dos Anéis* apresenta em quase todas suas páginas: estão saturadas de passado, como o ar logo antes de um furacão, quando a umidade é de cem por cento). Nossos gritos de marcha não são: "Criar novos valores!", mas: "Segurem firme!". Isso vai profundamente contra a superstição exacerbada do iluminismo, mas a impregnação da eternidade no tempo não ocorre somente no futuro, mas também no passado, e é por isso que ela já é algo presente.

A viagem do peregrino da alvorada complementa esse tradicionalismo com o futurismo da esperança, aliás, de *Sehnsucht*, de espera, de alegria. Do outro lado do campo de batalha está a

terra prometida do fim do mundo, e o mundo é plano — em tempo, se não for em espaço (*A viagem do peregrino da alvorada* oferece a imagem dessa verdade do fim do tempo pelo fim do espaço, onde o céu encontra o mar, o Paraíso une-se com a Terra). O que nos motiva a lutar nessa guerra é o amor pela nossa verdadeira pátria e pelo nosso amante celestial. O único caminho para lá passa por muitos obstáculos e ilhas estranhas, e precisamos de Ripchip e sua espada a bordo de nosso navio. Também necessitamos de Ripchip dentro de nós, já que o navio é a alma.

O cavalo e seu menino nos mostra que os animais também fazem parte dessa guerra. Lewis nos apresenta cavalos que falam para nos lembrar que nós, os falantes, somos mais parecidos com eles do que com os anjos. Eles são parte da nossa família, e nós, parte da família deles.

O sobrinho do mago nos mostra o perigo da arrogância, de se tornar um tio André, e o risco da curiosidade semelhante à de Eva, a qual pode invocar uma bruxa com o toque de um sino. Também fala do poder da música, que é a própria linguagem da Criação. (Lembre-se da batalha das duas músicas no *Silmarillion* de Tolkien.) *A cadeira de prata* nos instrui sobre como escapar de nossos vícios e alucinações: como fez o Príncipe Rilian, pela resistência politicamente incorreta à propaganda da rainha-feiticeira do Reino Profundo, propaganda que é ao mesmo tempo filosófica, musical e farmacológica. Às vezes a única maneira de fazer isso é pela coragem de abraçar o sofrimento, como o Brejeiro ao pisotear o fogo da bruxa com seus pés. (Lembre-se da grande sabedoria de Samuel Johnson: não conheço nenhum pensamento que esclarece mais a mente de um homem do que a idéia de que amanhã de manhã ele será enforcado... ou diagnosticado com câncer.) E *A última batalha* nos ensina a tomar cuidado com simulacros e macacos. Há muitas peles de leão trajadas por macacos por aí, muitos falsos messias, novos cristianismos, embusteiros e trapaceiros e tergiversadores e dissimuladores.

Nem todos os que estão dentro de nosso castelo são aliados e nem todos que estão fora são inimigos. Temos nossos amigos fora de Nárnia: eles são qualquer um cujo nome seja Emeth, fiel e verdadeiro. Quando vemos o herege Maomé e o bispo Judas Iscariotes no campo de batalha, não hesitemos em lutar com Maomé.

Além do planeta silencioso nos lembra que todo o cosmos está repleto, não vazio: cheio de vida, luz e espírito, que ele está do nosso lado, que o mal é uma coisa pequena e local, como aquela única estrela que Sam viu em Mordor e que feriu seu coração com esperança. Lembra-nos que este é o único planeta silencioso e que devemos enfiar nossas cabeças por entre as nuvens e ouvir a música das esferas.

E *Perelandra* toca essa música dos anjos. A grande dança, no final, é certamente a coisa mais bela e mística que Lewis escreveu. Isso é, em última análise, aquilo pelo que estamos lutando, e lutamos contra algo que não é um homem, mas um não-homem. Somos como o Dr. Van Helsing e nosso inimigo é o Drácula: não é carne e sangue, mas principados e potestades. Nosso senhor é Cristo, nosso inimigo é o Anticristo e não os homens-bomba, George Soros, Ted Turner, Walt Disney, ou mesmo o Partido Democrata.

Aquela força medonha nos adverte contra a aliança que o inimigo forjou entre uma tecnologia maligna e um misticismo do mal. A "sala objetiva" de Mark Studdock é um paraíso desconstrucionista (ela existe na realidade, no *campus* da Universidade do Kansas). No entanto, com o auxílio de alguns Merlins e Mr. Bultitudes, podemos ajudar os poderes das profundezas do Céu a derrubar a nova Torre de Babel.

Por fim, *Até que tenhamos rostos*, o livro mais profundo — e bem escrito — de Lewis, nos mostra quem somos (Orual *é* Ungit) e como apenas o caminho da troca pode nos salvar, onde Orual e Psiqué trabalham em prol da salvação mútua.

Se não estivermos dispostos a morrer uns pelos outros, se nossos amores humanos forem ciumentos, então o inimigo dividiu nossas fileiras e felicidade. Somente a unidade de Orual e Psiqué pode trazer a união de Psiqué e de Cupido. A unidade horizontal é a outra face da unidade vertical. Somente na perfeita sociedade celeste da comunhão dos santos é que podemos alcançar a visão beatífica, a qual nas escrituras é sempre coletiva, não privada.

As verdades que Tolkien e Lewis nos contam são perenes e, portanto, atuais. Universais e, assim, locais. Aplicam-se às guerras culturais da Roma do primeiro século tanto quanto às da América do século XXI. Lewis estava completamente atualizado porque ele não perdia tempo com coisas efêmeras como os jornais. Ele lia, não o *Times*, mas as eternidades. Porque é nelas onde a guerra começou, é lá que suas estratégias estão sendo armadas e também é onde ela irá acabar. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, ela começa e termina na porta da frente do Bolsão, na vila dos *hobbits*, no Condado. Pois é onde a eternidade intersecta o tempo, como as duas barras da cruz.

Cristo, na cruz, não se deteve no passado morto do ladrão arrependido e viu apenas o Paraíso em sua alma no presente vivo, pois Cristo vivia no santo agora. Façamos o mesmo.

Se o fizermos, se vivermos no santo Agora, saberemos que já pensamos e falamos o suficiente. Agora, avante.

10
Heróis

Todas as histórias têm protagonistas. As boas têm heróis.

As melhores histórias são sobre os melhores heróis. Grandes histórias precisam de grandes heróis para fazerem delas grandiosas, e os grandes heróis precisam de grandes histórias para sua grandeza.

Muitos anos atrás, nossa babá veio até mim com uma tarefa de ensino médio: ela tinha que conseguir a resposta de vinte pessoas para a pergunta: "Quem são seus heróis?". Então eu falei por três minutos em seu gravador e disse algumas obviedades sobre Jesus, Sócrates e sobre o meu pai. Ela ficou efusivamente grata, aí eu disse algo como: "Só porque eu sou um filósofo, não quer dizer que tenho as melhores respostas". Ela respondeu: "Você é a única das vinte pessoas que eu entrevistei que respondeu à pergunta. Todos os outros disseram que não tinham mais heróis, que heróis são coisa de criança". Num primeiro momento, fiquei com vergonha da minha resposta, mas depois, eu me senti grato.

O nosso mundo é um mundo sem heróis? Se sim, por quê? Se não, quem são eles? Obviamente, não podemos responder a essa pergunta a não ser que saibamos o que é um herói. Então, logicamente, devemos primeiro definir nosso termo.

Todavia, vou fazer algo melhor do que isso. Com freqüência temos um entendimento profundo, inconsciente e intuitivo de coisas que não podemos definir claramente, como o tempo, o ser ou a beleza. Então, quero explorar isso.

Acredito que sabemos o que são heróis, pois entendemos com o que um mundo sem eles se pareceria. Seria como o *Admirável mundo novo*.

Estamos nos aproximando mais e mais do o *Admirável mundo novo*. No entanto, ainda não chegamos lá. Trata-se ainda de uma ficção e não de um fato científico. É um conto de advertência, uma distopia e não uma utopia — exceto para uma classe de alunos meus dos anos 60 que o confundiu com uma utopia. Pior, eles o

adoraram e não conseguiam entender por que alguém não iria querer viver nele. Minha esperança para o futuro da humanidade vem do fato de que a maioria dos estudantes hoje não interpreta mais tão mal esse livro.

Muitos de nós tem heróis no esporte. Eles são heróis reais? Os atores podem ser heróis? Os cantores favoritos? Os personagens da ficção? Os de desenho animado? Os super-heróis? Nós os amamos porque não temos mais heróis de verdade? Ou os amamos pelo motivo exatamente oposto: porque ainda acreditamos em heróis reais? É possível que apenas heróis morais sejam de verdade. Qualquer um que careça de sabedoria, coragem, autocontrole, justiça ou caridade não é um. Tolos, covardes, viciados, tiranos ou egoístas não podem ser heróis.

Talvez possamos responder à nossa primeira pergunta — se nós vivemos em um mundo sem heróis — listando as condições prévias para ser um herói, os aspectos de uma visão de mundo que tornam o heroísmo possível. (Estes não são os atributos dos heróis em si. Nós já elencamos alguns deles. Essas são virtudes morais, são crenças filosóficas.) Um herói é alguém que não só tem virtudes como é publicamente admirado por elas. Sócrates tinha virtudes, mas os atenienses não o admiraram por isso; eles o mataram por causa delas. Ele não era um herói para Atenas, embora fosse para Platão e seja para nós. Jesus não foi um herói para o Sinédrio, os fariseus, os romanos ou para a multidão que gritava: "Crucifica-o!"; mas foi um herói para seus discípulos e para nós.

Contudo, Atenas e Jerusalém dispunham de heróis — Péricles, por exemplo, e Moisés. Porque essas cidades tinham os pressupostos filosóficos para o heroísmo. Tinham categorias, apenas não acharam que Sócrates e Jesus se encaixassem nelas. O que é questionável sobre o nosso mundo é se nós sequer dispomos de categorias. Talvez, sim. Veremos. Quais são elas? Quais são as condições prévias para o heroísmo? Eu vejo pelo menos sete:

hierarquia; teleologia, propósito ou projeto; um Tao, ou lei natural; absolutismo, algum absoluto que possa provocar uma paixão infinita, um "tudo ou nada"; livre-arbítrio; honra; e sofrimento, pobreza e morte.

Estes são apenas *pressupostos* para o heroísmo. A presença deles não garante a existência de um herói, mas a sua ausência assegura a inexistência deles. Eles são causas necessárias, não suficientes.

Vejamos por que é assim, para cada um, e nos perguntemos se ainda temos todos.

Heróis são superiores às pessoas comuns, então a idéia de heroísmo é hierárquica. Geralmente interpretamos mal a hierarquia como sendo algo político, um sistema de classes.

Projetamos a política humana no cosmos. Nós não aceitamos monarquias e aristocracias, muito menos hierarquias; nós fazemos democracia. No entanto, a natureza não é democrática, é hierárquica. As pessoas são superiores aos animais. Elas têm o dever de ser gentis com eles, mas animais não possuem direitos como os humanos. Se cães têm direitos, então as pulgas também.

Propósito objetivo, ou teleologia, é necessário para os heróis porque um herói tem que cumprir algo como um destino, sina ou propósito. Não usamos mais explicações teleológicas na ciência, e isso é tão certo quanto não ter mais monarquias e aristocracias na política. Entretanto, há mais na realidade do que aquilo que a ciência vê. Astronomicamente falando, o homem é insignificante, mas astronomicamente falando, o homem é o astrônomo. É claro que existe o "*design* inteligente", mas essa não é uma categoria científica. São dados, não para os sentidos, mas para a mente. Não são informações para a cognição *matemática*, mas para o *intelecto*. *Design* é uma categoria que computadores não podem entender, mas que *designers* de computação podem. Infelizmente, tendemos a assumir que, se não é científico, não é objetivo, então reduzimos o

design, o propósito e a teleologia a algo subjetivo e psicológico. Assim reduzimos a bondade objetiva à subjetividade, a valores pessoais. (Moisés desceu do Sinai com dez valores?) Um mundo sem valores morais objetivos, sem a lei natural, é um mundo sem heróis. Apenas uma moral objetiva, e não uma subjetiva, pode ser a moldura em torno da imagem do enredo de uma vida. *Macbeth* é um grande drama porque Shakespeare acreditava no quadro da moral cristã. É uma história de condenação, de um homem que ficou moralmente insano. Esse é o ponto de seu famoso discurso sobre a vida ser "uma história contada por um idiota, cheia de estardalhaço e fúria, significando nada". No entanto, Faulkner, em seu clássico *O som e a fúria*, nos mostra como a vida ficaria sem esse quadro. Alguém como Macbeth conta a história (na verdade, cinco pessoas), mas não há estrutura para julgar a verdade contra a falsidade, o bem contra o mal. Goethe fez algo parecido com a antiga história do Fausto, que era uma história cristã de condenação até ele a transformar em uma história pós-cristã de integração e realização pessoal. Fausto integra seu Satã e seu Deus interiores, às custas da moralidade. Goethe derruba a estrutura moral que condena e amaldiçoa Fausto. Essa estrutura é a lei moral natural. Na medida em que a modernidade aboliu essa estrutura, ela tornou o heroísmo impossível.

E esta é provavelmente a diferença mais radical e distintiva entre a civilização ocidental e todas as outras civilizações da história. Nós somos a primeira cultura de todos os tempos sem um Tao, pelo menos no entendimento dos seus formadores de opinião e educadores, ambos formais e informais, tanto na educação quanto na mídia popular. E o que está na mente do professor logo estará na do aluno. É por isso que estamos nos tornando cada vez mais um mundo sem heróis.

Um herói tem um absoluto. É por isso que dispõe de uma paixão de tudo-ou-nada por ele. No entanto, não temos mais absolutos. Não é que os tenhamos refutado, nós simplesmente não gostamos deles. Eles nos deixam desconfortáveis, e nós adoramos a nossa

bolha de conforto. Tememos absolutismos mais do que a condenação (na verdade, temos mais medo da idéia da condenação do que da condenação em si, porque a idéia soa absoluta demais). Confundimos absolutismo com fundamentalismo e fanatismo, e essas são nossas novas duas palavras que começam com "F". Toleramos tudo menos a intolerância. A tolerância é a última virtude que ainda resta depois que você perdeu todos os seus princípios.

Acredito que isso explica nosso medo do Islã. Acho que há uma inveja escondida nisso. "Parece-me que a dama faz demasiados protestos". É claro que há muito a não se invejar no Islã: terrorismo, falta de respeito pela vida humana, pelas mulheres, pela razão e pela liberdade. Contudo, muçulmanos quase sempre são genuinamente morais, embora restritos. E, portanto, possuem heróis e santos. Porque eles têm espinha, nós não. Somos águas-vivas, eles são esqueletos. Precisamos de um programa de intercâmbio para reunir as duas partes da humanidade de novo, os ossos e a carne. Precisamos alugar uma frota de aviões e navios e enviá-los para eles com todos os nossos psicólogos *pops* para que eles possam devolvê-los com todos os seus ardentes mulás.

Sem a religião, sem uma realidade infinita, como você pode ter uma paixão infinita? E sem uma paixão infinita, como pode ter heroísmo? Se há um Céu e um Inferno, a vida é um campo de batalha. Se não há, ela é uma banheira de hidromassagem. Não há heróis nessas banheiras.

Nós naturalmente preferimos as banheiras aos campos de batalha. Entretanto, somos melancólicos. Não admitimos, mas invejamos aqueles que ainda possuem campos de batalha. Especialmente os espirituais, que o Corão chama de "a maior *jihad*". É por isso que nossa sociedade discrimina apenas os crentes religiosos, por isso que ela é intolerante apenas com os intolerantes. Como Merseault em *O estrangeiro* de Camus: ele é um homem totalmente desapaixonado cuja única paixão é dirigida contra o padre que diz

que ele deveria ter paixão pela sua salvação, pelo Céu e o Inferno. Isso somos nós, esse é o homem moderno. Apenas um absoluto: nenhum absoluto, por favor. Nenhum herói, eles são muito *primitivos*.

O livre-arbítrio obviamente é necessário para o heroísmo porque robôs não podem ser heróis. Contudo, nós questionamos o livre-arbítrio e abraçamos, em seu lugar, outro tipo de liberdade: a autonomia. Este é o gênero favorito de liberdade para um adolescente: "Não pise em mim", "continue com a sua vida, me deixe em paz". As duas liberdades estão em tensão, porque o livre-arbítrio é o fundamento para responsabilidade moral, e responsabilidade moral significa que nós *não* somos autônomos, mas estamos sob uma autoridade, a autoridade da lei moral. Se há livre-arbítrio, responsabilidade moral e uma verdadeira lei moral, um Tao, então você pode ter ambos heróis e vilões, pode tanto louvar quanto condenar, há a glória e há a culpa. Caso contrário, não. É um pacote, não dá para dispor das alturas sem os abismos, heróis sem vilões, Céu sem Inferno. Logo, se você se recusa a ter vilões, não pode ter heróis, e se não tem medo da condenação, não pode ter esperança na salvação, porque a condenação é aquilo do que somos salvos.

O livre-arbítrio vê a liberdade enquanto meio, a autonomia a vê enquanto fim. O livre-arbítrio entende a liberdade como um bem relativo, em relação ao Bem. A autonomia a percebe como um bem absoluto. A questão que distingue os dois conceitos de liberdade é: podemos ter liberdade demais? Se de repente você se tornasse muito rico e famoso e como resultado dispusesse de dinheiro para todas as drogas e prostitutas que quisesse, e então desordenasse a sua alma, embotasse sua inteligência e perdesse a sua vida, não teria possuído liberdade demais? A liberdade não é quase a mesma coisa que poder? Se você estiver na prisão ou em uma cadeira de rodas, você dispõe de menos liberdade. No entanto, todos sabemos que o poder tende a corromper e que poder demais corrompe. Por que nunca dizemos isso a respeito da liberdade? A liberdade da

autonomia, em seu apogeu, exige a liberdade de criar seus próprios valores. Livre-arbítrio, por outro lado, pressupõe valores objetivos, Tao ou lei moral, pois sem a lei moral para definir o bem e o mal, você não pode ter uma escolha livre e significativa entre eles.

A única maneira de combinar as duas liberdades é sendo um herói moral, um santo, porque assim a sua vontade, através da sua própria livre escolha, é totalmente una com a vontade de Deus, e somente essa é autônoma.

A maioria dos psicólogos e sociólogos são deterministas, ou seja, não acreditam no livre-arbítrio. A ciência demanda explicações causais e a pressão para fazer dessas duas áreas ciências respeitáveis, inteiramente científicas, leva seus praticantes a procurar explicações causais de escolhas humanas aparentemente livres. No entanto, se nossas escolhas não são causadas por si mesmas, mas por outras forças, quer sejam internas (hereditariedade) ou externas (meio ambiente) — se elas não são meramente *condicionadas* por essas forças, mas causalmente *determinadas* por elas, então não são livres. Nossas vontades são apenas lápis nas mãos dessas forças impessoais. Não temos culpa de nada: os conflitos entre nós mesmos e nossas sociedades, entre nossos *ids* e superegos, esses sim são os culpados, ou então são os genes egoístas que herdamos do nosso pai que está na Terra, King Kong, e não Deus, ou ainda a culpa é do historicamente retrógrado sistema capitalista competitivo. É Adão e Eva tudo de novo. Adão culpou Eva e Eva culpou o diabo.

Culpar mulheres e demônios está definitivamente fora de moda hoje, mas fazê-lo com forças impessoais não está. Isso livra a nossa cara. E, portanto, em última instância, coloca Deus na berlinda, já que Ele é a primeira causa última de todas as outras forças exceto nossas próprias escolhas livres. É a justificativa da popularidade das aparentemente científicas filosofias de exculpação (de desculpação), especialmente as de Freud, Darwin e Marx. Todas as três compartilham a mesma estratégia usada no Éden: explicar a

responsabilidade, a culpa, e o livre-arbítrio. E o resultado do sucesso *nisso* é o fracasso dos heróis, do drama e, em última análise, de todas as narrativas plenas de sentido. Nenhum determinista jamais escreveu uma grande história.

Honra é o sexto pré-requisito para os heróis. É parte da sua motivação, identidade e definição. A honra é o índice do heroísmo, a luz especial que os faz brilhar, por assim dizer. No entanto, quase não se ouve mais a palavra "honra" em nosso mundo fora do Corpo de Fuzileiros Navais, a menos que seja dita com escárnio. Ou, se a usamos, a reduzimos a algo relativo, mutável e subjetivo: a aceitação da sociedade. Não fazemos distinção entre *merecer* a honra e *recebê-la*. Assim, nossas estrelas de rap que exaltam o estupro e o assassinato recebem mais honra que os nossos santos.

David Riesman, em seu clássico sociológico dos anos 50, *A multidão solitária*, admirou-se com a nossa mudança de 180 graus no significado e no conceito de honra. Todas as sociedades anteriores honraram o herói pela sua excelência, por ser melhor, diferente da multidão. Entretanto, a sociedade moderna é tão anti-hierárquica que honra as pessoas por *não* serem diferentes, por serem mais um na multidão, por obterem seus significados e valores não de fontes superiores, mas umas das outras, do que é popular. O herói antigo era ou um "homem dirigido pela tradição" caso a obedecesse heroicamente ou um "homem dirigido pelo interior" se transcendesse e criticasse as tradições de sua sociedade. Porém, o conformista moderno é o "homem dirigido pelo outro", tirando seus valores, padrões, significados e propósitos de modas e modismos, do *Zeitgeist*, o espírito do tempo.

O homem moderno rejeitou a autoridade de seus heróis, como ovelhas rejeitando seu pastor. Todavia, isso não faz delas pastoras. Ovelhas sem pastor ainda possuem mentes de ovelhas. Elas apenas se movem de maneira diferente: em vez de andar em fila seguindo seu pastor, movem-se em círculos sem destino. Em um lugar tão ovelhoso, não há heróis. Há apenas ovelhas muito legais e

educadas. Se você quiser ver um caso avançado de homens se tornando ovelhas, visite o Canadá. Acho que ele só pode ser salvo por uma imigração em massa de pessoas da Zona Sudeste da cidade de Nova York.

Pobreza, sofrimento e morte são nossos últimos pré-requisitos para os heróis.

Pobreza, porque a riqueza elimina a incerteza, a imprevisibilidade e a aventura. Chesterton define uma aventura como sendo nada além de "uma inconveniência devidamente considerada", e uma inconveniência como "apenas uma aventura erroneamente considerada". A riqueza lhe dá controle sobre a inconveniência e, portanto, abole a aventura. Para ver isso, leia o discurso de Soljenítsin de inauguração do ano letivo de Harvard em 1978. Ele disse, com efeito, que os russos podem ser mais perversos do que os americanos, mas eles são muito mais interessantes, pois sofrem pobreza, injustiça, tortura e opressão. Pessoas em bolhas são chatas.

Você *tem* que sofrer para ter uma história interessante, mas tem que *aceitar* esse sofrimento a fim de ser heróico. Há pouco ou nenhum espaço para histórias interessantes e dramáticas em nossas bolhas de prazer, nosso *Admirável mundo novo*. E o espaço é pequeno em nossas consciências para o conceito de "mortificação" dos nossos desejos naturais e egoístas, de ascetismo ou de auto-sacrifício deliberado. As Missionárias da Caridade de Madre Teresa atraíram dezenas, centenas de mulheres para seu trabalho profunda e misteriosamente alegre nos Estados Unidos, mas muito poucas delas são americanas.

A morte é, com certeza, o evento mais dramático de todos. É a moldura que deixa a vida interessante. Quando eu escolhi dez filmes nos quais eu iria me concentrar no meu curso de filosofia no cinema, pensei que os havia escolhido meramente por quão excelentes achava que eles eram, mas descobri que todos tratavam da morte. Se "a conquista do homem sobre a natureza" encontrar

sua apoteose na conquista da morte, o trunfo da natureza, ao inventar a imortalidade artificial com a engenharia genética (o que a maioria dos geneticistas acha possível), *O Admirável mundo novo* estará entre nós.

Mas, pessoas comuns podem ser heróis? Mesmo se não pudermos, podemos reverenciá-los, contar histórias sobre eles, e assim ajudar os outros a fazerem o mesmo. O primeiro passo para se tornar um herói você mesmo é reverenciar o heroísmo dos outros.

E nós *podemos* ser heróis. Na verdade, devemos ser. O ponto central do melhor livro do século XX, de acordo com seu autor, é mostrar a dependência mútua entre pequenos e grandes heróis, entre *hobbits* e guerreiros, magos e elfos. Os grandes heróis lutam, trabalham e se sacrificam pelos menores, mas não podem ser bem sucedidos a não ser que os pequenos façam a parte deles. A Terra Média foi salva pelos *hobbits*.

O maior herói da História não foi um guerreiro, um mago, ou um elfo (embora dispusesse de todos esses poderes, se quisesse), Ele era como um pequeno *hobbit*. Era pobre, um obscuro filho de carpinteiro que nasceu em um estábulo, que nunca escrevera um livro, saíra de seu pequeno país ou entrara na política. Ele foi crucificado como um criminoso. Foi, por todos os padrões do mundo, um fracasso espetacular, como um dos foguetes de Gandalf se entregou, queimou brilhantemente por um momento e depois desapareceu.

Ainda assim, Ele é tão real e vivo que dividiu a história no meio para sempre, como um coco, em a.C. e d.C., e inseriu a eternidade nessa rachadura. Por quê? Porque Ele nos revelou as duas únicas coisas que precisamos conhecer, a identidade das duas pessoas que nós nunca, jamais conseguiremos evitar, por toda a eternidade: a de Deus e a nossa. A citação favorita do melhor homem no pior século da história é uma sobre o que Ele fez, e está nos documentos

do Vaticano II: Cristo revelou não apenas Deus para o homem, mas também o homem para ele mesmo. Ele nos mostrou o que todos nós somos aos olhos do nosso Criador: heróis, pois nós podemos nos tornar um com o único Herói completo. Ele fez isso em forma de narrativa, ao estrelar um filme, a maior história jamais contada. Nosso trabalho agora é nos juntarmos ao seu elenco principal.

11
O QUE É UM "*LIBERAL*"?

Primeiramente, o ponto principal da conclusão: eu não sei. Sinto-me como o geriátrico *pater familias* italiano em *O feitiço da lua*: "Estou tão confuso".

Acho que quase nenhum termo filosófico ou ideológico seja tão nebuloso quanto "*liberalism*". Eu me considerava um "*liberal*" nos anos 60. Agora afirmo ser conservador. No entanto, não mudei de idéia em uma única questão sequer. Os rótulos que mudaram.

Aqui estão alguns temas cujos rótulos mudaram e o que eu acreditava e ainda acredito a respeito deles. Eu confiava mais nos pacifistas do que nos belicistas, especialmente no que se tratava da Guerra do Vietnã. Aprovava o movimento dos Direitos Civis e no então chamado radicalismo ou progressismo do Martin Luther King. Eu desconfiava de um governo grande, de grandes empresas e de militares. Confiei no bom senso, nas pessoas comuns, nas menos abastadas, nas pessoas da classe média, nas famílias, e duvidava dos que eram chamados "especialistas". Acreditei que a única coisa comum a todas as idéias mais idiotas que eu já ouvi era que apenas um Ph.D. poderia crer nelas. Eu admitia que "o pequeno é belo" e aprovava a poda no nosso estilo de vida luxuoso

em prol da gestão ambiental. Pensei que o indivíduo era infinitamente mais importante que o coletivo. Suspeitei da expansão do governo. Acima de tudo, acreditei na lei natural, uma lei maior do que as do Estado, e apoiei protestos contra as suas leis em nome daquela superior, a que declara que todas as vidas humanas, e não apenas algumas, têm valor intrínseco e inegociável, do útero ao túmulo. Todas essas causas eram rotuladas de "liberais" há cinqüenta anos. Hoje, são "conservadoras". O que aconteceu com os rótulos? Falo apenas dos Estados Unidos. A Europa para mim é uma charada *koan*, uma apostasia e um desejo de morte. O Canadá é um aprisco onde as ovelhas educada e voluntariamente entram na fila para o matadouro.

Lembro-me de ler um estudo (não consegui encontrar a fonte de fato, então isso é só uma anedota) que analisou os professores da Ivy League há cinqüenta anos e descobriu que 80% deles havia votado nos republicanos. O mesmo estudo recentemente mostrou que agora mais de 90% vota nos democratas.

Isso é bem enigmático. Filósofos amam enigmas intelectuais, então eu tentei resolver esse, e aqui está a solução que encontrei. Não é a história inteira, mas acredito que seja o coração dela.

Historicamente, "*liberalism*" costumava significar a tendência de confiar mais em indivíduos e menos no governo; agora quer dizer o oposto. Por quê? Aqui vai uma pista: os governos costumavam ser mais religiosos que os indivíduos, e agora são menos, assim como o clero e os teólogos costumavam crer mais do que os leigos, mas na segunda metade do século XX, começaram a crer menos.

A religião, afinal, sempre foi o divisor mais profundo da humanidade, sua lealdade mais apaixonada. Ela fez mais diferença para um maior número de vidas, ao longo de toda história, do que qualquer outra coisa. A religião sempre reivindica a totalidade. Se há algo que os "*liberals*" de hoje odeiam são os absolutos. Então, é claro que temem a religião — a real, distinta da pequena dose de

religiosidade que é a nova, segura e politicamente correta religião da esquerda política; a religião que é a vacina mais eficaz contra todas as realidades já inventadas pelo demônio. Em Massachusetts, nós católicos distinguimos essas duas religiões dizendo que os católicos kennedianos superam em muito o número de Kennedys católicos.

A religião acredita em uma lei maior, uma lei natural. Alguns pensadores não religiosos também aceitam a existência de uma lei moral natural, mas são raros. Para a maioria das pessoas, absolutos religiosos e morais andam juntos. Esse é apenas um fato sociológico, quer a razão sozinha seja capaz ou não de provar a existência da lei natural (como eu acredito que possa), quer uma nação possa ser bem-sucedida se baseando nesse tipo de lei sem apelar para a religião revelada (como os fundadores dos Estados Unidos esperavam ser possível, e eu também).

Cinqüenta anos atrás, "*liberals*" e democratas estavam baseando sua oposição à segregação racial e à Guerra do Vietnã na lei natural e exigindo mudanças no direito positivo a partir desse fundamento. Os republicanos tendiam ao pragmatismo do *establishment*. Hoje, são os conservadores e republicanos que estão fundamentando sua oposição ao aborto, ao suicídio assistido e ao casamento *gay* na lei natural. São os democratas, então chamados "*liberals*", que não toleram os absolutos da lei natural pois julgam que são intolerantes. Há cinqüenta anos, os "*liberals*" confiavam em indivíduos religiosos contra governos irreligiosos, agora, confiam em governos irreligiosos contra pessoas religiosas. A administração Obama demonstrou uma incompreensão surpreendente acerca do que realmente é consciência religiosa quando quebrou as promessas feitas às instituições católicas de lhes conceder uma cláusula de objeção de consciência no que tange a obrigação de pagar por contraceptivos abortivos. A administração ficou genuinamente surpresa quando todos os bispos disseram que não, que esse era um limite que definitivamente não poderiam

ultrapassar. Esse novo tipo de liberalismo é uma virada de 180 graus, quase como a conversão de um Red Sox para um Yankee.

Agora vou pedir permissão para ignorar tudo que acabei de dizer, não porque seja falso, mas porque são sombras confusas na caverna de Platão (é aí que a política está: dentro da caverna), e eu vou pedir que tente sair comigo de lá para o reino das formas platônicas puras, das verdades atemporais em vez das ideologias históricas. O que a palavra "*liberal*" deveria significar se pensarmos e falarmos claramente? Por definição, ela tem a ver com liberdade. Para pensarmos com clareza a respeito da liberdade política, precisamos primeiro refletir claramente sobre a liberdade humana, já que a política é feita de homens, por eles e para eles. Todo governo, não apenas a democracia, é feito de pessoas, por pessoas e para as pessoas. A causa material, o "feito de", a causa eficiente, o "por", e a causa final, o "para", de todos os governos humanos são os seres humanos.

Presumo, portanto, que John Rawls, o mais proeminente filósofo "*liberal*" do nosso tempo, está fundamentalmente errado quando clama por um governo sem qualquer "metanarrativa" ou pressupostos filosóficos sobre a natureza, propósito e destino do homem. Como podemos governar seres humanos se não sabemos o que são e para quê? É como um gestor de zoológico que tenta administrar uma gaiola de macacos sem saber a diferença entre um símio e um crocodilo ou entre um macaco e um homem. (Na verdade, acho que a maioria dos cientistas hoje sabe menos isso do que uma pessoa comum sem instrução. Não menos em seus detalhes, é claro, mas em um "quadro geral", uma "metanarrativa", uma filosofia.) Penso, então, que a famosa passagem do "mistério" proferida pelo juiz Anthony Kennedy não é a mais sábia, mas a mais tola, idiota e até delirante sentença já escrita por um juiz da Suprema Corte: "No coração da liberdade está o direito da pessoa de definir o seu próprio conceito de existência, significado, universo e mistério da vida humana". Isso equivale a dizer ao nosso Criador e Idealizador: "Mova-se, você está sentado no meu lugar".

Gostaria de comparar essa passagem famosa com outra, também popular, escrita por outro notável e influente filósofo amador chamado Benito Mussolini, na qual ele afirma essencialmente o mesmíssimo relativismo moral e metafísico:

> Tudo o que eu disse e fiz nesses últimos anos é relativismo [...], se relativismo significa o desprezo por categorias fixas e pelos homens que se dizem portadores de uma verdade objetiva e imortal [...], então não há nada mais relativista que atitudes e atividades fascistas [...] pelo fato de que todas as ideologias são iguais em valor, que todas são meras ficções, o relativista moderno infere que todos possuem o direito de criar para si mesmos sua própria ideologia e de tentar forçá-la aos outros com toda energia que puder. [16]

Ao comparar essas duas citações eu desafio você a encontrar qualquer diferença significativa entre as premissas, ou visões de mundo, desses dois pensadores; e então lhe pergunto como Kennedy evitaria a conclusão lógica que Mussolini muito racionalmente deriva dessa premissa comum, uma conclusão que Kennedy iria querer evitar. Iria mesmo? A conclusão de Kennedy em *Casey vs. Planned Parenthood* é que, uma vez que o sentido da vida e, portanto, o valor da vida, é relativo, tudo bem matar um ser humano inocente que ainda não nasceu simplesmente porque você não quer que ele viva por motivos pessoais ou sexuais. Mussolini chega exatamente à mesma conclusão sobre seres humanos já nascidos, os quais você não deseja que vivam por razões raciais ou políticas. A semelhança é mais importante do que a diferença. As premissas comuns são mais relevantes do que as conclusões distintas. Pois não há nada a princípio que nos impeça de derivar as conclusões de Mussolini das premissas de Kennedy se nós quisermos.

O que isso tem a ver com liberdade e "*liberalism*"? Para definir "*liberalism*", que trata de liberdade, temos que definir aquilo que detém a liberdade, que é o ser humano. Meu ponto contra Kennedy

e Rawls é que é impossível ter um sistema político, um governo, sem alguma filosofia do homem, quer seja explícita ou implícita, consciente ou inconsciente, racional ou emocional, constitucional ou circunstancial, objetiva ou subjetiva, permanente como uma pedra-de-toque ou mutável como um camaleão, gravada em pedra e em tinta mundo afora como a Bíblia ou sujeita à moda e modismos como as ditadas pela mídia popular e pelos propagandistas políticos.

Portanto, a fim de definir o liberalismo político, precisamos definir a liberdade humana, e para fazer isso, necessitamos conceituar o que é o ser humano — ou, para usar a antiga e inclusiva linguagem, o "homem".

Primeiro, o homem é alma assim como é corpo. O materialismo torna a liberdade impossível. Se o homem não possui uma alma espiritual, não tem liberdade, já que a matéria não detém liberdade. O que queremos dizer com liberdade *não é* a imprevisibilidade, aleatoriedade e indeterminação das partículas subatômicas.

Segundo, se o homem não tem liberdade de vontade, não possui livre-arbítrio, então qualquer liberdade maior é impossível, já que tudo que acontece com ele será imposto por algo interior (hereditariedade) ou exterior (o ambiente), em vez de conquistado por suas próprias escolhas. É como a chamada liberdade de uma bola de *baseball* de cair no chão assim que a mão do defensor externo, a qual interfere em sua queda ao tentar capturá-la, faz malabarismos e a deixa mergulhar. Essa é a única "liberdade" permitida por materialistas como Hobbes.

Terceiro, a liberdade maior, para a qual a liberdade menor do livre-arbítrio é um meio, é a liberdade moral, e não uma liberdade meramente emocional. Não é apenas a libertação da infelicidade, mas da desumanidade, não somente do mal físico, mas do moral também, não só do sofrimento, mas da maldade. O que chamei de liberdade menor, o livre-arbítrio, poderia ser chamado de liberdade

negativa, a libertação *do* determinismo. Aquela maior seria chamada de positiva, a liberdade *para*, a liberdade de atingir o fim e o propósito da sua existência. Santo Agostinho chamou essas duas liberdades de *liberum arbitrium* e *libertas*, livre-arbítrio e liberdade.

No entanto, essa liberdade positiva superior, a de alcançar nosso fim último, não significa nada se não há algo como uma finalidade, nosso real e objetivamente verdadeiro fim. Não apenas qualquer fim subjetivo que queiramos, quer seja a santidade ou o satanismo, a caridade ou o canibalismo.

A questão dos fins é inevitável. Toda associação de seres humanos, desde as alianças pragmáticas de caça aos mamutes peludos até as escolhas filosóficas sobre a constituição de uma nação, devem concordar quanto ao fim da vida humana, pelo menos em parte ou implicitamente. Se o destino do homem é ser comido por mamutes peludos e não ser aquele a comê-los, nós não os caçamos. Se o fim do homem não é descobrir, mas criar seu próprio significado e finalidade, como dizem Kennedy e Mussolini, então nós não escrevemos uma Declaração de Independência que começa com palavras como estas: "Consideramos estas verdades como auto-evidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Para assegurar esses direitos, os governos são instituídos entre os homens".

Esse é o mais famoso e admirado documento da história americana. O segundo é o discurso de Lincoln em Gettysburg. O que ele diz ainda se aplica hoje com tanta urgência quanto na época. Apenas os números mudaram, e a identidade daqueles cuja liberdade está sendo disputada. Então eram os nascidos, agora, são os nascituros:

> Há 87 anos, os nossos pais deram origem neste continente a uma nova nação, concebida na liberdade e consagrada ao princípio de

> que todos os homens nascem iguais. Encontramo-nos engajados numa grande guerra civil, pondo à prova se essa nação, ou qualquer outra nação assim concebida e consagrada, poderá perdurar. [...] Somos nós, os viventes, que devemos nos dedicar [...] à grande tarefa que permanece à nossa frente [...] que nós aqui decidamos cabalmente que esses mortos não morreram em vão — que esta nação, sob a graça de Deus, venha a testemunhar um novo nascimento da liberdade.

A versão original da Declaração de Independência escreveu "propriedade" no lugar de "busca da felicidade". Os Estados Unidos enfrentaram grandes inimigos da liberdade: o comunismo, a escravidão, o aborto. O comunismo negava o direito à propriedade. A escravidão, o direito à liberdade. O aborto recusa o direito à vida. Este último é o mais fundamental de todos, já que uma vez que se nega o direito à vida, todos os demais também são negados. Nós vencemos duas dessas três guerras contra os inimigos da liberdade. Nós acabamos com dois dos três rebatedores do inimigo. O terceiro inimigo — o da mais importante de todas — está se mostrando duro na queda. Se não o derrotarmos, perderemos a guerra inteira. Com nossa liberdade menor, o livre-arbítrio, devemos agora escolher ser contra ou a favor da maior: optamos por Abraham Lincoln ou por Anthony Kennedy? A liberdade historicamente ainda é um bebê, está no processo de vir ao mundo. Escolheremos a morte ou a vida dessa criança? Como você ousa se chamar de "*liberal*" se escolhe a "morte", se se torna um César que abaixa o polegar para esse pequeno gladiador? Qualquer que seja o sentido e o fim da vida humana, quer uma nação tenha que ter uma resposta para essa pergunta ou não, você não pode se chamar de defensor da liberdade se a liberdade que defende é a de que alguns homens roubem, escravizem ou matem os outros. Comunismo, escravidão e aborto negam às suas vítimas a propriedade, a liberdade e a vida. O coração do "*liberalism*" sempre se alia à vítima e não ao algoz. Por favor, seja um "*liberal*". Por favor, tenha um coração.

12
Qual é a chave para uma boa sociedade?

Vamos começar com um pouco de filosofia básica. Um pouco de antropologia filosófica, filosofia da natureza humana.

Certas coisas são completamente naturais ao homem, como a sexualidade, a socialização, a linguagem, a tecnologia e a brincadeira. Outras são artificiais, como as expectativas da sociedade sobre a diferença entre as vestimentas de homens e mulheres, as leis que o Congresso decide decretar, a língua inglesa, o Facebook, o jogo de *baseball*.

Todas as coisas que são naturais ao homem (isto é, que conduzem ao florescimento da natureza humana) são boas. As artificiais, são neutras. Coisas neutras podem ser usadas tanto para o bem quanto para o mal. As que são naturais também podem ser usadas para ambos esses fins, mas também são boas em si mesmas, logo, precisam ser pervertidas antes que possam servir ao mal. Uma arma é neutra, e pode ser usada tanto para um roubo como para impedi-lo, mas a sexualidade é boa em si mesma. É por isso que as suas perversões são ainda mais sérias do que as das coisas neutras. Coisas como sexo, inteligência e livre-arbítrio são ontologicamente muito boas pois foram criadas por Deus como parte da natureza humana, e podem ser moralmente muito boas ou muito más, a depender das escolhas humanas. Podem trazer ganho ou prejuízo imensos para quem as exercita, para o outro e para uma sociedade inteira.

A liberdade e o poder também são moralmente neutros, embora sejam naturais ao homem, não artificiais, e, portanto, ontologicamente bons. A liberdade implica na ausência do

determinismo. Significa quase a mesma coisa que poder. É como um vácuo: a ausência de matéria. Pode ser preenchida com coisas ruins ou boas. É como uma alma exorcizada ou uma casa vazia. O que a torna boa ou má é a qualidade do que você põe dentro, se a pessoa que a utiliza dispõe de uma moral boa ou não. O que faz tanto a liberdade quanto o poder serem coisas do bem ou do mal não é o quanto delas existe. Entretanto, dada uma situação, como quanta liberdade os pais concedem aos seus filhos em decisões sob as quais não têm controle, você pode errar nos dois sentidos, sendo que os erros dependem das circunstâncias particulares, especialmente no que tange o quão moralmente maduras são as crianças.

O governo é um tipo de poder, o qual pode ser incrementado por meio de coisas como tributações, proibições e educação compulsória, ou diminuído, pela concessão de mais liberdade por meio da não mobilização de tais recursos. Como os pais, os governos são bons ou ruins, não porque usam poder de maneira excessiva ou insuficiente, mas porque os indivíduos que estão sujeitos a ele são bons ou maus e usam o poder que lhes é concedido para o bem ou para o mal. No Céu, não haverá necessidade alguma de um governo civil, pois as pessoas serão todas santas e sábias. Em prisões e manicômios, é necessário um nível quase totalitário de governo.

O socialismo é um sistema econômico no qual o governo possui mais poder econômico, especialmente para equalizar as riquezas. O capitalismo é um sistema no qual ele detém menos desse poder e confia no livre mercado.

O socialismo puro é completamente impraticável porque sem a propriedade privada e a capacidade de aumentar o próprio patrimônio, sem a motivação do lucro, a indústria não existe. Se você igualar as riquezas de todas as sete bilhões de pessoas do mundo por meio da força, e manter essa igualdade da mesma maneira, cada indivíduo irá possuir algo em torno de $13.000 e

sempre terá $13.000. O que eles fariam com isso? O que aconteceria amanhã de manhã? Nada. Ninguém contrataria quem quer que seja, porque empregadores devem ter mais riquezas que os empregados. Para que haja qualquer progresso econômico, deve haver expectativa de lucro, e para que isso aconteça, as situações de patrimônio devem ser diferentes.

O capitalismo tanto pressupõe (como causa ou condição prévia) quanto fomenta (como efeito ou resultado natural) a ambição, que é uma forma de desejo. Ela, assim como o poder, é neutra: pode ser boa ou ruim. Podemos ter desejos bons ou maus. Os injustos e sem caridade são maus, os justos e caridosos são bons. Se as pessoas em uma sociedade são mais boas do que más, se seus desejos e ambições forem mais justos e caridosos do que competitivamente egoístas, então o capitalismo irá funcionar para essa sociedade. Na medida em que os desejos das pessoas são maus, ou seja, injustos e egoístas, há necessidade de que a força do governo corrija ou impeça essa situação. Logo, é necessário haver alguns aspectos do socialismo na sociedade capitalista, como no que se refere a assistência em saúde, alimentação, redes de seguridade educacional para os pobres, e imposto de renda graduado, uma vez que, no capitalismo, naturalmente os ricos ficam mais ricos, e se não houver esse tipo de imposto, alguns deles seriam Ebenezer Scrooges e não iriam ajudar os pobres de forma alguma, nem diretamente, pelo auxílio, nem indiretamente (por exemplo, criando empregos para eles).

Quanto mais moral é um povo, menos correções governamentais do livre mercado precisam ser feitas. Em uma sociedade de santos, tais medidas não seriam necessárias, pois a caridade privada voluntária, motivada por um senso de justiça e compaixão, assumiria o controle, e os ricos voluntariamente cuidariam dos pobres. Não os mantendo nessa condição ao chamá-los de vítimas e não exigindo nada deles, como todos os governos socialistas com muita freqüência fazem, mas oferecendo-lhes respostas às suas

necessidades em troca de desafiá-los a ativamente ajudar e trabalhar tanto pelo próprio bem quanto pelo bem comum.

Então a qualidade moral dos indivíduos é a causa mais importante de uma sociedade boa ou de uma sociedade ruim. Qual é a causa mais importante da qualidade moral dos indivíduos? A resposta a essa pergunta é inquestionável. A ciência social de maneira uniforme e massiva nos responde: famílias. Estáveis e amorosas famílias. As crianças aprendem a fazer a escolha fundamental da vida entre serem pessoas boas, ou seja, justas e caridosas, ou más, isto é, egoístas, entre as idades de cinco e doze anos. Essa decisão é determinada por três fatores: por elas mesmas, é claro, já que possuem livre-arbítrio; por seus amigos e, ainda mais, suas influências sociais; e, mais ainda, por seus pais. Digamos que é 10% livre-arbítrio, 20% amigos e sociedade, e 70% os pais.

As quatro sociedades mais felizes, prósperas, pacíficas e estáveis da história tinham todas duas características proeminentes: eram muito afeitas à moral — nós as chamaríamos de "moralistas" — e tinham uma consideração muito elevada pelas famílias. Elas eram os hebreus, os confucionistas, os islâmicos e os romanos. Elas duraram 3.500, 2.100, 1.400 e 700 anos, respectivamente. Estavam longe de ser perfeitas, mas foram notavelmente mais bem-sucedidas e estáveis do que quaisquer outras na história.

Essas quatro sociedades também foram fundadas sobre quatro religiões: o judaísmo, o confucionismo, o islamismo e o politeísmo romano. A religião sempre foi o indicador moral mais forte do mundo. Esse é simplesmente um fato empírico. Os agitadores anti-religiosos que o negam estão apenas sendo desonestos. Todo mundo sabe que isso é uma verdade, e eles também, mas a encobertam, mentem sobre ela. Provavelmente, primeiro o fazem para si mesmos antes de mentir para você. As estatísticas provam esse fenômeno, mas você não precisa delas. Todo mundo sabe disso. Se você estiver andando sozinho por uma rua escura de noite, vir um grandalhão se aproximando e perceber que há algo

em sua mão que você não sabe o que é, o que acontece com o seu medo de ser ferido quando chega perto o suficiente para ver que é uma Bíblia? Então, a família e a religião são as duas causas principais de um indivíduo ser moralmente bom, e indivíduos assim são a principal causa de uma boa sociedade. Logo, as duas causas cruciais do bem comum são a moral e a religião.

Quod erat demonstrandum.

13
Dezessete liberdades

Toda liberdade é uma liberdade negativa. É sempre a libertação *de* algo que se deduz ser ruim. No entanto, já que a liberdade em si mesma é apenas negativa, esse termo não nos revela o que substitui esse algo mau. Pode ser bom ou não, melhor ou pior.

Assim, há liberdades enganadoras, falsas, a libertação de coisas *boas* — por exemplo, a anarquia, que é o livramento das regras, ou a ausência de leis, e a irresponsabilidade, que é a evasão da responsabilidade.

Há a liberdade física (a qual é a única espécie, segundo materialistas como Hobbes), que é simplesmente a de ir e vir. Meteoros a possuem até aterrissarem, e as bolas até serem pegas.

Temos a liberdade médica, ou a saúde, que é a libertação da doença. Existe também a liberdade neurológica, que é o conforto ou livramento da dor ou do sofrimento físico.

Há a liberdade militar, a paz, que é livrar-se da guerra, ou a vitória, que é ver-se livre da derrota.

Há a liberdade econômica pessoal, que é a libertação da pobreza. Também existe a pública, que é o livre comércio, a economia de livre mercado.

Existe a liberdade emocional, que é a felicidade ou estar livre da depressão e do sofrimento emocional.

Também há a liberdade psicológica, ou livre-arbítrio, que é a libertação do determinismo. Essa é inextirpável, mas é passível de ser diminuída pelo determinismo intrínseco aos vícios.

Não somos todos viciados em cocaína, mas somos egoístas adictos e viciados em pecado. Logo, nosso livre-arbítrio, ainda que inviolável, é vulnerável.

Há a liberdade religiosa, ou salvação, que é a libertação do pecado (isto é, a santidade), e da culpa e punição que o acompanham.

Também existe a liberdade religiosa política, que é a liberdade de praticar a sua religião sem a interferência do governo, *status* de ilegalidade, multas ou perseguição. Ela hoje está sob ataque de variadas e significativas formas em todo país do mundo exceto o Vaticano.

Há a liberdade intelectual, a libertação da ignorância. Ela é chamada de conhecimento ou sabedoria.

Existe a liberdade moral, que é a santidade, ou ser livre dos vícios. Está intimamente relacionada com a liberdade religiosa ou a salvação dos pecados, mas "pecado" é um "vertical", uma palavra religiosa, enquanto "vício e virtude" não se referem explicitamente à dimensão vertical, à relação com Deus.

Também existe a liberdade escatológica, que é a libertação do Inferno, da morte eterna.

Há a liberdade ontológica, ser livre da destruição da própria existência — em outras palavras, a imortalidade.

Temos a liberdade pessoal, que é o livramento da escravidão, de ser uma propriedade em vez de uma pessoa.

E há a liberdade política, que é ser liberto ou estar livre da tirania.

Use essas distinções como quiser, mas use-as.

14
Quatro confusões a respeito da liberdade

A atitude da nossa cultura em relação à liberdade é irônica e paradoxal. Pois nós a valorizamos imensamente, mais do que nunca na história, e ainda assim sentimos, lá no fundo, que a possuímos menos do que antes, menos do que nossos "pais fundadores".

Há um paradoxo paralelo no que diz respeito ao poder. Por causa dos nossos espetaculares sucessos tecnológicos, temos muito mais poder sobre a natureza do que nossos antepassados, e mesmo assim nos sentimos mais e mais impotentes. Seríamos menos capazes de sobreviver a uma catástrofe como um inverno nuclear do que nossos ancestrais. Entre nós, os menos "avançados" — fazendeiros, camponeses, escoteiros, aqueles que vivem hoje como nós vivíamos há séculos atrás — sobreviveriam com mais facilidade.

O que explica o paradoxo? Consideremos uma hipótese, um experimento de reflexão. Suponhamos que essa liberdade tenha se tornado nosso viciante ídolo. Todos os ídolos quebram, e todos os vícios cegam, mesmo que os ídolos nos quais nos viciamos estejam quebrando. Talvez sejamos o Gollum, e a liberdade seja o nosso Anel. Ele é chamado de "Anel do Poder", é claro, e não "Anel da Liberdade", mas liberdade, afinal, é quase a mesma coisa que poder. Você não é livre nem poderoso se é pobre, paralítico, oprimido, escravizado, aprisionado, tiranizado, acorrentado, ignorante, doente, em grande dor ou morto. Todo mundo repete o que Lorde Acton disse sobre o poder corromper, por que ninguém nunca diz a mesma coisa sobre a liberdade? Poderia a nossa confusão acerca da liberdade derivar do nosso vício por ela? Ou poderia a causalidade se dar nos dois sentidos? Qualquer que seja o caso, estamos confusos quanto à liberdade. Já que eu sou um garoto de programa intelectual, isto é, um filósofo profissional, ou um "professor" de filosofia, tentarei resolver essa confusão.

Estamos confusos pelo menos de quatro maneiras distintas acerca da liberdade, sobre quatro distinções diferentes que se relacionam com ela. Irei listar tais distinções em ordem: começando com a que é mais concreta e, portanto, mais fácil de compreender e concordar com ela, seguindo para a mais abstrata, e que por isso é mais difícil de enxergar e aceitar. São elas: A distinção entre a Igreja e o Estado enquanto instituições públicas e visíveis e, assim, entre a liberdade religiosa e a liberdade política.

A distinção entre os setores privado e público da vida e a conseqüente diferença entre a liberdade privada e a liberdade pública.

A distinção entre pessoas e idéias ou sujeitos cognoscentes e objetos mentais, entre pensadores, que são livres, e pensamentos, que não o são; e A distinção de três tipos diferentes de liberdade, a saber: a liberdade positiva, aquela que é para algo em vez da liberdade vinda de algo, a liberdade teleológica — a que Santo

Agostinho chamou de *libertas* (liberdade) — que é a libertação de falhar na conquista do nosso fim ou destino intrínseco e natural, bem-aventurança, felicidade, florescimento, realização, perfeição, e bem maior (para os cristãos, judeus e muçulmanos, isso significa a libertação do pecado); livre-arbítrio ou livre escolha — o que Santo Agostinho chamou de *liberum arbitrium* — que é a libertação do determinismo; e a liberdade política, que é ser livre da tirania, opressão, escravidão, quer do Estado ou dos donos de escravos privados.

Começo com a mais clara e institucionalmente concreta das minhas quatro distinções: o que chamamos hoje de "separação entre Igreja e Estado" enquanto instituições visíveis.

A idéia não era muito popular até o século XVII, quando se tornou quase necessária à sobrevivência da civilização ocidental, já que quanto mais lutávamos guerras com paixão religiosa, mais elas se tornavam guerras totais. Porque nada meramente terreno ou secular, nem mesmo a sobrevivência, poderia superar a vontade de Deus enquanto um absoluto.

A solução foi posta em prática de maneira mais notável na Paz de Westfália, a qual pôs um fim na Guerra dos Trinta Anos, uma guerra entre católicos e protestantes que foi a mais traumática e devastadora da história da nossa cultura. Em algumas regiões da Alemanha, um terço da população civil foi dizimada. A Paz de Westfália instituiu a liberdade de escolha religiosa para os principados, e depois a estendeu para os indivíduos.

Quase todas as pessoas hoje concordam que tal solução foi boa e que a politização da religião era algo ruim. Olhando para as conseqüências das nossas próprias guerras religiosas pregressas e a atual guerra muçulmana tanto contra os não-muçulmanos quanto contra os muçulmanos "heréticos", a vasta maioria do Ocidente hoje concorda que essas guerras são muito ruins para ambas, política e religião. Pessoas de fé estão de acordo que fazer da

religião algo político a prejudica, e as que não o são concordam que colocar a religião na política faz mal para a mesma. Então, as duas partes consentiram a um divórcio, ou pelo menos a uma separação.

No entanto, uma conseqüência desse acordo foi a confusão entre duas distinções: a entre a Igreja e o Estado, e a entre o setor público e o privado. Ao confundir e fundir essas duas distinções, "a separação entre a Igreja e o Estado" se tornou a privatização da religião, a remoção das vozes religiosas do que o Pe. Neuhaus chama de "a praça pública nua", a tal ponto que é ilegal rezar, mas não é blasfemar, em escolas públicas, expor os Dez Mandamentos em terrenos ou edifícios públicos, contrapor motivos religiosos a políticas públicas relativas à verdadeira religião da América, que é a autonomia sexual. Tornou-se um ilegal "discurso de ódio" confessar em público que você acredita em pelo menos uma coisa da Bíblia, como a condenação da sodomia. Na Inglaterra, aqueles que acreditam nisso não podem adotar crianças ou mesmo acolhê-las. Assim, não apenas *comportamentos* públicos como *crenças* privadas (pelo menos sobre esse assunto querido) estão se tornando ilegais. No Canadá, agora é proibido dizer que existem somente dois gêneros ou mesmo usar as palavras "mãe" e "pai" em documentos públicos. Não estamos mais caminhando na direção do *Admirável mundo novo*, já estamos nele. Isso não é a separação entre a Igreja e o Estado, é o exato oposto: a institucionalização de uma nova igreja, ou uma anti-igreja.

Isso não é tolerância com o pluralismo ou liberdade religiosa, é exatamente o contrário: é intolerância com a pluralidade e com a liberdade religiosa. A liberdade de religião foi restringida pela demanda de libertação da religião. As duas partes da primeira emenda da Constituição dos Estados Unidos foram colocadas uma contra a outra, e a cláusula de "não estabelecimento de uma religião" está sufocando a de "livre exercício".

Isso aconteceu porque a distinção entre a Igreja e o Estado foi confundida com a distinção entre os setores público e privado da

sociedade, o que é claramente falacioso. A religião não pode ser identificada ou limitada ao âmbito privado, pois ela exige um testemunho público, tanto em palavras ("evangelização") quanto em ações ("justiça social").

Tal confusão entre a distinção número um (Igreja e o Estado) e a número dois (público e o privado) é baseada em um terceiro equívoco, o qual se relaciona com uma terceira distinção, que também diz respeito à liberdade. Essa é a distinção abstrata e filosófica, porém prática e crucial, entre pessoas e idéias.

As pessoas que se chamam de "progressistas" ou "de esquerda" tendem a tratar idéias (pelo menos aquelas exteriores à ciência, especialmente as morais a respeito de sexo e as idéias religiosas que se relacionam com elas) como subjetivas e com ceticismo. Subjetivismo e ceticismo não são a mesma coisa, pois o primeiro diz que ninguém pode ser tido como errado, e o segundo que ninguém pode saber que está certo. Entretanto, ambos servem aos mesmos deuses da "igualdade" e do "não julgamento". Progressistas são, na verdade, bastante julgadores sobre o "julgamentalismo" dos conservadores. "Não ouse ser dogmático", dizem, dogmaticamente.

Isso é obviamente autocontraditório. "Não julgue idéias" é uma idéia. "Não julgue idéias morais" é uma idéia moral. "Não faça reivindicações universais" é uma reivindicação universal. "Não há metanarrativas" é uma metanarrativa.

Todavia, alguns dizem que a própria lógica é apenas uma invenção dos homens brancos heterossexuais religiosos europeus para oprimir os Democratas.

A sabedoria tradicional ("conservadora") nos diz que devemos ser tolerantes com as pessoas, até as estúpidas e perversas, mas intolerantes com idéias e comportamentos que possuem tais qualidades. Amar os pecadores, mas odiar o pecado. Na verdade, todo o motivo para odiar o pecado é o amor pelos pecadores, assim

como a razão pela qual um cirurgião odeia o câncer é o seu amor pela saúde de seu paciente.

Todas as três maiores autoridades cristãs nos ordenam a ser "julgamentais". São Paulo nos diz: "Examinai tudo: ficai com o que é bom" (1Ts 5, 21). São Pedro nos convoca: "Estai sempre prontos a responder para vossa defesa [...] a razão de vossa esperança" (1Pe 3, 15). E se vamos fazer a defesa de nossa esperança, primeiro temos que ter uma, e para tanto, precisamos encontrá-la, e para isso, é necessário buscá-la, de um modo crítico e "judicativo". Finalmente, o próprio Cristo nos diz para sermos mentalmente fortes assim como ternos de coração, para sermos "prudentes como as serpentes" e "simples como as pombas" (Mt 10, 16).

No entanto, o que nossa confusão atual tem forjado é a completa inversão disso. "Examinai tudo: ficai com o que é bom" se transformou em "Abrace apenas não abraçar coisa alguma, mas não examine essa idéia"; "Faça a defesa da esperança" se tornou "Não espere nada da razão que não seja científico"; e "Sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas" agora é "Sejam prudentes como as pompas (arrulhe) e simples como as serpentes (sibilando naquela "cesta de deploráveis").

"Quem sou eu para julgar?" foi transferido de seu objeto próprio, as pessoas, para um objeto impróprio, as idéias e ações.

Até agora, isso se estendeu apenas às coisas almejadas pela revolução sexual. Entretanto, é inevitável que esse relativismo moral se alastre dos órgãos sexuais para outros, já que os órgãos da alma, assim como os do corpo, se relacionam entre si por uma unidade orgânica.

Essa terceira confusão, aquela entre os três tipos de liberdade, trata-se essencialmente da relação entre a liberdade e a verdade. A modernidade exige a libertação da moral e da verdade religiosas antes que a liberdade para buscá-las. A verdade foi transformada

em algo relativo à liberdade no lugar de a liberdade ser relativa à verdade. Não é mais a verdade que libertará você, mas é a liberdade que produzirá a verdade. Os meios e o fim, o relativo e o absoluto, o humano e o divino, essas coisas trocaram de lugar. O Papa São João Paulo II diagnosticou essa doença há muito tempo, na *Veritatis Splendor*, que é a segunda encíclica papal mais detestada do nosso tempo, depois da *Humanae Vitae*. Na verdade, ela foi odiada precisamente porque dava suporte ao princípio filosófico que está por trás da *Humanae Vitae*. Pois para relativizar a moral sexual, é necessário relativizar a verdade moral em geral. Contudo, para fazer isso, algo positivo deve atrair esse planeta errante para longe do sol da verdade. Qual melhor segundo sol que a liberdade? Hoje, a liberdade supera a verdade. É por isso que subitamente abraçamos não apenas a insanidade de chamar o assassinato dos nossos nascituros de "escolha" e a sodomia de "casamento", mas também o direito de um homem ser uma mulher, e ser tratado como uma, simplesmente porque ele quer. Afinal, no coração da liberdade está o direito de cada homem, e não Deus, de determinar o sentido da vida e o mistério da existência.

Eu distingui três tipos de liberdade: a política, o livre-arbítrio, e a teleológica. A maioria das pessoas que não são sociólogas ainda acredita no livre-arbítrio, e a maior parte aceita a existência da liberdade política. Entretanto, a liberdade mais importante de todas é a que sofreu a negação mais disseminada. Essa é a liberdade para nos tornarmos aquilo que devemos e somos destinados a ser. Pois "aquilo que devemos ser" não é mais amplamente entendido como qualquer coisa além do que aquilo que nós mesmos achamos que deveríamos ser. Para a mente moderna, não se trata de uma realidade objetiva. A linha de chegada é concebida pelos corredores. Não podemos mais invocar a natureza ou o seu Deus como fontes de qualquer fim natural. Para ser direto, nós internalizamos a essência do primeiro pecado de Satanás, que não iria servir, apenas comandar, quem insistiu na liberdade última, a de agir como se fosse Deus. Os gregos da Antigüidade nomearam aproximadamente cinco deuses, os romanos, cinco mil, os budistas

tibetanos, nove milhões, mas os americanos são o povo mais politeísta da história: nós nomeamos 330 milhões de deuses.

Isso não é um dos três tipos de liberdade verdadeira distinguidos acima. É uma quarta, que é falsa, a liberdade de ser Deus. Essa é a raiz da nossa insanidade. Nós exigimos ser nossas próprias autoridades porque demandamos a identidade de autores das nossas próprias existências e sentidos. Contudo, uma vez que podemos atuar como Deus, somos capazes de jogar qualquer jogo: a superioridade ariana, transumanismo, transgenerismo, consumismo, sexismo, espiritualismo, materialismo, panteísmo — qualquer um mesmo. Quem sabe o que as modas do futuro irão nos oferecer? Podemos cair em qualquer propaganda. E a publicidade, a profissão mais antiga do mundo, foi inventada você sabe onde, por você sabe quem, você sabe quando: "Serão como deuses".

Quão ruim pode ficar? Leia *Admirável mundo novo* para saber. Quanto tempo pode durar? Felizmente, não muito. A insanidade não é favorecida pela seleção natural.

15
O AGNOSTICISMO NA RELIGIÃO É O POSICIONAMENTO PADRÃO?

Pediram-me para falar sobre o tema: "O agnosticismo ou o ceticismo, no que diz respeito às questões religiosas, são a única posição razoável e/ou honrada?".

Começo propondo duas pequenas mudanças nesse título: Acredito que deveríamos eliminar os dois "ou". Primeiro, vamos

dizer apenas "agnosticismo" em vez de "agnosticismo ou ceticismo", por três motivos, cada um deles fortalecendo a resposta afirmativa para a nossa questão, a qual tentarei refutar. Afinal, não quero atirar em um alvo fácil.

Primeiramente, "ceticismo" é uma conclusão, os finalmentes de um debate sobre epistemologia. É uma doutrina, a de que a certeza é impossível — enquanto o agnosticismo é apenas uma atitude pessoal, somente uma postura inicial e, esperamos, provisória, e assim, mais fácil de defender.

Segundo, o ceticismo tem o problema de aparentemente ser autocontraditório em todas as suas formas: é verdade que não existe verdade? É certo que não existe certeza? É um absoluto que não há absolutos? É objetivamente verdadeiro que a verdade não é objetiva? Terceiro, o "agnosticismo" é geralmente associado apenas à religião, enquanto o "ceticismo" não é tão limitado e, portanto, é mais difícil defendê-lo pois ele é mais geral.

Também gostaria de remover o segundo "ou" e dizer "razoável *e* honrada" em vez de "razoável *ou* honrada", para que possamos responder a duas questões em vez de uma: o agnosticismo é razoável de um ponto de vista intelectual e honrado de um ponto de vista moral? Esses são dois bons motivos para o agnosticismo, não apenas um. De novo, eu quero me deparar com a posição mais forte, não a mais fraca. Permitam-me dizer logo de cara que eu acho que o agnosticismo *parece* ser tão razoável quanto honrado, mas que depois de uma análise cuidadosa, não é. Darei explicações para as duas opiniões: primeiro, por que ele parece ser assim, segundo, por que não é, ou seja, a minha posição.

O agnosticismo parece ser a única posição razoável e honrada porque aparenta seguir da premissa com a qual quase todo mundo concorda: a de que devemos ter mentes abertas e sem preconceitos em nossa busca pela verdade em qualquer matéria, incluindo a religião.

Essa postura é tanto razoável quanto honrada porque é ao mesmo tempo um imperativo hipotético e um categórico, ou seja: é um valor prático, pragmático, ou instrumental enquanto meio mais eficiente para atingir o fim de encontrar a verdade; assim como é um valor moral, um dever, porque deriva da "regra de ouro", já que nós sempre desejamos que os outros pratiquem a abertura intelectual tanto com relação a nós quanto com relação à realidade objetiva.

Essa posição também dispõe, aparentemente, de três pensadores muito sérios e inteligentes para defendê-la: Sócrates, Descartes e Clifford (o filósofo de Oxford, não o cachorro vermelho gigante).

Sócrates é o modelo de filósofo ideal para praticamente todo mundo, e ele sempre seguia o argumento para onde quer que ele o levasse. Ele perseguiu não a vitória pessoal, mas a verdade. Embora tivesse opiniões definidas, sempre dispunha de fortes justificativas lógicas para elas. Sócrates questionava todas as idéias, e o questionamento é uma expressão de agnosticismo, uma vez que questionamos o que *não* conhecemos, e "agnosticismo" literalmente significa "não-conhecer". Como todos vocês sabem, ele foi proclamado sábio pelo oráculo de Delfos porque apenas ele sabia que *não* era sábio. Assim como Jesus dividiu as pessoas entre pecadores que acreditavam ser santos e santos que se viam como pecadores, Sócrates as separou entre tolos que pensavam ser sábios, e sábios que se sabiam tolos.

Segundo, em seu *O discurso do método*, o livro que deu à luz a filosofia moderna, Descartes formulou um método de quatro passos que parece ser ideal para um pensamento honesto e sistemático sobre qualquer coisa, e sua primeira e mais importante regra é praticar a dúvida universal e metódica. Se começarmos com ela, podemos acabar na certeza, mas se iniciamos pela certeza, provavelmente terminaremos na dúvida. As *pessoas* deveriam ser tratadas como inocentes antes que se prove o contrário, mas as *idéias* devem ser tratadas como culpadas, ou seja, falsas, até que se

prove que são inocentes, isto é, verdadeiras. Essa regra, mais do que qualquer outra coisa, foi responsável pelo fato de que a ciência moderna seja mais bem sucedida do que qualquer ciência pré-moderna. Caso deseje pensar cientificamente, a autoridade de Aristóteles, dos teólogos que não conheciam a ciência, ou mesmo do senso comum não devem estabelecer que idéia alguma seja falsa ou verdadeira. Elas devem ser testadas pela dúvida e pela experimentação. Nas ciências empíricas, isso quer dizer experimentos empíricos, na filosofia, quer dizer experiências com o pensamento.

Finalmente, a regra de Clifford estabelece que nós devemos sempre atribuir crédito a uma idéia proporcionalmente às evidências que ela oferece, e que é, sem exceção, moral e intelectualmente sempre errado aceitar uma idéia que disponha de evidências insuficientes. A prova conclusiva de qualquer idéia é uma justificativa racional suficiente para acreditar nela, enquanto a contraprova autoriza a sua rejeição.

A evidência provável legitima uma crença possível e provisória, a contra-evidência provável permite uma rejeição também transitória. A falta de evidência, ou a existência equitativa das que são favoráveis e contrárias, implica na suspensão do juízo, ou o agnosticismo.

Tome esse princípio como uma premissa maior, acrescente a ela aquela menor de que no geral há boas evidências tanto contra quanto a favor das idéias religiosas essenciais tais como a existência de Deus, a imortalidade da alma, ou a veracidade da experiência mística, e logicamente se segue que deveríamos ser agnósticos sobre essas idéias.

Que o agnosticismo seja o posicionamento padrão, portanto, parece ser quase auto-evidente. Por que deveríamos duvidar disso? Primeiro, é claro, porque tanto Sócrates quanto Descartes e Clifford me incitam a duvidar de tudo e, portanto, duvidarei deles também.

Nenhuma pergunta deveria ser proibida. Exigir comprovação científica de *todas* as idéias até parece algo autocontraditório de uma perspectiva lógica, já que não há provas científicas para *isso*. O mesmo se aplica se falarmos sobre provas no geral: não há provas para a proposição de que todas as proposições devem ser provadas. É apenas um postulado prático, e postulações opostas não refutam uma à outra como as proposições contraditórias fazem.

No entanto, há outros motivos específicos e positivos para sermos agnósticos com o agnosticismo além do mero problema da auto-referência lógico-formal.

Examinemos nossas três autoridades mais cuidadosamente. Sócrates era o grande inimigo dos sofistas, e eram eles os agnósticos, assim como os céticos, enquanto Sócrates estava bastante *convicto* quanto a pelo menos algumas coisas muito importantes, e a maioria delas eram religiosas. As três mais importantes dessas idéias eram: primeiro, a veracidade e a confiabilidade do oráculo de Delfos e seu próprio "daimon", sua "divina voz interior", dos quais ele nunca duvidou, mesmo quando lhe comunicaram coisas muito estranhas e aparentemente irracionais; segundo, a certeza, afirmada duas vezes na *Apologia*, que "nenhum mal jamais poderia acometer um homem bom, quer nesta vida, quer na próxima", já que o eu verdadeiro é a alma e que seus males, que são a loucura e o vício, provêm de dentro e não de fora; e terceiro, que a causa do mal é sempre a ignorância: sobre si mesmo, sobre o fato de que o que você sempre quer, a felicidade, nasce apenas da virtude, que é o cuidado pela alma, que por sua vez é o eu verdadeiro. Sócrates era agnóstico em relação ao nome e à natureza de Deus, mas não quanto à sua existência. Tampouco era agnóstico quanto ao bem ou fim último da vida humana, ou quanto ao dever de todos de serem virtuosos. Na verdade, uma agnóstica como Edith Hamilton ficou tão transtornada com o Sócrates do *Górgias* que lançou mão do seu pior insulto possível: ela o chamou de "um evangelizador".

Quanto a Descartes, ele mesmo diz no *Discurso do método* que sua metodologia científica se aplica somente à ciência e à filosofia, não à vida e à religião, e que deve ser praticada somente por uns poucos, e não pela maioria. Usar o método científico no seu cônjuge ou em Deus não seria apenas inapropriado mas ofensivo, e o resultado disso não seria a descoberta de novas verdades mas uma legítima rejeição.

Por fim, a regra de Clifford encontra-se no mesmo barco que a de Descartes: é impraticável fora do laboratório ou da biblioteca. Nenhuma amizade poderia ser estabelecida, muito menos um casamento, se não dispomos de juízos prévios a favor de nossos amigos ou cônjuges. Então a lei de Clifford implicitamente pressupõe que a religião é mais parecida com a ciência do que com um casamento ou uma amizade, que ela lida com idéias abstratas, e não pessoas, que Deus não é uma Pessoa mas um Princípio, e assim ela presume de maneira implícita a falsidade da reivindicação da religião, a de que Deus se oferece na amizade e no matrimônio espiritual, e que a resposta adequada a essas coisas é a confiança pessoal em vez da curiosidade científica. Essa suposição tem um nome, chama-se ateísmo. E é difícil negar que ela tenha seus preconceitos.

Quando abordamos qualquer sujeito de mentalidade aberta, por exemplo, ao lermos um livro escrito por outra pessoa, o primeiro princípio essencial é ouvir, abrir nossas mentes aos pensamentos do autor antes de julgá-lo. Logo, precisamos ouvir a religião antes de emitirmos um juízo a seu respeito. Precisamos deixar que um livro religioso como a Bíblia ou o Corão fale conosco antes de falarmos com ele. É sempre errado interpretar um livro pelas suas próprias crenças e princípios, você deve tentar interpretá-lo segundo os do autor! Aqui eu simplesmente suponho que o desconstrucionismo está desastrosamente errado quando afirma que isso é impossível. Na verdade, embora eu possa debater com qualquer pessoa, até um nazista ou um torcedor fanático do New York Yankees, eu não vou discutir com um desconstrucionista,

porque o primeiro e mais mínimo requisito para um debate honesto, a crença e o desejo se se chegar a uma verdade objetiva, é deliberadamente impossibilitado pela própria essência do desconstrucionismo.

Os acadêmicos tendem a ser os piores transgressores de tal regra da escuta. A maioria dos livros de poesia são escritos por autores que têm pouco ouvido para o gênero. A maior parte dos filósofos que escrevem sobre o humor aparentemente não tem o menor senso para ele. Falta-lhes visão interior, ouvidos para ouvir. Com freqüência, o mesmo fenômeno é verdadeiro para a religião.

Darei ouvidos a um ateu que tenha escutado atentamente aquilo que ele não acredita. Se, por exemplo, uma pessoa como Freud me disser que pensa que o cristianismo é uma forma de insanidade, o maior delírio coletivo ou esperançoso conto de fadas compartilhado do pensamento mundial, e depois o explicar por um motivo humano poderoso como o medo, eu ouvirei com interesse e respeito. Se ler alguém como Samuel Beckett, que tenha um profundo e macabro senso de humor metafísico sobre a ironia de se esperar quem não vem nem volta como Godot, irei rir com ele, ou talvez dele, mas certamente rirei com prazer. Caso leia um autor como Camus agonizando sobre o dilema de que o sentido da vida é ser um santo, mas você não pode ser santo sem Deus e, no entanto, Ele não existe, irei ouvir com profunda solidariedade. Se ler a raiva de um Ivã Karamazov no que tange à permissividade com a qual Deus governa esse mundo horrível, irei admirá-lo imensamente. No entanto, se alguém me falar que a religião é apenas um sistema de platitudes e moralismos, não jogarei minhas pérolas aos porcos, farei ouvidos moucos porque ele o fez para o objeto de sua afirmação. Ele não ouviu. Se essa coisa não é verdadeira, se trata-se da maior, mais astuta e enganadora mentira de todas, então a vasta maioria de todos os seres humanos que já viveram foram, francamente, loucos, porque Deus não é nada além de um “Harvey” de Jimmy Stewart, um coelho invisível de quatro

metros de altura que um adulto sensato toma como central na própria vida.

Todos concordamos, espero, que a honestidade é um absoluto moral. (Se você não concorda, por favor, acompanhe os desconstrucionistas e os ateus das "platitudes e moralismos" até o chiqueiro enquanto o resto de nós discutimos na joalheria se as pérolas que estamos examinando são falsas ou autênticas.) A honestidade é um *motivo*. Então devemos explorar quais motivos estão por trás do agnosticismo e da crença religiosa, tanto quando abraçada pela primeira vez, na conversão, quanto quando é mantida frente às dúvidas e questões posteriores.

Não sugiro uma única resposta para essa pergunta. Apenas proponho que ela seja feita com seriedade. Ela só pode ser respondida por cada um individualmente, é claro. Então me dirijo apenas a você, o indivíduo. Ninguém mais está nessa sala agora, estamos só nós dois. Você realmente tem uma mente aberta, de verdade? Realmente quer ter uma, totalmente aberta? Ou você quer vencer o debate e parecer mais esperto que o seu oponente? Está disposto a olhar seriamente as evidências contrárias ao seu posicionamento? Você investiu bastante tempo e esforço em ouvir o seu adversário, mesmo que ele seja uma pessoa crente ou não? Quantas pessoas assim você conhece, pessoalmente? Com que freqüência fala sobre religião com elas? A religião deve ser, ou a verdade mais importante do mundo, se for verdadeira, ou a maior ilusão de todas, caso seja falsa, uma vez que ela foi o centro do maior número de vidas humanas, mais do que qualquer outra coisa na história. Não se importar com o fato de se tratar de uma verdade ou uma mentira certamente não é ser honesto ou mente aberta.

Assim, aquele que crê deve ler os grandes ateus: Voltaire, Nietzsche, Sartre, Russell, Camus e Beckett. Aquele que não, deveria ler os grandes teístas: Santo Agostinho, São Tomás de

Aquino, Pascal, Dostoiévski, Kierkegaard e C. S. Lewis — e não nos esqueçamos de Jesus.

Aquele que crê deve rezar: "Deus, se você não é o que penso que é, por favor, não me deixe persistir na minha ilusão, porque quero, acima de tudo, conhecer a verdade. Não quero acreditar em Papai Noel, ainda que essa crença tenha me feito mais feliz e bom a cada celebração natalina. Minha mente é forte. Eu posso agüentar", e seria bom que rezasse isso com freqüência.

Aquele que não crê deveria rezar assim: "Deus, se o senhor realmente está aí, por favor, me corrija e convença, porque eu quero, acima de tudo, conhecer a verdade. Se o senhor é real e me ama, não me deixe perdê-Lo", e também rezar isso freqüentemente. Porque um agnóstico, por definição, embora seja uma pessoa que não crê, não é mais ateísta do que teísta. Ele não acredita nem que Deus *não está* lá nem que *está*. Se há a menor chance de Deus existir e você não rezar essa oração agnóstica, se não realizar esse experimento importante, se não buscar, ou você não é um agnóstico, mas um ateu, ou não é honesto e aberto, mas tem pavor de encontrar Deus e desejar profundamente não tê-lo feito. Ou então você não tem auto-estima ou um módico amor por si mesmo e pela sua vida. Pois se você herdou a escritura de uma mansão multimilionária e sequer se dá o trabalho de examinar esse documento para descobrir se ele é autêntico ou falso, então você claramente nem se interessa por viver uma vida mais próspera.

Pois apenas considere o que está sendo prometido pela religião. Não é uma mera mansão e seguro contra incêndio eternos. É um infinito, incompreensível, inimaginável êxtase, um orgasmo espiritual, algo em vista da qual as maiores alegrias terrenas são apenas sombras e aperitivos, é algo que satisfaz a fome mais profunda do seu coração por felicidade e a avidez mais desmedida da sua mente por compreensão. É a Face e a Mente do Criador, o Autor da peça que estamos encenando agora, a que chamamos de vida humana.

Pascal diz que há apenas três tipos de pessoas: as que buscam a Deus e o amam; as que o procuram, mas não o encontraram; e os que nem o buscam, nem o encontram. Os primeiros, diz ele, são razoáveis e felizes: razoáveis porque buscaram e felizes porque acharam. Os segundos, racionais, porém infelizes: racionais porque procuraram, mas infelizes porque não encontraram. Os terceiros não são apenas infelizes como também são irracionais, pois não buscam. Não há uma quarta classe, aqueles que encontram sem procurar.

A linha divisória mais fundamental, para Pascal, não está entre os que acreditam e os que não acreditam, entre aqueles que encontraram a Deus e os que não o encontraram. Está entre os que procuram e os que não o fazem, porque isto é o que divide os honestos dos desonestos, os que dispõe de uma mente aberta e os que possuem uma fechada, os que se importam com a verdade e os que não se importam. E Pascal sugere que essa também é a linha que separa o Céu do Inferno. Porque a autoridade suprema para Pascal, a qual ele acreditava ser o próprio Deus encarnado, prometeu que todos os que buscam em algum momento hão de encontrar, o que implica em que os que não procuram, estes jamais encontrarão. É óbvio que Jesus estava falando de buscar e encontrar a Deus, e nada mais.

Em suma, eu não discordo inteiramente do entendimento de que o agnosticismo deveria ser o posicionamento padrão. Ele é o posicionamento padrão correto para alguns, no início, pelo menos: para aqueles que nunca acreditaram ou nunca receberam ensinamentos a respeito da religião.

No entanto, não é uma posição inicial boa para aqueles aos quais *foram* oferecidos ensinamentos, que um dia acreditaram e ainda possuem alguns bons motivos para fazê-lo. Para esses, *acreditar* é o posicionamento padrão, assim como o casamento é a posição para aquele que é casado, ainda que de uma maneira infeliz e sem convicção, e a amizade é a postura de base para os amigos, mesmo

que estejam brigados. Pois as pessoas, diferentemente das idéias, devem ser tratadas como inocentes até que se prove o contrário.

O agnosticismo pode ser um posicionamento inicial bom apenas temporariamente, não para sempre, já que não existe um "para sempre" nesta vida. Há apenas tempo finito. Estamos, como Pascal diz, "embarcados", e o combustível do nosso navio é finito. Recusar-se a levá-lo para o porto do teísmo ou do ateísmo por falta de certezas ou de garantias é garantir que com certeza terminaremos em fracasso. O agnosticismo só pode ser temporário. Esperar até que haja evidência absoluta para poder dizer sim ou não na religião, enquanto distinta da ciência, é como aguardar até que Romeu prove que você deve fugir com ele e respondê-lo a cada dia, nem sim, nem não, mas "espere". Você irá esperar para sempre, pois amantes não fazem propostas de casamento por meio de experimentos de laboratório ou silogismos.

Eles dizem apenas duas coisas: "eu te amo", e "eu dou a minha palavra de que você pode confiar em mim". Essas são precisamente as duas coisas que o Deus das três religiões abraâmicas nos diz.

Porém, talvez não haja Deus, nem Romeu, nem propostas de casamento, nem promessas. Há evidências tanto contra quanto a favor de Deus. Essa é a justificativa fundamental para o agnosticismo, em primeiro lugar.

Ah, mas se a evidência é ambígua o suficiente para justificar o agnosticismo em vez do ateísmo, por que não fazer a aposta teísta? Por que não dizer sim a Romeu? O que você tem a perder? A verdade, é claro, mas o agnosticismo afirma que você não pode prová-la, afinal. Lembre-se, nós não estamos refutando o ateísmo, apenas o agnosticismo. O que mais você pode perder? Há apenas uma outra coisa que todos nós desejamos absolutamente: a felicidade. A sua única chance de conquistá-la é apostar no sim, a única maneira de perdê-la é fazer a aposta do não. Pascal está certo: se você quer a alegria que nunca possuiu neste mundo, se o

seu coração é grande o suficiente para desejar mais do que a ausência de dor, do que o politicamente correto e a pornografia, há apenas uma possiblidade de obtê-la — no caso de haver um Deus. E você não pode ter *certeza* de que não há. Romeu sussurra em seu ouvido, você é covarde demais para dizer sim a ele, mesmo que não o veja? O que tem a perder? Quase nada. O que tem a ganhar? Mais que tudo.

E *depois* que você fizer a aposta e começar a *vivê-la*, verá mais e de maneira mais clara que apostou corretamente — é bem parecido com casar com a pessoa certa. E se não for a pessoa adequada, se for maltratado, sempre estará livre para se divorciar. No entanto, você não pode fazer isso a não ser que primeiro faça os votos de matrimônio, que é o que os agnósticos se recusam a fazer.

Dostoiévski fala da sua fé religiosa como emergente "da fornalha da dúvida". Uma fé como a dele é inabalável porque já foi abalada. A fé religiosa honesta, diferentemente da mera conveniência pessoal, não provém do gesto de evitar as perguntas difíceis, mas precisamente da confrontação com elas e da esperança de que, mesmo que as outras coisas que Jesus disse sejam verdadeiras ou falsas, pelo menos esta é verdade: "Buscai, e encontrareis".

16
Um comentário acerca do Islã, e uma defesa do meu livro controverso a respeito dele

Entre Alá e Jesus (IVP, 2009) bem pode ser o livro mais controverso que já escrevi. Duas classes opostas de pessoas ficarão bastante desconfiadas dele pelo mesmo motivo: ele trata o Islã de uma maneira muito positiva.

Primeiro, os secularistas e os cristãos "da libertação" ou "progressistas". Eles temem o Islã porque ele não é só uma religião, mas uma religião muito, muito *religiosa*. Todas as coisas que vêem de errado na religião, enxergam num grau exacerbado no Islã: que é o seu caráter absolutista, fanático, exclusivista, triunfalista e militarista. Em outras palavras, ele é "conservador" demais.

No entanto, acho que muitos cristãos conservadores, tanto católicos quanto protestantes, também não irão gostar do meu livro porque ele parece ser demasiadamente "liberal", otimista e ingênuo. Afinal, Mohammed era um falso profeta, e o Islã é uma heresia disseminada pela força e pelo medo. Ele é para a religião o que o nazismo é para a política. Essa é a tese de muitos escritores cristãos que falam a respeito do Islã hoje (como, por exemplo, Robert Spencer). O que eles não estão percebendo? Como posso justificar minha visão mais positiva sobre o Islã? Estou muito tentado a me sentir justificado por essa dupla reação comparando-a com uma similar relativa a Jesus, manifestada tanto pela direita quanto pela esquerda teológica da sua época. Contudo, tal analogia, como todas as analogias, não *prova* nada (embora possa *sugerir* algo). Também estou tentado a justificar minha atitude ao assemelhá-la à de João Paulo II e a de Bento XVI. Todavia, em vez de usar um argumento de autoridade, tentarei explicar e justificar o ponto central do meu livro, que é o de que os cristãos deveriam aprender com os muçulmanos algo sobre a sua própria religião, algo muito importante que a maioria dos cristãos parecem ter esquecido. Eu poderia chamá-lo de seu *poder*, ou então de seu "primitivismo".

Quando usamos a palavra "primitivismo", quase sempre confundimos duas coisas: 1) "o que estava no início da história e que, portanto, é simples" e 2) "estúpido, desastrado, e

embaraçosamente ruim". O primeiro significado não implica logicamente o segundo.

Há uma lei da história que se aplica a quase tudo e, ainda assim, raramente é compreendida. Ela diz que *todo "progresso" diz respeito aos meios, e não aos fins*. Assim, ele sempre se manifesta na sofisticação tecnológica de alguma coisa, mas não em seu âmago, na sua essência, o que de longe é o mais importante.

Pegue os filmes. Todos os amantes do cinema sabem que os filmes de hoje em dia estão tão tecnologicamente avançados em termos de "recursos adicionais supérfluos" que fazem os antigos parecerem vergonhosamente "cafonas". Entretanto, todos também sabem que apenas um a cada cem filmes modernos dispõe de personagens e temas que não são superficiais quando comparados com os clássicos do passado. Há exceções estupendas (*O poderoso chefão*), mas elas são apenas isso: exceções.

A arte, também. A moderna é "sofisticada", mesmo quando cultiva o "primitivismo". Contudo, a arte primitiva possui um poder que nós simplesmente não podemos reinventar, pois a arte provém da alma, e a alma moderna é rasa como uma frigideira.

Pegue a filosofia. Há um poder em Sócrates, Platão e Aristóteles que nunca foi igualado, apesar do fato de que agora temos técnicas muito mais adequadas de análise lógica.

Pegue a religião. As escrituras de todas as religiões produziram trilhões de palavras de comentários e, ainda assim, elas possuem um poder "primitivo" incomparável.

Pegue a própria tecnologia. A agricultura, a domesticação dos animais e o domínio do fogo são muito mais importantes para uma civilização do que as bombas nucleares, viagens espaciais ou computadores. E têm um poder incomparável de fascinar uma criança de cinco anos, até aquela que ainda espreita no coração de

todos nós. O afeto de um cão ou o fascínio pelo fogo nunca deixa de nos maravilhar, mas foguetes lunares, sim, depois de um tempo.

Pegue a linguagem. As línguas primitivas como o hebraico são como gigantes, e as modernas, embora mais complexas e sofisticadas, lutam em vão para expressar o *poder* das palavras da maneira que as primitivas conseguem.

Pegue a economia. As lições básicas do senso comum sobre trabalho e recompensa, gestão de tempo, oferta e procura, são muito mais importantes, seguras e eficazes do que todos os diferentes e controversos sistemas contemporâneos.

Também observe os *resultados* das economias bem-sucedidas na vida. Um "primitivo" é pobre, mas agradecido e feliz. Um moderno sofisticado é rico, mas mimado e entediado. A África é o continente mais pobre do planeta, e ainda assim os africanos sorriem mais do que todo mundo. A Louisiana é um dos estados mais carentes dos Estados Unidos, mas é o mais feliz (esse foi o resultado de um recente e sofisticado estudo científico).

Pegue a ética. "Seja bom", "Faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você", e "Ame as pessoas" são mais eficazes, motivadores e convincentes que qualquer teoria ou sistema mais sofisticados.

Em todas essas áreas, podemos dizer, como Robert Fulghum: "Tudo o que eu precisava saber, aprendi no jardim-de-infância". Tudo o mais são meros meios e mecanismos.

Podemos prever o mesmo na religião.

O Islã possui muitos problemas hoje. É a religião mais simples e primitiva do mundo, mas esse não é um deles. A sua essência é a nua, simples e nuclear de todas as religiões autênticas: a entrega, submissão e conformidade totais à vontade de Deus. Essa é a fórmula essencial da santidade, que é o *fim* último da religião. Afinal, Deus projetou o universo inteiro para ser uma máquina

produtora de santos. E se nos esquecermos desse fim por um momento, distraídos pelas rodas e engrenagens — se nos esquecermos dessa finalidade no meio da nossa preocupação relativa aos melhores meios — daremos com as nossas sofisticadas caras no chão.

Sim, o Islã é "primitivo". Chesterton diz:

> O temor ao Senhor, esse é o começo da sabedoria e, portanto, pertence aos primórdios, ele é sentido nas primeiras horas frias antes do alvorecer da civilização, o poder que sai do deserto e cavalga em um redemoinho quebrando os deuses de pedra, o poder diante do qual as nações orientais se prostram como pavimento, o poder perante o qual os profetas primitivos correm nus gritando, ao mesmo tempo a proclamar e a fugir de seus deuses, o temor que corretamente enraíza o início de todas as religiões, sejam elas verdadeiras ou falsas: o temor ao Senhor, esse é o começo da sabedoria, mas não o seu fim. [17]

Esse temor ao Senhor é o fundamento de nossa religião, embora não seja a pedra angular. É o princípio, ainda que não seja o fim. No entanto, se tentarmos construir um edifício sobre uma outra fundação, ele irá cair. O aspecto mais bonito de uma planta é seu fruto ou sua flor, não a sua raiz. Contudo, ela não irá crescer de nenhum outro começo, não crescerá ao contrário. Sem a justiça, não há a verdadeira caridade. Sem o temor a Deus, não há o real amor a Deus.

A Europa é um exemplo espetacular de continente sofisticado, civilizado, sensível, avançado e compassivo que está morrendo porque repudiou suas raízes "primitivas". Em breve será um continente muçulmano — necessariamente, porque está desenraizado enquanto o Islã está arraigado, e somente plantas enraizadas crescem.

Se quisermos fazer crescer a plantação cristã, se desejamos expandir o reino de Cristo, devemos reconquistar essas raízes, esse temor, esse abandono absoluto e adoração mesmerizada, esse "choque de Jesus" (para citar outro título de livro). Podemos reaprender essas coisas dos nossos irmãos abraâmicos afastados: os judeus ortodoxos e os muçulmanos piedosos.

17
Piedade vs. pacifismo

Eu estava lendo *O Senhor dos Anéis* pela sétima vez quando fui surpreendido por uma contradição aparente. Ela se dava entre a aprovação da piedade e a desaprovação do pacifismo por parte de Tolkien. Na verdade, o que me atingiu foi o fato de que eu, e quase todo mundo, vê nessa postura uma contradição, enquanto Tolkien não via.

Tolkien certamente não era um pacifista. As cenas de batalha no livro, e mais ainda no filme, são magníficas, não apenas na narração (nas palavras do livro e nas imagens do filme), mas também nos atos em si. Mesmo o pacifista mais ferrenho deve sentir uma admiração secreta pelos heróicos "mocinhos" acabando com os "malvados" infernais em cenas como a batalha dos Campos de Pelennor no cerco de Gondor: Ouvimos o som das trompas nas colinas tocando, as espadas brilhando no Reino do Sul [...].

Levantem, levantem, cavaleiros de Théoden! Despertai, feitos de outrora: incendiar e dizimar! lanças serão brandidas, escudos serão quebrados, um dia da espada, um dia vermelho, antes que o sol se levante! Cavalguem agora, cavalguem agora! Cavalguem para

Gondor! [...] Para fora da dúvida, para fora da escuridão, para o raiar do dia Vim cantando ao sol, desembainhando a espada.

Cavalguei até o fim da esperança e até o despedaçar do coração: Agora para a ira, agora para a ruína e para o anoitecer escarlate! Em cada coração humano reside a convicção tanto de que a guerra é terrível quanto de que o heroísmo é maravilhoso, e esse heroísmo é claríssimo nos poetas de guerra, como Stephen Spender:

> Eu penso continuamente naqueles que foram realmente grandes,
> Que, desde o útero, recordaram a história da alma
>
> Por corredores de luz, onde as horas são sóis, Eternos cantares…
>
> Nascidos do sol, fizeram curta viagem em sua direção E deixaram
> o ar fremente assinalado por suas honras.

E ainda assim, foi a mesma mente e coração profundos, os de Tolkien, que no centro de sua trama exaltou a piedade, ou a misericórdia, como sendo a única coisa que poderia salvar a Terra Média. Tolkien não era um covarde. Ele claramente tinha ancestrais elfos e entes, e seu filho Christopher, em seu formulário de alistamento, preencheu o espaço em branco de "ocupação paterna" com a palavra "mago". Ainda assim, os maiores heróis desse grande homem não eram magos ou guerreiros, mas *hobbits*: Bilbo, Frodo e Sam, todos eles salvaram a Terra Média pela *piedade*, por misericordiosamente poupar o Gollum em vez de matá-lo com justiça quando a razão e a prudência pareciam aconselhar esse ato. Pois foi somente o Gollum que completou a tarefa na Montanha da Perdição, a qual nem o Frodo nem qualquer outra pessoa poderia ter feito. Assim, Gandalf disse, de maneira sábia e profética: "A piedade de Bilbo pode decidir o destino de muitos".

Quando percebi esse contraste pela primeira vez, simplesmente o atribuí à grandeza de coração e ao criativo amor por paradoxos

(contradições aparentes) de Tolkien, especialmente o tradicional paradoxo entre a justiça e a misericórdia, ou a "guerra justa", por um lado, e a piedade e a misericórdia, por outro. Lembrei-me que esse é o mesmo paradoxo que está no coração da nossa salvação, da *nossa* Montanha da Perdição, no Calvário, onde Cristo cumpriu tanto a justiça quanto a misericórdia de Deus com o mesmo golpe.

No entanto, outro pensamento me ocorreu: essas duas coisas não são apenas reconciliáveis, não somente não são uma contradição verdadeira, elas nem sequer constituem um paradoxo, uma contradição aparente! O valor e o heroísmo de uma guerra justa, em uma mão, e o valor da piedade e da misericórdia, na outra, naturalmente vão juntos dentro da mesma filosofia de vida, da mesma "visão de vida e de mundo". A maioria das pessoas não enxerga isso. Dividem as opções entre uma coisa ou outra. Vêem o pacifismo como sendo o complemento natural da piedade e uma guerra justa como alternativa para essas duas coisas. Em outras palavras, colocam os dois termos que começam com "P" juntos, "piedade" e "pacifismo". Mas Tolkien não fez isso. Ele os viu como opostos.

Eu me perguntei quanto ao motivo por trás disso, e consegui o seguinte "panorama geral".

Há quatro visões de mundo possíveis. A melhor, a cristã que era a de Tolkien, exalta a piedade, mas não o pacifismo. Ela é tipificada por Locke e Lincoln no nosso mundo e por Faramir em *O Senhor dos Anéis*, personagem sobre o qual Peter Jackson se equivocou mais profundamente em seu filme. É a filosofia do nobre cavaleiro, o *gentleman*, que é gentil e também viril:

> Deve haver guerra enquanto defendermos nossas vidas de um destruidor que devoraria a todos nós. No entanto, não amo a espada reluzente pela sua agudeza, nem a flecha pela sua agilidade, nem o guerreiro pela sua glória. Amo somente o

> que eles defendem: a cidade dos homens de Númenor, e eu a teria amado por sua memória, antigüidade, beleza e sabedoria presente. Não temido, exceto pela maneira que um homem pode temer a dignidade de outro, velho e sábio.

A segunda visão de mundo é a do paganismo, que ambos, Maquiavel e Nietzsche, tentaram restaurar no nosso mundo e que é tipificado por Boromir em *O Senhor dos Anéis*. Ele não admira nem o pacifismo nem a piedade. É o código do guerreiro.

A terceira visão de mundo é a da maior parte das pessoas na civilização ocidental hoje. É a filosofia de Rousseau e da psicologia *pop*, que enaltece tanto o pacifismo quanto a piedade e que os entende como aliados naturais. É por pena que eles abraçam o pacifismo.

A piedade aqui é vista como uma sensação ou um sentimento, e não como misericórdia, já que o conceito desta última não tem sentido exceto quando posto contra o pano de fundo e o pressuposto da justiça, e, portanto, de uma lei moral natural universal objetiva, o que Rousseau e nossa civilização rejeitaram.

A quarta visão de mundo é aquela em direção a qual estamos nos movendo no nosso "admirável mundo novo" pós-moderno de "totalitarismo *soft*" (o termo profético de Tocqueville), onde o pacifismo não é mais uma opção, mas uma ortodoxia que é imposta sem piedade ou misericórdia. Todavia, este é um novo tipo de pacifismo: não é militar, é espiritual. A própria idéia de guerra espiritual, de mal real assim como de bem verdadeiro, logicamente deve desaparecer junto com a lei natural, assim, o único mal que resta é somente a *idéia* do mal, a idéia de que realmente possa existir algo como um mal, um inimigo, uma guerra justa e, assim, uma possível necessidade de piedade e misericórdia. A misericórdia pressupõe e transcende a justiça, o pós-modernismo ainda não chegou tão longe.

Sou assombrado pela surpreendente e profética afirmação acerca dessa quarta visão de mundo proferida pelo Pe. Richard John Neuhaus de que "quando a ortodoxia se torna opcional, muito em breve será proibida". A própria existência da consciência cristã, que autoriza tanto o heroísmo quanto a misericórdia, é um fardo intolerável para o "totalitarismo suave". Ela é uma luz que expõe o pecado. E se há o pecado, mas não há salvação, se há justiça, mas não há misericórdia, se a piedade se torna não misericórdia e perdão, mas somente um sentimento terno, então aquela típica compreensão equivocada do cristianismo se torna intolerável. Nietzsche mostrou isso com uma clareza impressionante quando confessou que não poderia viver em um mundo com um Deus que visse seu lado sombrio, seu próprio anão interior. Nietzsche odiava a piedade acima de todas as coisas e literalmente começou a enlouquecer quando sentiu pena de um cavalo que viu ser abusado na rua. Sartre, também, sentiu o mesmo terror pelo "olho", o olho de um Deus que via tudo, incluindo sua própria alma, que "diante do olho" não era mais livre para mentir para si sobre si mesmo, para ser seu próprio Deus tenebroso.

Qualquer pessoa que já tenha sido presa ou torturada por um tirano sabe que eles não ficam satisfeitos com ser senhores de outros corpos. Eles precisam, como Satanás, ser senhores de suas almas e mentes. A existência de sua própria mente livre os ameaça, pois refletem a luz da verdade e da justiça. O tirano não pode ter clemência pelas noções de piedade ou misericórdia, pois a misericórdia implica em ir para além da justiça, e isso pressupõe a existência do que é justo e, portanto, da lei natural e, logo, do mal real e, assim, da guerra espiritual. O tirano precisa do pacifismo espiritual.

Nossa civilização passou por três visões de mundo: do paganismo (nenhuma piedade, nem pacifismo) para o cristianismo (piedade sem pacifismo), e então para a modernidade (piedade e pacifismo). Agora está se dirigindo para a pós-modernidade, que é um novo pacifismo, um desprovido de guerra espiritual, uma batalha contra

a própria noção de guerra espiritual, que não possui clemência ou compaixão pelo seu inimigo.

É hora de dar duas voltas para trás no relógio, da pós-modernidade para a modernidade, e da modernidade para o cristianismo. Como diria Chesterton, "você não pode voltar no tempo" é simplesmente uma mentira. Você pode. E deve, caso o tempo ruim não esteja passando. Até três voltas no nosso relógio espiritual, de volta para o paganismo ancestral, são melhores que nenhuma, porque pelo menos o paganismo acreditava em uma justiça de verdade, e, portanto, poderia ser convertido ao acrescentarmos a ele misericórdia e piedade. O paganismo era como uma virgem, o cristianismo, como uma esposa, e a modernidade, como uma divorciada. Não voltaremos para o paganismo, as divorciadas não são mais virgens.

Qual seria, então, a imagem para pós-modernidade? Eu sugeriria o título de um filme lado B: "A maldição da mulher aranha".

18
Julgamento

Há pelo menos dezenove tipos de julgamento que nós deveríamos distinguir. Lamento não ter encontrado um vigésimo para corresponder perfeitamente ao número de dedos das mãos e dos pés. No entanto, dezenove corresponde à quantidade de dedos do Frodo Bolseiro, que é um dos meus heróis. (Tenho certeza de que você se lembra do Frodo de Nove Dedos e do Gollum de Onze).

A importância do assunto — julgamento — é óbvia. Por um lado, emitir julgamentos é um privilégio concedido somente a

indivíduos. Por outro, julgar é necessário tanto para se viver bem na Terra quanto para se entrar no Céu.

Eu direi apenas uma coisa a respeito de cada um desses dezenove tipos de julgamento. Pode ser que não sejam as mais importantes ou fundamentais sobre eles, mas serão pontos que acredito serem relevantes o suficiente para tomarmos alguns minutos a fim de meditá-los.

O primeiro tipo de julgamento é o ato de julgar em si, o gesto em abstrato. Refiro-me à forma lógica dos julgamentos: a afirmação ou a negação de que um predicado pertença a um sujeito, que um estado das coisas seja verdadeiro ou não. Esse é o "segundo ato da mente" na lógica escolástica tradicional e é o único que pode conter a verdade.

O primeiro ato da mente, a simples apreensão ou concepção, não contém a verdade, pois meramente concebe os conceitos, os quais não são em si verdadeiros ou falsos, mas matéria-prima ou conteúdos para os juízos. Assim, nem o conceito de "maçãs", nem o de "frutas", é verdadeiro ou falso. No entanto, o juízo "maçãs são frutas" é verdadeiro. O terceiro ato da mente, o raciocínio, move-se da pressuposição da verdade de um ou mais juízos, enquanto premissas, para a de um novo julgamento, como conclusões a serem provadas.

Os conceitos nos dizem "o que", os juízos, "se", e o raciocínio, "por quê". Nós compreendemos as essências em conceitos, a existência em juízos, e as causas, pelo raciocínio.

Em virtude do fato de que os conceitos atingem somente as essências, enquanto a existência é alcançada pelos julgamentos, tal estrutura lógica essencial do pensamento implica na distinção entre a essência e a existência, um dos princípios mais importantes da metafísica e a base para a melhor prova para a existência de Deus de São Tomás de Aquino. Ela começa nos seres contingentes

e vai até um ser necessário — isto é, vai da premissa da existência de seres cuja essência *não* é a existência para a conclusão da existência de um ser cuja essência *é* a existência. Essa seria a única solução adequada para a questão de porque essas outras coisas existentes existem: se a existência delas não é algo intrínseco à sua própria essência, então deve vir de algo externo, de uma causa. Apenas um ser cuja essência seja a existência pode explicar a existência de seres cuja essência não é a existência, sendo assim a causa deles. Só um ser que justifica-se a si mesmo pode justificar aqueles que não se justificam.

A distinção entre a essência e a existência e entre conceitos e juízos também explica por que o famoso "argumento ontológico" de Santo Anselmo é inválido: ele confunde a essência e a existência, tratando a segunda como uma essência, um "o que", ou uma propriedade. Se você não entendeu até aqui, vai ter que acreditar nas minhas palavras, por enquanto.

Meu ponto é o quão centralmente importante é que apenas os juízos alcancem a existência ontológica e a verdade lógica. Quando investigamos juízos particulares concretos em vez da forma lógica abstrata e universal dos julgamentos (meu segundo ponto), encontramos o fato de que eles são feitos por humanos, por anjos, ou por Deus, que são os únicos três tipos de seres pessoais que conhecemos.

Examinemos os juízos humanos primeiro, por motivos óbvios.

Dentro dos julgamentos humanos, a distinção mais fundamental é entre juízos teóricos e práticos, isto é, os que são sobre a verdade e os que tratam do bem. Todos os juízos são emitidos pelo intelecto, mas os teóricos regulam o pensamento, enquanto os práticos, a práxis, a vida, a ação. Então nosso segundo tipo de julgamento é o julgamento teórico.

Ele é a causa muito relevante e primeira do declínio da popularidade da educação clássica, de que as palavras "teórico", "especulativo" e "contemplativo" tenham todas perdido suas conotações honoráveis em nossa cultura. No lugar de se referirem à verdade, as duas primeiras têm a mesma conotação de "incerto". A terceira encontra-se restrita aos monges e aos místicos.

Isso é um sintoma de profunda derrocada cultural, e em grande medida encontra a sua origem em Francis Bacon, o qual anunciou um *summum bonum*, ou bem maior, radicalmente novo para a nossa cultura: a conquista da natureza pela ciência aplicada. Em outras palavras, não a verdade, mas o poder, não o conformar a mente humana à realidade, mas subjugá-la à vontade do homem.

Um ícone dessa derrocada cultural pode ser encontrado perto da minha cidade natal, em Cambridge, Massachusetts. É extremamente irônico que "*Veritas*", "Verdade", o lema oficial da instituição de ensino mais emblemática dos Estados Unidos, a Universidade de Harvard, seja uma palavra que nunca seja proclamada em seu *campus*, na maioria de seus cursos de humanidades, sem estar envolta por aspas irônicas. Em uma civilização baconiana, nossas formas de arte, especialmente os filmes, contam mentiras sem limites sobre a vida, mas infalivelmente melhoram em efeitos especiais. Ou seja, a tecnologia supera a verdade.

É o suficiente sobre o segundo tipo de julgamento, os teóricos sobre a verdade. Meus próximos onze tipos de juízos serão todos práticos e relativos ao bem. O primeiro dos onze — o número três — é o julgamento sobre os juízos práticos, a saber, aquele da parte da maioria dos filósofos de que há uma lacuna absoluta entre os juízos teóricos dos fatos e os juízos de valor práticos.

Esse dogma da distinção absoluta entre os valores dos fatos é a justificativa do relativismo moral, a idéia de que os valores são relativos aos nossos sentimentos e escolhas subjetivas em vez de

relativos à verdade objetiva. O relativismo moral é a doença que C. S. Lewis, um oxfordiano sofisticado e educado, afirmou que "certamente condenará as nossas almas e acabará com a nossa espécie".

Ele irá trazer a condenação aos nossos espíritos porque a salvação requer arrependimento, que por sua vez demanda que se admita o pecado, o que necessita da existência de uma lei moral objetiva e real contra a qual se pecar, ou seja, valores objetivos. Ele irá acabar com a nossa espécie porque equivale a uma conscienciectomia, como em *Admirável mundo novo*. Aquelas pessoas não são humanas, são *yuppies*. Seus corpos se assemelham a pessoas, mas suas almas se parecem com cachorrinhos.

Se valores e fatos não são absolutamente diferentes, se valores são um tipo especial de fatos, então os morais podem ser objetivamente reais e pode haver uma lei moral natural.

(Note o quão mais desconfortável e exigente a palavra "lei" é do que "valores".) Porém, se não for assim, não. Se o princípio fundamental da moralidade é que "o bem *deve* ser feito e o mal, evitado", então o dever depende do ser, a ética, da metafísica e da razão. Se, ao contrário, a moral é simplesmente o comando da vontade, a qual faz as leis do jogo, então a lei moral é a ditadura da vontade, não da razão — que é a filosofia dos nominalistas, asharitas, fundamentalistas, de Eutífron, Ockham, Maquiavel, Hobbes, Rousseau, Marx, Hitler e Satanás. Deus diz "venham, vamos pensar juntos". O demônio, não. Deus apela para a razão, César, para a força.

A não ser que nossos césares sejam classicamente educados na tradição de Platão e Aristóteles. Na primeiríssima página da *República* de Platão, há uma pequena cena que define a escolha fatídica para a civilização ocidental. Sócrates, com alguns companheiros, encontra um grupo maior de amigos, e há um conflito de interesses. O grupo maior quer que Sócrates mude seus

planos e vá com eles, e seu porta-voz diz a Sócrates: "Você vê quantos nós somos, logo, seja teimoso e fique aqui, ou então lute conosco". Sócrates responde: "É claro que há uma terceira alternativa: que nós o *persuadamos* de que *deve* deixar-nos ir". Persuasão moral racional — a chave para uma boa sociedade aos olhos de Sócrates, Platão, Aristóteles e da Cristandade medieval. E nós? Somos platonistas ou maquiavélicos? Se acreditamos em uma lei moral natural real, um quarto tipo de julgamento se torna possível: aquele relativo a tais bens morais verdadeiros.

A palavra "bem" aqui possui três sentidos básicos, diz Aristóteles, o mestre do bom senso: o bem moral, o prazeroso e o útil. Juízos acerca do prazer e da utilidade ainda podem ser emitidos sem a lei moral natural, mas os juízos morais de verdade, não.

São Tomás de Aquino entende tais juízos essencialmente como sendo relativos aos *fins*. Como Aristóteles, ele é teleológico. Já Kant os vê como fundamentalmente relativos ao *dever*. No entanto, ambos acreditam que a razão pode fazer juízos morais porque conhece o absoluto moral, quer ele seja o *fim* último racional da *eudaimonia* — bem-aventurança, verdadeira felicidade — ou *dever* último racional do imperativo categórico. Não é o sentimento, o desejo ou as paixões que proferem os juízos morais, mas a razão — em seu sentido antigo, honorável, amplo e ancião, em vez do sentido moderno, estreito, computacional. Filósofos que negaram que seja a razão a produzir os juízos morais, como Hobbes, Rousseau, Hume, Mill, Marx e Russell, não apresentam uma filosofia moral incompleta, antes dispõem de filosofia moral nenhuma, assim como um primitivo que inventa histórias fantásticas a respeito das constelações não possui uma ciência astronômica primitiva: não possui ciência astronômica alguma.

Um quinto tipo de julgamento diz respeito a quão corretamente podemos fazer esses juízos morais. Como podemos avaliar a *maneira* de se julgar moralmente? E a resposta vem dos nossos dois modelos de bom senso, Aristóteles e Cristo. O primeiro afirma que

devemos *ser* bons a fim de emitir bons juízos morais, que devemos cultivar hábitos da moral e, assim, um caráter com moralidade, por repetidas escolhas corretas da vontade se quisermos ser moralmente sábios e discernir com o intelecto o bem e o mal moral adequadamente. A vontade deve obedecer ao intelecto, mas este também precisa ser educado pela vontade moral. A vontade boa domestica o intelecto assim como uma mulher o faz com um homem. É como na clássica fala do filme *Casamento grego*: "O homem é a cabeça da família, mas a mulher é o pescoço que vira a cabeça".

Cristo apela para o mesmo princípio psicológico no que se refere ao bem religioso quando responde à pergunta dos fariseus, "Como podemos compreender os seus ensinamentos e saber se são de Deus?", ao dizer que: "Se a vontade de vocês fosse fazer a vontade de Deus, compreenderiam meus ensinamentos e saberiam que provêm de Deus". Esse é o princípio básico da hermenêutica bíblica em uma sentença.

Um sexto tipo de julgamento é o juízo prudente relativo a como se alcançar o prazer, a felicidade, ou a alegria — três estágios gradativamente mais profundos de uma mesma coisa, embora não disponhamos de uma única palavra genérica para ela — aquela que é desejável em si mesma e não enquanto meio para algum outro fim, não porque seja nosso dever moral, mas porque ela satisfaz nossos corações inquietos. Alguns tolos julgam que o prazer é suficiente, e alguns se enganam até mesmo acerca do que lhes logrará tal prazer (dinheiro, poder e drogas são os exemplos óbvios). No entanto, o prazer, até a felicidade, tornam-se entediantes, apenas a alegria pode nos satisfazer. Assim, se formos sábios, não comprometeremos esse objetivo nem nos contentaremos com qualquer outra coisa menor. Em outras palavras, daremos a resposta de São Tomás de Aquino à pergunta que Deus fez a ele: "Você escreveu bem sobre mim, Tomás, o que deseja como recompensa?". A resposta de São Tomás foi: "Apenas Vós mesmo, Senhor". Quatro palavras mais sábias que essas já

foram ditas? Um sétimo gênero de juízo prático refere-se à utilidade: quais são os melhores meios para atingirmos o nosso fim, quer seja ele o prazer ou a moralidade? A experiência é a única resposta para como julgar o que fazer a fim de se obter prazer; mas os mandamentos, tanto revelados externamente a Moisés quanto internamente conhecidos pela consciência, são a resposta para como emitir julgamentos quanto ao que fazer e o que não fazer a fim de se atingir o bem moral. Tais mandamentos são bem fáceis de entender e bastante difíceis de obedecer, então nossos sofistas espertamente resolveram esse problema tornando-os mais difíceis de entender e mais fáceis de obedecer, ou pelo menos mais difíceis de desobedecer — na verdade, precisamente dificultando a desobediência ao atrapalhar a compreensão deles, isto é, conferindo-lhes nuances, fazendo malabarismos com eles, performando dancinhas extravagantes ao seu redor. O primeiro sofista foi o demônio, no Éden: "Deus realmente disse *isso*?".

Uma oitava categoria de julgamento não diz respeito à lei ou ao bem natural, mas às leis e aos bens positivos, isto é, leis criadas e impostas pelo homem, as leis humanas. Esse é o tipo de julgamento elaborado pelos legisladores profissionais, os encarregados de aplicar e interpretar a lei, ou seja, os congressistas, policiais e juízes. Tenho muito pouco a dizer acerca do juízo relativo a quais leis devem ser feitas ou o que fazer para que sejam aplicadas cada vez melhor, mas tenho algo a dizer sobre a avaliação do motivo pelo qual as sanções e as punições devem ser estabelecidas, porque é uma resposta que a maioria dos intelectuais da nossa sociedade hoje ignora. O principal motivo para a punição *não* deveria ser reabilitar ou dissuadir, mas a justiça. Ainda que a caridade seja a maior motivação, e que seu motivo pessoal para a reabilitação seja a caridade para com o criminoso que você deseja reabilitar, ainda que o seu motivo pessoal para a dissuasão seja o mesmo — caridade para com as possíveis futuras vítimas que você quer proteger — enquanto a motivação pessoal para a justiça, mesmo quando ela não é confundida com a vingança e o ódio, não é essa caridade pessoal — mesmo assim é essencial que a justiça seja o

primeiro motivo e norma absoluta. De outra forma, aplicaremos punições injustas e imerecidas só porque acreditamos que elas funcionarão melhor para reabilitar ou dissuadir. Julgamentos sobre o que irá reabilitar ou dissuadir melhor são incertos porque dependem das nossas previsões bastante falhas sobre o futuro e nossa compreensão assaz falível do caráter de um criminoso. Julgamentos quanto à justiça de uma lei positiva, por outro lado, não dependem dessas duas incertezas e, assim, podem ser muito mais objetivas. Também é assim no que tange aos juízos acerca da justiça da lei natural, para qualquer um que não seja um sofista.

Um nono tipo de julgamento, intimamente relacionado ao anterior, é o que é feito freqüentemente pelos juízes federais ou pela Suprema Corte em nossa sociedade hoje na interpretação da lei, que muitas vezes leva o nome de interpretações "dinâmicas", "criativas", "progressivas" ou "flexíveis". São elas que permitem o "ativismo judicial". Há um paralelo exato entre tais interpretações e as "dinâmicas", "criativas", "progressivas" e "flexíveis" interpretações da Bíblia, através das quais você pode fazer as Escrituras ensinarem quase qualquer coisa que se queira, do terraplanismo à revolução comunista. A mesma filosofia judicial que, em *Dred Scott vs. Sandford*, entendeu que os negros eram somente semi-humanos e propriedades em vez de pessoas, concluiu que os direitos de privacidade da "penumbra" da Constituição justificavam o assassinato de um bebê dentro do útero. Ela permite entender qualquer outra coisa amanhã — qualquer coisa mesmo.

O princípio filosófico do ativismo judicial é simples: nós não descobrimos e obedecemos a verdade, nós a criamos com os nossos próprios juízos. A verdade é subordinação do pensamento, não à realidade, mas à nossa vontade. Nas palavras do juiz Anthony Kennedy em *Casey vs. Planned Parenthood*: "no coração da liberdade está o direito da pessoa de definir o sentido da vida e o mistério da existência". Em outras palavras: "Deus, saia, você está sentado no meu lugar".

Ainda há outro tipo de julgamento positivo — esse é o nosso décimo — que é produzido, não por juízes individuais, mas pela comunidade pública como um todo. Isso costumava corresponder à democracia representativa, na qual assuntos importantes eram decididos pelo julgamento de pessoas concretas individualmente, pelo voto popular, quer diretamente por um referendo ou indiretamente por representantes eleitos. Hoje, é a mídia não eleita e o *Zeitgeist*, o "espírito do tempo", ou o clima da opinião que eles geram que determina os assuntos mais importantes. É o que Tocqueville poeticamente chamou de "totalitarismo suave". O filósofo mais influente que o defendeu foi Rousseau, com a sua noção de infalibilidade da "vontade geral". É essa vontade, ou o *Zeitgeist*, que influencia os julgamentos do nosso judiciário não eleito em assuntos importantíssimos como a redefinição do casamento. As questões julgadas por esse judiciário tipicamente são, no âmbito cultural, moral e pessoal, muito mais relevantes do que as de aspecto mais econômico que são decididas pelo congresso ou pelo presidente.

Outra maneira de classificar os juízos é em termos de seus respectivos objetos. Podemos julgar a Deus, nós mesmos, e os outros. Que esses sejam os nossos décimo primeiro, décimo segundo e décimo terceiro tipos de julgamento.

No que se refere a julgar Deus, eu já mencionei como isso é feito hoje, por meio de uma interpretação "criativa" da lei. Um criador, diferentemente de um intérprete, não possui textos ou limites, assim, seus juízos nunca estão errados. Alces são grandes e lagartixas são pequenas somente porque o mundo real impõe um limite à nossa criatividade, porém elfos podem ser grandes, como em Tolkien, quanto pequenos, como em Shakespeare, ou como desejarmos que eles sejam. Como fazemos isso com Deus? Como diz a famosa piada: "Dizem que Deus nos criou à sua imagem, e temos retribuído essa gentileza desde então".

Mas, cuidado. Pois que há muitos deuses no mercado, *devemos* julgar entre muitos candidatos e, nesse sentido, a Deus. De outra maneira, nós iríamos simples e arbitrariamente decretar qual deus é Deus. Os dois critérios são a verdade e o bem, a racionalidade e a moralidade. *Temos* que julgar qualquer deus logicamente autocontraditório e mau como falso e indigno de confiança, porque possuímos esses dois critérios absolutos em nossas almas que são totais, indubitáveis e que justificam-se a si mesmos. Literalmente não conseguimos acreditar em qualquer coisa que seja tão irracional a ponto de ser autocontraditória e, portanto, absolutamente sem sentido, ainda que chamemos isso de Deus. Nós *não* conseguimos aceitar de forma alguma o que é intrinsecamente inaceitável porque, sob uma perspectiva lógica, o ato de amar aquilo que se sabe ser real, intrínseca e inteiramente impassível de amor contradiz a si mesmo. O próprio Deus colocou esses dois profetas em nossas consciências, e quando os usamos com honestidade e submissão à verdade objetiva e ao bem, e não à nossa vontade, julgamos com uma autoridade divina. Uma autocontradição sem sentido não adquire subitamente significado e credibilidade, o que é intrinsecamente mau não se torna bom de repente quando alguém diz "Deus pode fazer isso". Deus pode fazer o que é fisicamente impossível, mas não o que não é possível lógica ou moralmente. É por isso que Cristo teve que morrer: porque Deus não podia simplesmente fingir que não havíamos pecado ou dizer "Justiça? Esqueça disso".

Nosso décimo segundo tipo de julgamento é o ato de julgar a nós mesmos. Esse está sujeito a um trilema cruel. Se julgamos, devemos chegar à conclusão de que somos moralmente bons, maus, ou que estamos no meio do caminho entre esses pólos. Se acreditamos que somos moralmente bons, nos tornamos pedantes e fariseus satisfeitos consigo mesmos. Se nos julgamos perversos, nos tornamos vermes que se odeiam e que não podem amar ao próximo como a si mesmo, já que não nos amamos. E se julgamos estar no meio do caminho, medíocres, insossos, somos como laodicenses mornos que merecem a chocante palavra divina de

julgamento que está em Apocalipse 3, 16. A palavra é: "vômito". Olhe lá.

A solução é simples: devemos julgar nossos pecados, mas não a nós. Se tivermos o hábito de olhar para Deus em vez de olhar para nós mesmos, não iremos sucumbir a nenhum desses três caminhos do trilema, porque à luz de sua face, não podemos nos julgar como dignos, inúteis ou vacilantes. Nenhum dos santos nunca pensou qualquer uma dessas três coisas.

Nosso décimo terceiro tipo de julgamento, julgar outros indivíduos, é, como todos sabem, perigoso e proibido pelo próprio Cristo, pois diferenciar as pessoas de suas ações é a prerrogativa de Deus. É claro, isso não nos proíbe de julgar as ações, já que fazer isso minaria toda a moralidade.

Hoje, há apenas uma classe de pessoas que sempre recusa essa distinção, entre o pecado e o pecador, ação e pessoa, que dizem que a identidade pessoal em sua integralidade é aquilo que se faz e, portanto, se rejeitamos o que alguém faz, estamos rejeitando o que ele é, ou seja, que odiar um estilo de vida é odiar aquele que a vive, o todo, a pessoa, o "eu". Isso é um julgamento religioso, identificar algo ao ser em sua integralidade. Essas pessoas que apóiam essa nova religião agora comandam a mídia, na verdade, o fazem tão bem que eu provavelmente seria processado por "discurso de ódio" se ousasse identificá-las, embora todos nós saibamos quem são. Elas são as únicas pessoas no mundo, além dos terroristas muçulmanos, que estão obedecendo à fórmula de Churchill para vencer uma guerra, quer seja ela militar ou cultural: "Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca desista". A sua última vitória é o transgenerismo. Não será a última.

Todos os treze tipos de julgamento até agora são feitos por humanos. Há um décimo quarto tipo, porque existe, além dos humanos, outra espécie de indivíduos criados, a saber, os anjos. O juízo deles, de acordo com o Doutor Angélico, São Tomás de

Aquino, é mais parecido com o de uma mulher do que com o de um homem: intuitivo ao invés de racional, de acordo com um "panorama geral" sintético, no lugar de um "passo a passo" analítico. Portanto, eles são bons instrumentos da providência divina, estando mais perto da mente do Autor do nosso drama humano do que nós. Devemos cultivar a amizade com eles e rezar pela inspiração que oferecem, além de confiar neles quando vêm ao nosso encontro, porque o juízo desses seres são, por natureza, mais sábios do que os nossos (isso também é verdade no caso das mulheres, a propósito, se posso falar de homem para homem e fingir que as mulheres não estão ouvindo e jogando em nós aquele olhar de "Eu avisei" que nos faz sentir e parecer com pneus vazios).

Finalmente, Deus julga de pelo menos cinco maneiras: ao criar, identificar, providenciar, encarnar e consumar. Ele nos oferece nosso universo, identidade pessoal, provisão vitalícia, salvação e glorificação.

Ele criou o universo livremente, não porque era necessário, logo, Ele julgou que era bom fazê-lo, tanto antes quanto depois de criá-lo. Esse é o juízo de número catorze. "Bom, bom, bom", ele murmurou, julgando, após cada dia de trabalho da criação. A resposta para o argumento mais forte dos ateus, o problema do mal, é, aqui, um julgamento: que foi melhor criar a grande família da humanidade mesmo prevendo que seriam delinqüentes severamente retardados, do que não a criar de todo, ou mesmo não criar coisa nenhuma, e manter tudo a salvo e perfeito, como um casal de *yuppies* que rejeita ter crianças. Graças a Deus, Deus é meio doido.

No entanto, não podemos justificar racionalmente o julgamento de Deus de que era melhor criar do que não criar, porque não há norma maior, nem premissa, da qual possamos deduzir essa conclusão. Se o universo era necessário, nós poderíamos ter certeza disso, mas já que é contingente, podemos apenas ser agradecidos pela sua existência.

Esse é o juízo número quinze, e o julgamento divino número um. O dezesseis, e segundo juízo divino, é o de que não era apenas bom, mas "muito bom" que fôssemos criados à sua imagem. Já que a própria essência eterna de Deus, revelada apenas uma vez, a Moisés na sarça ardente, é uma pessoa assim como um ser, tanto um "eu" quanto um "sou", ele dividiu essa imagem, "eu", pessoalidade, subjetividade, autoconsciência espiritual conosco. E já que Ele é o Autor de nossa própria existência, não dispomos de uma identidade apartada dele, assim como Hamlet não tem uma identidade separada da de Shakespeare. Quando Ele disse: "Que haja o Peter Kreeft", ele julgou que essa confusa e assustada bola de tripas, que rola descendo as encostas gravitacionais do mundo, que desembaraça os fios de sua identidade a cada giro, era algo muito bom a ser criado. E mesmo que isso seja louco, é um sacrilégio que eu discorde de Deus, que eu julgue o contrário de seu julgamento.

Nosso juízo número dezesseis, o terceiro julgamento de Deus, é a providência divina. Os três pressupostos para a providência divina são as três premissas mais inegociáveis do teísmo, a de que Deus é Todo-Poderoso, Todo-Sabedoria e Todo-Benevolência. Julgar que as três sejam verdadeiras implica na deslumbrante conclusão de Romanos 8, 28, de que Ele opera todas as coisas, mesmo os males, para que concorram para o nosso bem supremo, se permitirmos que Ele faça isso ao confiar nele, amá-lo e entrarmos na corrente sangüínea e vital de sua vontade, a qual dirige todo o crescimento de nossas almas e corpos pelo que Ele julga ser melhor para nós no final.

Certamente, é difícil acreditar nisso e confiar tanto nele, como Jó descobriu com a sua própria experiência, mas é tão necessário quanto difícil. Pois a alternativa é ou rejeitar a sua onipotência, onisciência e completa benevolência, ou então as leis da lógica — as quais são todas inegociáveis. Ele é nosso guru perfeito, e cada evento que traz para a nossa vida é um movimento em seu jogo de xadrez contra o demônio e seus peões, que são o mundo e a carne

— e Deus não faz nenhum movimento errado ou perde um jogo. Seus julgamentos são perfeitos.

O juízo de número dezessete, e quarto julgamento divino, é o de que foi melhor encarnar seu próprio Filho e oferecer seu corpo e sangue — todos os sete litros dele — pela nossa salvação. Esse, também, é um julgamento que não podemos provar ou compreender por meio de nenhuma premissa anterior que esteja disponível para a mente humana e, portanto, é um juízo que podemos somente aceitar com gratidão e maravilhamento, assim como fizemos com a criação e a providência.

Gabriel Marcel fez a famosa distinção entre problemas e mistérios: problemas podem ser solucionados pois são exteriores a nós, mistérios não, pois o próprio solucionador é o problema. Nas palavras de Marcel, "um mistério é um problema que invade a sua própria matéria". Deus julgou que o problema da vida humana deveria ser um mistério, e o resolveu ao se *tornar* ele: "Ele se fez pecador sem que conhecesse o pecado, para que nele pudéssemos nos tornar os justos de Deus".

O julgamento número dezoito e o quinto de Deus é o "último julgamento". A fim de consumar nossa criação, preservação providencial, identidade e redenção, Deus nos oferece a perfeição, a santificação e a glorificação. Se nós víssemos, em nossa condição presente, a santidade perfeita à qual estamos destinados no Céu, provavelmente iríamos nos prostrar em uma adoração cheia de idolatria. É a misericórdia de Deus que nos mantém na ignorância quanto à nossa própria glória futura. Entretanto, ele nos dá pistas. No Cântico dos Cânticos, o noivo divino diz à sua noiva humana: "Você é toda formosa, minha amada, não há falha em ti". Esse é o último juízo. O que geralmente chamamos de Juízo Final é preliminar a isso: a separação das ovelhas e dos cabritos, dos salvos e dos malditos, dos que dizem a Deus "Seja feita a vossa vontade" e aqueles a quem Deus diz: "Seja feita a tua vontade" (para citar Lewis novamente). Todos recebem o que querem: os condenados

ganham a justiça, e os salvos, a misericórdia. O penúltimo juízo é a justiça, mas o último é a misericórdia.

Já que isso foi escrito para você, caro leitor, o número dezenove é o *seu* juízo sobre isso agora, sobre todos os dezoito pontos dos meus juízos sobre os julgamentos. Posso apenas dizer a você o que direi a Deus no dia do Juízo Final: eu não sou tolo a ponto de lhe pedir por justiça, apenas por misericórdia.

Notas de Rodapé

1 A Universidade de Notre Dame (Indiana) outorgou um doutorado honoris causa em direito a Barack Hussein Obama em 2009 — ne.

2 Entre as hipóteses para interpretação desta sentença de Jesus, existe a que Ele estivesse se referindo a uma pequena porta lateral da entrada de Jerusalém, conhecida como "buraco da agulha". Quando o portão principal da cidade estivesse fechado, como no shabbat, por exemplo, alguém só poderia fazer seu camelo passar por ela despojando-o de toda a carga e empurrando-o quase ajoelhado — ne.

3 Peter Kreeft, Socratic Logic: A Logic Text Using Socratic Method, Platonic Questions and Aristotelian Principles (South Bend, Ind.: St. Augustine's Press, 2003).

4 Henry B. Veatch, Two Logics: The Conflict between Classical and Neo-analytic Philosophy (Evanston, Ill. Northwestern University, 1969).

5 Henry C. Byerly, A Primer of Logic (New York: Harper & Row, 1973).

6 Stephen N. Thomas, Practical Reasoning in Natural Language (Englewood Cliffs, n.j.: Prentice-Hall, 1973).

7 Andrew H. Bachhuber, Introduction to Logic (New York: Appleton-Century-Crofts, 1957).

8 G. K. Chesterton, Orthodoxy, in Collected Works, vol. 1 (San Francisco: Ignatius Press, 1986), p. 238.

9 Robert Lenoble, Essai sur la notion d'expérience (Paris: Vrin, 1943).

10 Organização católica para formação de líderes na sociedade e no mundo dos negócios fundada em 2005 — ne.

11 Catholic World Report, abril de 2007.

12 Ibid.

13 G. K. Chesterton, Orthodoxy, in Collected Works, vol. 1 (San Francisco: Ignatius Press, 1986), 294–295.

14 Caso alguém ainda ponha em dúvida se tenho dons proféticos, isso deve ser o suficiente. Pelo menos resisti à tentação de atualizar minhas escolhas (Peter Kreeft, 2020).

15 Os canadenses são tão legais que pedem desculpas por serem tão apologéticos.

16 Benito Mussolini, Diuturna: scritti politici, (Milão: Imperia, 1924), 374–377.

17 St. Thomas Aquinas, the Dumb Ox [São Tomás de Aquino, O boi mudo].